



**Fábio Luiz Rodrigues**

**O primeiro silicone a gente nunca esquece:  
do implante de prótese mamária  
em meninas adolescentes**

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresenta como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da PUC-Rio.

Orientadora: Profa. Junia de Vilhena

Rio de Janeiro  
Março de 2012



**Fábio Luiz Rodrigues**

**O primeiro silicone a gente nunca esquece:  
do implante de prótese mamária  
em meninas adolescentes**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Organizadora abaixo assinada.

**Profa. Junia de Vilhena**

Orientadora

Departamento de Psicologia – PUC-Rio

**Profa. Joana de Vilhena Novaes**

LIPIS/ V.R.C./ PUC-Rio

**Profa. Nadja Barbosa Pinheiro**

Departamento de Psicologia – UFPR

**Profa. Denise Berruezo Portinari**

Coordenadora Setorial de Pós-Graduação  
e Pesquisa do Centro de Teologia  
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 09 de março de 2012

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, do autor e da orientadora.

## **Fábio Luiz Rodrigues**

Graduou-se em Psicologia na UTP – Universidade Tuiuti do Paraná em 1996.

### Ficha Catalográfica

Rodrigues, Fábio Luiz

O primeiro silicone a gente nunca esquece: do implante de prótese mamária em meninas adolescentes / Fábio Luiz Rodrigues ; orientadora: Junia de Vilhena. – 2012.

133 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2012.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Cirurgia estética. 3. Prótese mamária de silicone. 4. Corpo. 5. Adolescência. 6. Psicanálise. 7. Cultura. I. Vilhena, Junia de. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150

Para Décio, companheiro na estrada que, junto com Isabel,  
estendeu-me a mão, possibilitando-me ancorá-la  
na terceira margem do Rio

## Agradecimentos

A Junia de Vilhena, que subversivamente na academia, pode me (des)orientar ao me conceder tempo - convocando-me diante das minhas páginas em branco –, um tempo além, mas dentro dos dois anos necessários para a escritura de uma dissertação de mestrado.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação da PUC-Rio, em especial Marcus André Vieira e Ana Maria Rudge.

A professora Ieda Tucherman, da ECO – UFRJ pelo acolhimento em sua disciplina “Comunicação e Imaginário Tecnológico” e disponibilidade em contribuir com a feitura deste trabalho.

Ao meu grupo de pesquisa, em especial Deborah e Marina, e aos paraenses do PROCAD, Igor, Amanda e Alex.

A Joana de Vilhena Novaes, cuja produção acadêmica acompanho desde 2008, pela afinidade do tema de pesquisa e disponibilidade em contribuir com suas ideias.

A Nadja Pinheiro, pela disponibilidade de participar da banca que avaliou esse trabalho.

A Paulo Becker, da Escola Letra Freudiana, pelo ouvido amigo.

A Dr<sup>a</sup> Ruth Graf, cirurgiã plástica que acolheu o trabalho da psicologia em sua clínica, como poucos podem acolher, fomentando assim meu retorno à academia.

A minha família, pelo sempre apoio. Aos meus avós Aldmaro e Therezinha Silveira (*in memoriam*) que me apresentaram, com suas histórias, a cidade do Rio de Janeiro.

A Marcelina, pela prontidão e ajuda.

A CAPES e à PUC-Rio pelos auxílios concedidos.

## Resumo

Rodrigues, Fábio Luiz; Vilhena, Junia de (Orientadora). **O primeiro silicone a gente nunca esquece: do implante de prótese mamária em meninas adolescentes.** Rio de Janeiro, 2012. 133p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Psicologia – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O implante de prótese mamária de silicone a que meninas adolescentes se submetem na atualidade se tornou um fenômeno cultural sem precedentes. Baseado em tal fenômeno, este trabalho pretende investigar o que move meninas adolescentes a se submeterem ao referido procedimento cirúrgico, a partir da noção de corpo representado para a psicanálise em articulação com o campo da cultura. O campo de pesquisa foi estabelecido a partir de declarações de meninas adolescentes que se submeteram ou iriam se submeter ao implante de prótese mamária de silicone, coletadas na mídia, através da *internet* com seus *blogs*, redes sociais e artigos jornalísticos. As considerações finais deste trabalho ressaltam que, diante da chamada crise da adolescência, o implante de prótese mamária de silicone a que meninas adolescentes se submetem remete ao projeto de alcançar um padrão de beleza imaginário que funcionaria como suporte subjetivo para tal crise.

## Palavras-chave

Cirurgia estética; prótese mamária de silicone; corpo; adolescência; psicanálise; cultura.

## Abstract

Rodrigues, Fábio Luiz; Vilhena, Junia de (Advisor). **The first silicone we never forget: of breast implants in adolescent girls.** Rio de Janeiro, 2012. 133p. MSc. Dissertation – Departamento de Psicologia – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The silicone breast implants that adolescent girls undergo nowadays have become an unprecedented cultural phenomenon. Based on this phenomenon, it is intended to investigate what makes adolescent girls undergo such procedure from the idea of body representation for psychoanalysis interrelated with the idea of body for medicine and the field of culture. The research field was based on statements of adolescent girls who had or would have the silicone breast implants surgery, as well as media search, through the internet, with its blogs, social networks and journalistic articles. Results highlight that, facing with the so called adolescent crisis, the silicone breast implants which adolescent girls undergo take them to the project of reaching an imaginary standard of beauty that would work as a subjective support for such crisis.

## Keywords

Plastic surgery; silicone breast implants; body, adolescence; psychoanalysis; culture.

## Sumário

1. Introdução	11
2. O Corpo na cultura	17
2.1 O primeiro Valisère – Um recorte do corpo na cultura	17
2.2 O corpo feminino em voga na contemporaneidade	19
2.3 Cirurgia estética, uma técnica corporal	23
2.4 A revelação da beleza feminina na história	25
2.5 Da beleza à felicidade	31
2.6 O corpo fabricado, o dispositivo tecnológico	35
3. O Corpo para a psicanálise	40
3.1 O percurso do capítulo	40
3.2 O corpo histórico (representado) x O corpo orgânico	43
3.3 O recalque (ou a visível invisibilidade do corpo)	46
3.4 O complexo de Édipo na menina	49
3.5 O declínio do conflito psíquico para Ehrenberg	52
3.6 Narcisismo e adolescência	59
3.7 “Isso de querer ser exatamente o que se é ainda vai nos levar além”	66
3.8 Feios, Perfeitos, Especiais	69
4. Campo	76
4.1 Descrevendo o campo	76
4.1.1 A chegada	76
4.1.2 Tentativas e impasses	76
4.1.3 Aspectos metodológicos	78
4.1.4 A (quase) invisibilidade de uma prótese de silicone...	81
4.2. Categorias de análise	86
4.2.1 Corpos indecisos: “turbinar” ou não “turbinar”? Eis a questão	87
4.2.2 Corpos presenteados: “hoje faço 15 anos!”	89



4.2.3	Corpos mediatizados: “ou você tem beleza, tem peito ou não é ninguém”	91
4.2.4	Corpos advertidos: “seios realmente insuficientes?”	94
4.2.5	Corpos em transformação: “a adolescência desperta no horizonte”	98
4.2.6	Corpos fusionados: “tal mãe, tal filha”	102
4.2.7	Corpos simetrizados: “o ideal do tamanho”	108
4.2.8	Corpos tímidos: “a vergonha é maior que o desejo!!”	111
4.2.9	Corpos desejados: “o olhar masculino”	114
4.2.10	Corpos em competição: “little miss sunshine e miss teen brasil”	117
5.	Considerações finais	123
6.	Referências bibliográficas	129

Enquanto leio meus seios estão a descoberto  
É difícil concentrar-me ao ver seus bicos  
Então rabisco as folhas deste álbum  
Poética quebrada pelo meio

Enquanto leio meus textos se fazem descobertos  
É difícil escondê-los no meio dessas letras  
Então me nutro das tetas dos poetas pensados no meu seio

Ana Cristina Cesar

## Introdução

O interesse pela questão do corpo, na contemporaneidade, associado às cirurgias estéticas, se deu a partir de um trabalho realizado em uma clínica de cirurgia plástica, na cidade de Curitiba - PR. Lá, acompanhava, como psicólogo, pacientes no pré e pós-operatório de cirurgia plástica estética e reconstrutiva. Esse último tipo de cirurgia era realizado em um menor número de pacientes, se comparado às cirurgias estéticas, que eram procuradas em larga escala. Após os seis primeiros meses dos dois anos em que lá estive, percebia no discurso bastante específico de mulheres que frequentam uma clínica de cirurgia plástica uma frase que, além de recorrente, ecoava em meus ouvidos: “agora que eu já tive meus filhos vou cuidar de mim, do meu corpo”. Nesse enunciado, para aquelas mulheres, naquele lugar, a feminilidade parecia estar em estreita ligação com a maternidade (Rodrigues & Novaes, 2011).

Quando eu já estava no primeiro ano do Programa de Pós-Graduação da PUC-Rio, percebi que “aquilo que eu já sabia que iria ouvir” das referidas mulheres – uma vez que seus motivos para realizar uma cirurgia estética era justificável aos meus ouvidos e eu não estava de todo errado – encobria uma outra questão com a qual me deparava naquela clínica e da qual naquela época ainda não me dava conta. Assim, entravam em cena as adolescentes que, na maioria das vezes que procuram por uma cirurgia estética, optam pelo implante de prótese mamária de silicone, tornando então esse tipo de cirurgia a mais cotada. No atendimento pré-operatório de meninas adolescentes, minha percepção se reduzia basicamente a três esferas, por assim dizer: a primeira, aquelas que estavam fazendo a cirurgia porque “uma amiga fez e o resultado ficou bom”; a segunda, porque a mãe já havia realizado sua cirurgia e agora era a vez delas; e por fim, a terceira, aquelas que simplesmente estavam ali para fazer a cirurgia e pareciam não saber muito bem o porquê, e justificavam por vezes “sentir vergonha de seus seios”, alegando serem muito pequenos.

“Sem saber”, a lógica por demais simples que regia meu pensar na época em que trabalhei na referida clínica era: se mulheres que já haviam vivenciado a maternidade procuram por uma cirurgia estética, já que desejam “recuperar” a

forma física de seus corpos anterior à gestação (Brazão, 2011), o que moveria meninas adolescentes, ainda com seus corpos em ebulição hormonal sofrendo suas transformações, a buscar aquele tipo de implante?

Escrever sobre o que poderia mover meninas adolescentes a procurarem por um implante de prótese de silicone, a partir da noção de corpo para a psicanálise em diálogo com o campo da cultura, não foi fácil. Isso porque a escrita me fazia desejar a palavra por ser inventada para falar daquilo que não havia como nomear. Porém, um nome escondido atrás da lua iluminava pela janela o teclado do meu computador. Esse nome era: mulher. E sobre o corpo delas no meu trabalho eu procurava escrever.

Nesse caminho, a composição do campo de pesquisa também revelou seus impasses. Recém-chegado ao Rio, não conseguia encontrar meninas adolescentes para falar sobre suas próteses de silicone. Nem dentre meus poucos conhecidos na cidade, nem em clínicas de cirurgia plástica. Muito menos, através do perfil que criei na rede social *Orkut*. De formal geral, meninas adolescentes, em redes sociais, não adicionam homens em seus perfis. Peitos siliconados parecem ser mesmo para serem mostrados, não para se escrever a respeito em uma dissertação!

Mas com o desenrolar do mestrado percebi que as adolescentes falavam, sim, sobre por que buscavam uma prótese de silicone. Sinal dos tempos, encontrei declarações de adolescentes sobre suas cirurgias na rede mundial de computadores, nos *blogs*, em artigos jornalísticos, na mídia em geral. O fato de encontrá-las falando sobre seus corpos, no espaço virtual, muito se assemelha para a psicanálise à noção de imagem corporal como aquela que não conseguimos ver a olhos nus. Entrevia meus sujeitos de pesquisa no limite do demonstrável, da mesma forma que, quando estamos diante do espelho, a imagem de nosso corpo ali refletido não se encontra totalmente lá. Algo dela nos escapa ao mesmo tempo em que nos constitui.

Então, com o recurso à noção de corpo como aquele que é dotado de uma historicidade, recorreremos aos recortes discursivos de meninas adolescentes sobre suas próteses de silicone, para ter notícias da imagem corporal a que seus corpos poderiam estar atrelados. Na tessitura dessa escrita, fios soltos não fizeram ponto, e outros pontos talvez possam ser desfeitos.

Introduzido o tema, o segundo capítulo deste trabalho pretende estabelecer um traçado sobre o corpo no campo da cultura. O recorte escolhido, que já aparece em seu título – “O primeiro silicone a gente nunca esquece”: do implante de prótese mamária em meninas adolescentes –, é uma alusão explícita à campanha publicitária “O primeiro Valisère a gente nunca esquece” (Morais, 2005), que ficou largamente conhecida, no Brasil e fora dele, nos idos dos anos 80. Tal paráfrase nos remete a um dos estatutos conferido ao corpo feminino em voga na contemporaneidade, a saber, a crescente procura, por parte de meninas adolescentes, pelo implante de prótese mamária de silicone.

Assim, buscamos em Brazão, Goldenberg, Novaes, Vigarello, Vilhena, Rocha e Sant’Anna, a fundamentação para traçarmos o panorama da beleza feminina na cultura ocidental e, evidentemente, no Brasil na atualidade. Tendo nossa pesquisa a interface com as cirurgias estéticas e sendo essa uma técnica aplicada ao corpo, recorreremos a Mauss – com sua noção de técnica corporal, a qual nos servirá como base para as articulações com os trabalhos de Le Breton sobre a manipulação dos corpos no campo da sociologia.

A exemplo de Mauss, pode-se dizer que a prótese de silicone faz parte da mais moderna técnica corporal a ser usufruída por meninas adolescentes, uma vez que elas agora participam dos padrões de beleza para o corpo da mulher adulta, encontrando-se aprisionadas, “na justeza das [suas] próprias medidas [em que] o status do corpo é adquirido através de sua jovialidade, beleza e da aparência de felicidade”, como apontado por Vilhena, Medeiros e Novaes (2005, 2008).

Logo, o objetivo deste trabalho foi lançar possíveis leituras para o que poderia mover meninas adolescentes a procurarem por um implante de prótese de silicone. Assim, no terceiro capítulo, interessava-nos saber como esse movimento poderia ser lido sob a ótica do corpo representado – também chamado de corpo histórico – em articulação com o que hoje conhecemos como o enfraquecimento da função paterna nas ditas sociedades patriarcais. Isso porque a instituição do corpo histórico depende justamente da lei paterna, ou seja, da operação do recalque a organizar as pulsões no humano, levando-o à sua passagem do campo da natureza para o da cultura. É, pois, justamente, nessa passagem, nesse interstício, que se funda a noção de psiquismo, que tem como consequência, a instituição do conflito psíquico para o humano em Freud. Dessa maneira, André, Birman, Foucault, Lacan, Rudge são os principais autores nos quais buscaremos

fundamentação para nossas articulações. Medeiros também nos auxiliará com suas considerações sobre o sujeito feminino e a estética.

Foi prioridade a abordagem da noção de corpo histórico, pelo fato de que, dentre as psicopatologias, a histeria é aquela que se expressa em uma imagem de corpo que irá se apoiar na estrutura orgânica desse corpo. Se o implante de prótese de silicone participa do discurso científico contemporâneo, que recursos então a psicanálise poderia nos fornecer para uma leitura do movimento de meninas adolescentes a buscar esse tipo de procedimento cirúrgico? Qual seria o conflito expresso como sintoma de um corpo histórico, que levaria uma adolescente a marcar seu corpo com uma prótese, justamente quando o projeto de sua cirurgia parece estar longe de lhe causar alguma espécie de angústia?

Seriam as transformações corporais, a que hoje assistimos na cultura, partícipes dos novos arranjos que estariam se dando na base da constituição do corpo histórico a partir do enfraquecimento da função paterna? O sociólogo francês Alain Ehrenberg se pergunta se a depressão que estaria assolando o humano no final do século XX não seria uma nova peça que estaria sendo pregada pela histeria, da mesma forma que a clássica cena histórica do final do século XIX. Assim, nós nos perguntamos: não seria a noção de corpo histórico que estaria hoje a nos pregar uma nova peça? A questão é pertinente, pois parece não haver nada de depressivo na imagem retratada pela corrida em se responder à demanda vigente, em nossa sociedade, de se ter um corpo perfeito, que acuse seres saudáveis, portanto, felizes, que têm como produto final seu próprio “bem-estar”.

A depressão, para Ehrenberg, seria efeito das transformações ocorridas no campo da individualidade a partir da queda do modelo disciplinar. Em sua primeira hipótese para a depressão, ele afirma que o indivíduo, com o esmaecimento das “regras de autoridade”, teria como nova norma a disciplina e a iniciativa, ou seja, a total responsabilidade sobre sua vida. Assim, tendo como pano de fundo a patologia da insuficiência de Janet, o autor afirma que restaria ao indivíduo o pesado fardo de se tornar ele mesmo. Já a segunda hipótese está calcada sobre a noção do declínio do conflito psíquico de Freud. Se não há mais nenhuma lei externa a dizer ao humano quem ele deveria ser, a fronteira entre o proibido e o permitido esgarçaria também a noção de recalque. Isso colocaria em

xeque a noção de corpo histórico, e nossa leitura para o projeto prótese de silicone em meninas adolescentes perderia sua força.

Com Ehrenberg, nos perguntávamos se o indivíduo do final do século XX estaria deprimido por conta da destituição das normas que o deixaram sem referências, reeditando na atualidade sua depressão pelo viés das transformações corporais como tentativa de manter-se fiel ao projeto de tornar-se ele mesmo. Se pensarmos com Kehl (2009, p 193-194), parece que não, pois, para a autora, “o depressivo é incapaz de corresponder aos desígnios [...] regidos pelo imperativo da felicidade”. Isso parece ser justamente o que não acontece no caso das adolescentes.

A partir do enfraquecimento do recalque, abririam-se ainda mais as comportas para o desmedido pulsional, esse excesso não abarcado pela bordas da representação que, na contemporaneidade, talvez esteja retratado pela gama de opções para os cuidados com o corpo e um “tudo posso” sobre ele, incluindo-se aí o implante de prótese de silicone. Se o excesso é o que escapa da lógica da representação, é plausível, então, que o indivíduo esteja cansado de procurar por ele mesmo, por algo que o represente.

Esse cenário contemporâneo até aqui exposto fez com que nos lançássemos ao século XVIII. Nele encontramos uma possível correlação com o estágio de medicalização da vida que alcançamos nos dias atuais. Naquela época, o iluminismo produziu duas linhas de pensamento: a primeira delas, representada por La Mettrie, trazia com o materialismo biologizante, bastante afinado com nossos dias, um corpo orgânico saudável que determinaria a vida do homem, a sua felicidade; já a segunda linha, representada por Diderot, trazia o homem determinado pelo seu meio, em que as transformações das relações em sociedade mudariam sua condição existencial.

Se a escola de La Mettrie vem nos visitar nos dias de hoje e faz hora na sala de estar, dando-nos a velha boa nova de que a felicidade está no sensível, em um corpo saudável, isso talvez se explique pelo fato de aí haver encontrado um espaço vazio: com efeito, já faz algum tempo que o investimento na transformação das relações sociais preconizado por Diderot foi evacuado daquela sala de estar para ocupar um modesto lugar na despensa dos nossos tempos. Se “não há mais ideais” pelos quais possamos lutar no campo social, parece então que nossas adolescentes têm pela frente a árdua tarefa de criar, de produzir uma

outra adolescência – “siliconada ou não” – que possa usufruir daquilo que o dispositivo tecnológico lhes proporcionou.

Por fim, o quarto capítulo foi constituído por um campo de pesquisa elaborado com declarações – coletadas na mídia, em artigos jornalísticos, redes sociais e *blogs* – de meninas adolescentes que se submeteram ou iriam se submeter ao implante de prótese mamária de silicone. Lançando mão do agrupamento de temas, dentro das declarações selecionadas, foram instituídas categorias de análise. A partir dessas se realizou um diálogo transversal com as articulações tecidas nas segunda e terceira partes desse trabalho, com o intuito de apresentar possíveis leituras para o que pode mover meninas adolescentes a procurarem pelo procedimento cirúrgico.



## 2

### O Corpo na cultura

#### 2.1

##### O primeiro Valisère – Um recorte do corpo na cultura

Mais de 20 anos se passaram da primeira veiculação de um dos mais conhecidos e premiados comerciais da televisão brasileira que, ao final de um roteiro de aproximadamente um minuto e meio, trazia uma voz feminina em *off* dizendo a emblemática frase: “O primeiro Valisère a gente nunca esquece” (Morais, 2005, p. 271). A campanha, na época, arrebatou nada mais nada menos que o Leão de Ouro em Cannes e o título de melhor filme do mundo na premiação da televisão japonesa, a NTV - *Nippon Television*.

O *briefing* da campanha alertava que “não era para vender nada, especificamente, mas tinha um objetivo mais conceitual, pretendendo passar uma idéia, um sentimento” (Morais, 2005, p. 270), pois a empresa desejava tão somente se renovar, baseando-se no fato de que, para as consumidoras, a *lingerie* de náilon era tida como menos confortável do que a de algodão. O não compromisso de vender aliado à perfeita tradução da “primeira vez”, belamente retratada no encantamento da adolescente em ganhar seu primeiro sutiã, parecem ter sido alguns dos fatores que tocaram esse tal “sentimento” localizado então no imaginário feminino, renovando, assim, tal qual o desejo da empresa, algo de adormecido.

Já se foram mais de 20 anos daquela veiculação que, atravessando a rede nacional, ganhou o mundo e, até hoje, ainda é lembrada, seja na repetição da frase como proferida no comercial ou, mais ainda, nos desdobramentos de tal concepção nos mais diversos lugares e até mesmo em outras campanhas publicitárias. A assinatura da voz feminina em *off* parece fazer espelho a algo que ainda não se sabe, mas que, no entanto, se deseja; em outras palavras, o movimento que parte da menina em busca de tornar-se mulher.

Se o sutiã alcança *status*, representando assim signo de feminilidade na concepção da campanha publicitária, esse fato talvez possa se dever a outro momento histórico, em que a referida peça foi símbolo de contestação. Trata-se,

na segunda metade do século XX, do *Bra-Burning* em praça pública, nos Estados Unidos. Vale lembrar que a queima dos sutiãs foi incendiária, não pelo fogo em si, que na realidade nunca aconteceu, mas sim pelo caráter simbólico atrelado à manifestação ocorrida na cidade de Atlantic City, em 1968, reiterando o final da referida década como uma época de grandes transformações pelos quatro cantos do mundo. Na ocasião, aquele ato já era um “protesto contra a ditadura da beleza feminina imposta às mulheres da época”<sup>1</sup>, momento em que Jordi Ford recebia o título de Miss América.

Dando sequência ao nosso breve levantamento dos fatos envolvendo essa peça do vestuário feminino, não poderíamos deixar de fazer referência a uma das últimas invenções no mundo dos brinquedos, retrato dos dias atuais, e que muito tem a ver com nosso tema de pesquisa. Trata-se do *Barbie Fake Boobs*, um set de implantes de silicone para a boneca americana que leva o mesmo nome. A notícia sobre o novo brinquedo, que foi encontrado no site “Aleitamento Materno”, na matéria “Denúncia: boneca Barbie com silicones nas mamas?! ”<sup>2</sup>, traz também a declaração do diretor científico da SBCP - *Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica* -, em 2009, o cirurgião plástico Paulo Roberto de Albuquerque Leal. O referido diretor afirma que “estamos vivendo uma americanização do padrão e do gosto por seios volumosos”. Até mesmo Barbie parece se render a tal padrão de seios avantajados nos Estados Unidos da América, dando mais força à demanda mercadológica, resposta ao desejo do Outro, em território americano. Desbancando em definitivo a brasileira Susi, boneca fabricada entre as décadas de 60 a 80 pela Estrela, por aqui não vimos nada de parecido: a Barbie brasileira não foi até então contemplada com nenhuma prótese glútea como resposta à conhecida preferência nacional dos homens – a bunda da mulher brasileira.

No entanto, se o imaginário masculino brasileiro assim valorizou essa parte do corpo de nossas mulheres, ou se a natureza se encarregou de tal atributo, isso não vem diretamente ao caso nesse momento; o que vemos hoje é justamente um crescimento no número de cirurgias estéticas de implante de prótese mamária de silicone. Ainda na mesma matéria, sobre o implante para a boneca *Barbie*, o então presidente da SBCP, José Tariki, salienta:

<sup>1</sup> Disponível em: <http://adpereira.wordpress.com/2009/11/05/voce-queimaria-um-sutia-de-15-milhoes-de-dolares/>. Acesso em: 3 Abr. 2010.

<sup>2</sup> Disponível em: [http://www.aleitamento.com.br/a\\_artigos.asp?id=x&id\\_artigo=2520&id\\_subcategoria=4](http://www.aleitamento.com.br/a_artigos.asp?id=x&id_artigo=2520&id_subcategoria=4). Acesso em: 13 Set. 2011.

O conceito era que brasileiro gostava de mama pequena e bumbum grande. Hoje, ter mama grande deixou de ser problema. Na década de 90, só 10% das cirurgias de mama eram de aumento enquanto 90% eram de redução.

Para nos situarmos sobre tal estado da arte, vale citar a última pesquisa encomendada ao Instituto de Pesquisa DataFolha pela Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica. Realizada de setembro de 2007 a agosto de 2008, a pesquisa foi aplicada em cirurgiões plásticos, cadastrados como membro especialista da referida Sociedade. Os resultados apontam que, dentre as cirurgias plásticas realizadas no Brasil, em torno de 629 mil ao ano, 27% são reparadoras e 73%, estéticas e, destas, 21% correspondem ao aumento de mama.

Houve, sem dúvida, uma mudança nos padrões de beleza feminina em nosso país. Implantes de prótese mamária de silicone estão na ordem do dia, fazendo parte de um conjunto de práticas sociais que, tudo indica, parecem estar mudando comportamentos e formas de entender o corpo. Abordemos tal movimento sob o ponto de vista da cultura que o cerca.

## 2.2

### **O corpo feminino em voga na contemporaneidade**

O corpo em voga na contemporaneidade no mundo ocidental, tudo indica, clama por visibilidade e reconhecimento, se pensarmos na forma como ele se apresenta nos mais diversos espaços sociais na atualidade. O corpo contemporâneo narcisicamente parece procurar, independentemente de sua classe social, holofotes que lhe iluminem a passarela na qual ele foi levado a desfilar.

Ainda ontem, também, o corpo entrou para a rede mundial de computadores, a *internet*, e não sem conseqüências. Esse fato parece ter lhe proporcionado redesenhar, redefinir o ângulo da sua própria imagem. Sob forte luz da passarela midiática, televisiva, litorânea, dos bailes *funk* em favelas, bailes de debutantes no mais *in* dos clubes de qualquer cidade brasileira ou lugar do mundo que lhe confira destaque, o corpo é levado a criar imagens de si, o que parece o estar deixando enfastiado.

Fadado a uma “linha de produção”, o corpo da mulher parece, a todo momento, estar pronto a ser consumido, fechando-se cada vez mais em sua

própria imagem extremamente carregada de sentido. Sentidos esses, percebe-se, que mais e mais, com o passar do tempo, cristalizam uma imagem de corpo ideal. Tal imagem parece não dar chances para que um outro sopro o alivie desse sufocamento imaginário em que se encontra e aponte para uma diferença. Conforme as palavras de Vilhena, Medeiros & Novaes (2005) não há

Nada mais cruel do que lutar com um inimigo implacável e inexorável. Contra a ação do tempo as mulheres lutam, tentando manter-se sempre jovens e belas. Frenéticas e enlouquecidas consumindo compulsivamente toda sorte de produtos que prometem retardar o seu envelhecimento e manter sua beleza, essas mulheres lutam contra si, perdendo-se no espelho a procura de si mesmas. Se antes as roupas as aprisionava, agora aprisionam-se no corpo, na justeza das próprias medidas (Vilhena, Medeiros & Novaes, 2005, p. 138).

Em meio às transformações do corpo e do olhar sobre o corpo, uma outra transformação em cena chegou para ficar. Estamos falando da cirurgia plástica de cunho estético que, colocando da forma mais simples, modifica, transforma a massa corpórea de um ser humano.

Cirurgias de cunho estético, sabemos, não escapam à influência dos padrões de beleza vigentes sob as luzes das passarelas das semanas de modas; da mesma forma, os referidos padrões são, pelo menos em parte, determinados por aquilo que as cirurgias estéticas podem oferecer. No Brasil, esse padrão tem seus imperativos: corpos sarados, magros, bronzeados, siliconados, tornando-se assim dotados de valor em sua passarela. Goldenberg (2007) ressalta que, na cultura brasileira, o corpo seria uma riqueza, e que indivíduos de camadas sociais mais pobres o veem como sinônimo de ascensão social nos mercados de trabalho, casamento e sexual.

Mas que visibilidade tão almejada seria essa que o corpo contemporâneo busca na tão massificada “sociedade do espetáculo”? Haveria, para ser visível, a necessidade de se criar um novo corpo como tentativa de estabelecer uma relação ponto a ponto, através de um discurso e prática social, que eleve o corpo real à condição de um corpo dentro dos padrões de beleza vigentes?

A cirurgia estética, com a força que a vemos na atualidade, vem se estabelecendo, percebe-se, como uma das tecnologias de ponta que vieram para transformar o corpo em seus usos, seus desejos. Essa tecnologia não deixa de ter

como base o princípio de técnica corporal, segundo formulação de Mauss (1934) sobre o corpo em seu viés sociológico.

Para pensarmos o corpo na cultural ocidental, recorreremos inicialmente ao texto “Técnicas do Corpo” (1934), no qual o autor trata do modo como uma sociedade ou cultura incidem sobre um determinado corpo, ou seja, as consequências para o corpo orgânico de nascer ou vivenciar determinada cultura desde tenra idade.

Mauss (1934) entende por técnicas relativas ao corpo “as maneiras como os homens, sociedade por sociedade e de maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos” (Mauss, 1934, p. 211). Alguns exemplos dessas técnicas, observadas e nomeadas pelo autor, retratam os mais variados usos do corpo, como podemos verificar em expressões como “educação do andar”, “posições da mão”, “corrida”. O autor irá salientar que a transmissão de uma técnica está ligada ao seu ensino, o qual é vinculado aos preceitos da cultura onde essa mesma técnica é ensinada. Ainda acrescenta que a utilização dessas técnicas, cada qual dentro de seus critérios, varia “não simplesmente com os indivíduos e suas imitações, mas, sobretudo, com as sociedades, as educações, as conveniências e as modas, com os prestígios” (Mauss, 1934, p. 214). Não estariam, hoje, os “prestígios” do corpo, se pensarmos nas cirurgias estéticas, em fina associação com o padrão de beleza socialmente aceito? Mauss (1934) ressalta que

É precisamente nesta noção de prestígio da pessoa que torna o ato ordenado, autorizado e provado, em relação ao indivíduo imitador, que se encontra todo o elemento social. No ato imitador que segue, encontram-se todo o elemento psicológico e o elemento biológico (Mauss, 1934, p. 215).

Dessa maneira, o autor considera que, na sociedade, as técnicas do corpo são uma resultante do encontro do viés sociológico, biológico e psicológico. É em virtude do viés psicológico que Mauss irá falar de “imitação prestigiosa”: uma criança autorizada por alguém em quem ela confia irá imitar, desta, atos que tiveram sucesso. Vale lembrar que esse “alguém” pode ser qualquer pessoa, incluindo-se aí também a autoridade parental, biológica, ou quem exerce essa função. Cabe a interrogação: como essa imitação prestigiosa, na cultura brasileira, poderia contribuir para que meninas adolescentes, de praticamente todas as classes sociais, fossem levadas a procedimentos estéticos, incluindo-se aí o implante de

prótese mamária de silicone? Novaes (2010), ao articular estética e classe social, salienta:

Não há como imaginar um sujeito descolado da dinâmica política e social em que vive – seria espantoso que o discurso sobre a beleza e seus parâmetros não atingisse a todos (Novaes, 2010, p. 107).

Junto a essas dinâmicas deve-se considerar ainda a ótica da história, ou seja, a operação lógica que desembocaria em uma concepção de beleza vigente para um corpo em determinada cultura. Assim, à frente, um diálogo com a história da beleza fará parte dessa abordagem sobre o corpo na contemporaneidade. Ainda em relação à imitação prestigiosa, devemos lembrar que os atos que obtiveram sucesso são também copiados em escala de proporções nacionais – e, mundial – tendo a mídia como fio a entrelaçar e tecer a colcha de retalhos brasileira; como aponta Costa (2004),

Os indivíduos, além de serem levados a ver o mundo com as lentes do espetáculo, são incentivados a se tornar um de seus participantes pela imitação do estilo de vida dos personagens da moda. A imitação, contudo, não pode ir longe. A maioria nem pode ostentar as riquezas, o poder político, os dotes artísticos ou a formação intelectual dos famosos, nem tampouco fazer parte da rede de influências que os mantém na mídia. Resta, então, se contentar em imitar o que eles têm de acessível a qualquer um, a aparência corporal. Daí nasce a obsessão pelo corpo-espetacular (Costa, 2004, p.230).

Não é raro encontrarmos, no discurso de adolescentes que se submetem à cirurgia estética, o “motivo” que as levaram a fazer uma cirurgia. Tal fato talvez não seja o mais relevante, pois novas justificativas são elaboradas a todo momento. Encontrar para si mesma uma ideia que ratifique a noção de imitação prestigiosa parece ser mais valioso. Um bom exemplo de imitação prestigiosa que será transmitida, encontrado nas vozes de meninas adolescentes, é o sucesso atingido através do “bom” resultado da cirurgia de implante de prótese mamária feita por uma amiga. Na contemporaneidade, por exemplo, como veremos no capítulo sobre o campo de pesquisa, implantar prótese mamária de silicone ao completar 15 anos de idade parece estar se tornando, em nossa sociedade, um rito de passagem. Mauss (1934) mesmo afirma que um dos requisitos mais

importantes para que uma técnica tenha vida longa é a tradição. Vale lembrar, ainda, que costumes e tradições são transmitidos pela via da educação.

É sabido, também, que é pela via da palavra que se dá a educação. Lembremos, como citado anteriormente, que uma técnica do corpo é fruto da junção do viés psicológico, onde a educação está inserida, além dos vieses sociológico e biológico. Assim, pela via da palavra, temos a paciente da cirurgia estética a falar de uma técnica aplicada ao seu corpo orgânico dentro de um contexto sociológico. A técnica corporal mais simples contendo a ideia de “servir-se de seus corpos” apontada por Mauss (1934, p. 211) não ficou para trás e, sim, parece ter evoluído a tal complexidade de uma técnica cirúrgica estética.

### 2.3

#### **Cirurgia estética, uma técnica corporal**

Pensando a cirurgia estética como uma técnica corporal, recorreremos aos textos de Le Breton (2003) sobre as transformações corporais. Em uma das passagens sobre o assunto, o autor salienta que

A cirurgia estética é uma medicina destinada a clientes que não estão doentes, mas que querem mudar a sua aparência e modificar, dessa maneira, sua identidade, provocar uma reviravolta em sua relação com o mundo, não se dando um tempo para se transformar, porém recorrendo a uma operação simbólica imediata que modifica uma característica do corpo percebida como obstáculo à metamorfose (Le Breton, 2003, p. 47).

Acredita-se que, ao fazer menção a “clientes que não estão doentes”, o autor apenas se refira àqueles que não estão sofrendo de algum mal, quando uma ou mais funções orgânicas, fisiológicas comprometem o bom funcionamento dos seus corpos. A noção de doença e, conseqüentemente, a noção de cura para a medicina é totalmente distinta dessas mesmas noções no campo da psicanálise. Retornaremos a esse ponto quando, no terceiro capítulo, abordarmos a noção de corpo para a psicanálise e para a medicina. No entanto, vale a pergunta: em casos de transformações corporais extremas, qual seria a linha que separaria um comprometimento psíquico severo daqueles que querem apenas se livrar de “uma característica do corpo percebida como obstáculo à [sua] metamorfose”?

As manifestações culturais, na contemporaneidade, que envolvem as transformações corporais na cultura ocidental são expressões que, percebe-se, dizem respeito a uma “evolução e desenvolvimento” da espécie humana. A que preço e a que velocidade o corpo humano paga para alcançar o seu próprio corpo lançado no futuro? Vale lembrar, aqui, a interessante passagem do filme *Além das nuvens*, de Antonioni e Win Wenders, em que uma personagem, em um bar, conta a história de uma equipe de arqueólogos que contratam carregadores mexicanos para levarem seus instrumentos de trabalho e pertences pessoais a uma região montanhosa. Os arqueólogos, em ritmo acelerado vão à frente dos carregadores quando, esses últimos, em determinado momento, param. Ao serem questionados pelo chefe da expedição por que pararam, respondem que, por terem andado rápido demais, agora deveriam esperar por suas almas (Tucherman, 1999).

Não tendo mais tempo para esperar por sua alma, o sujeito moderno, nos dias de hoje, parece recorrer a qualquer preço em busca daquilo que lhe apresente a efêmera lembrança de si próprio, para que, ao menos com isso, ele se reconheça nessa diferença. Tucherman (2004) precisamente aponta que

Onde somos radicalmente outros é no uso que fazemos das biotecnologias e das exteriorizações: cirurgias plásticas, medicina ortomolecular, reposições hormonais, complementos nutritivos, liftings químicos ou a laser, botox, lipoescultura, e outros tais que parecem fazer um hibridação da nossa subjetividade estetizante e o universo das técnicas disponíveis (Tucherman, 2004, p. 140).

Assim, a cirurgia estética como uma reedição da noção de técnica corporal para Mauss (1934), tudo indica, oferece ao humano a possibilidade de apreender algo que lhe escapa, mas, ao mesmo tempo, o constitui. Restaria a este corpo manipulável tal empreitada, tornando-o assim, nas palavras de Le Breton (2003),

Suporte de geometria variável de uma identidade escolhida e sempre revogável, uma proclamação momentânea de si. Se não é possível mudar suas condições de existência, pode-se pelo menos mudar o corpo de múltiplas maneiras (Le Breton, 2003, p. 28).

O autor ainda acrescenta que o corpo “tornou-se a prótese de um eu eternamente em busca de uma encarnação provisória para garantir um vestígio



significativo de si” (Le Breton 2003, p. 29). Não seria esse “vestígio de si” a expressão de uma imagem, tal qual a alegria da criança ao ver sua imagem no espelho? Esse ponto será melhor discutido no terceiro capítulo nas articulações com o campo da psicanálise.

Na atualidade, tudo indica que os cuidados com o corpo, se não são incorporados no dia a dia de um mortal, o colocarão às margens do ideário dos bens de consumo produzidos para o seu “bem-estar”, portanto, para serem consumidos. Uma vez incorporados, esses bens lhe conferirão um status, ao menos imaginário, de pertença ao diferente e exclusivo, o que, por ironia, a cada dia que passa está mais ao alcance de todos.

Le Breton (2003, p. 30) é claro quando salienta que a cirurgia estética “oferece um exemplo impressionante de consideração social do corpo como artefato da presença e vetor de uma identidade ostentada”. Não estaria aí um bom mote, em nossa “sociedade do espetáculo”, para meninas adolescentes aderirem à moda do implante de prótese de silicone mamária?

Implantes de prótese mamária de silicone entraram de sola no mercado que engloba os serviços de beleza, a serem consumidos pelas mulheres, tais como *peeling* facial, massagem estética, depilação a laser, drenagem linfática, toxina botulínica, *ultrashape*, além dos tradicionais como maquiagem, que já pode ser definitiva, pé e mão e a tríade tintura, corte e escova. Esse mercado, que tem seu lugar garantido nos mistérios do corpo da mulher, proporcionando-lhe o frescor da juventude, é traduzido pela ideia de saúde.

É essa relação entre o corpo da mulher, a beleza feminina e seus padrões ao longo da história que abordaremos a seguir.

## 2.4

### A revelação da beleza feminina na história

Há tempos assistimos ao diálogo que associa beleza e feminilidade. Tal diálogo, na esfera acadêmica, é dotado de uma história. Essa, iremos buscar no comportamento mais cotidiano das mulheres nas cidades, nas transformações relativas ao seu papel na sociedade, tanto o de outrora como o da atualidade. Para pensarmos sobre essa relação, façamos inicialmente um simples exercício de inversão de gênero sobre o assunto.

Cena típica de bar: homens tomando cerveja. Cena extremamente menos típica de bar: homens tomando cerveja elogiam o novo corte de cabelo do ator Tiago Lacerda. A partir desse momento, no máximo ouviremos o adjetivo “legal” para descrever o estilo adotado pelo referido ator, ou, ao contrário, algo como: “com esse corte de cabelo bonitinho assim não é homem, só pode ser viado”. Essa sentença, tudo indica, reforça a associação entre beleza e feminilidade, se lembrarmos aqui do estereótipo gay associado ao feminino. Já se o famoso for um jogador de futebol, aí teremos os mais diversos adjetivos positivos como aprovação e, inclusive, a possibilidade de adoção explícita do estilo de corte de cabelo: o imaginário que ronda o futebol, esporte “para homens”, permite contribuir para que as bases daquilo que chamamos de masculinidade não seja abalada com meros caprichos de beleza.

Essa associação, no campo masculino, parece ter sofrido um enfraquecimento de seus tabus perante a cultura gay. Afinal de contas, sem filhos para criar, o mercado econômico entendeu que essa fatia da população tem mais dinheiro disponível para consumir. Temos como exemplo a moda gay que, paulatinamente, com seu estilo, deixa de se tornar algo exclusivo dos gays e passa a ser adotado pelo dito homem heterossexual. Para aliviar tensões e dúvidas deu-se ao macho adulto branco um novo nome, metrossexual, uma figura bastante distante do homem do século XVI: “terrível e belo” [...] com “graça [...] mas também austeridade e mesmo dureza” (Vigarello, 2006, p. 25). A gíria, que combina as palavras metropolitano e sexual, faz referência ao homem urbano que se embeleza e se cuida demasiadamente. Todas essas transformações, mesmo que lentas, na esfera masculina podem ser verificadas no campo da cultura. Assim, podemos afirmar que houve uma “naturalização” dos cuidados masculinos em relação à beleza.

Todavia, se pensarmos na recorrente associação entre feminilidade e beleza parece não ter havido, ao contrário do que se percebeu em relação aos homens, um relaxamento dos códigos que ditam padrões de beleza. Basta lembrarmos da discussão em torno do conteúdo da campanha publicitária da famosa marca de *lingerie* – olha ela aí, mais uma vez em cena - *Hope*<sup>3</sup>, protagonizada por Gisele Bündchen, no ano de 2011. Nela, a modelo, usando

---

<sup>3</sup> Disponível em: <http://www.hopelingerie.com.br/ch/index.aspx>. Acesso em: 15 Nov. 2011.

calcinha e sutiã, sugere às mulheres que o recurso à sensualidade é um bom artifício para dar uma notícia desagradável ao marido: “Amor, bati seu carro”. Ora, é sabido que a mulher faz uso de sua sensualidade para conseguir “o que quer”, no entanto, em um dos vídeos da referida campanha, esse fato nos dá fortes indícios de estar atrelado ao discurso de que a mulher não é boa motorista.

A então Secretaria de Políticas Especiais para as Mulheres, que considerou o conteúdo da campanha sexista, pediu ao Conar – Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária – que analisasse o conteúdo do material publicitário. Entretanto, o referido Conselho decidiu por unanimidade arquivar o processo. Diante de tal estado da arte, é interessante pensar que, se por um lado, Bünchen é um bom exemplo da autonomia da mulher em relação ao homem na contemporaneidade, por outro, ao protagonizar a referida campanha, tropeça em sua própria imagem de *femme fatale*, reproduzindo velhos estereótipos sexistas, dos quais ela mesma, muito provavelmente, já foi vítima.

Em outras palavras, embora o tempo passe e “progressos” sejam feitos, há sempre questões que ficam como restos não simbolizados no campo da cultura. A tal associação entre feminilidade e beleza parece ser uma delas, se pensarmos que uma subserviência feminina perdura em relação à beleza. Artigos acadêmicos tratam do tema exaustiva e profundamente. Tal insistência deverá, acreditemos, lentamente, quebrar concepções tais quais as contidas nos exemplos acima citados. Caso contrário, não seria o caso de pensarmos justamente o que significa reapresentar, então, mais uma vez, a histórica associação entre beleza e feminilidade? Vamos a ela.

Na contemporaneidade não podemos deixar de citar a mais moderna das técnicas corporais, a exemplo de Mauss, a cirurgia plástica estética. Surgindo no século XVI, mas sendo resgatada só no século XVIII, a cirurgia plástica teve seu “boom” na segunda metade do século XX em que foi utilizada para tratar mutilados na 2ª Guerra Mundial. Com isso “ganha força sua utilização como instrumento de transformação estética” (Novaes, 2006, p. 140).

Recurso tecnológico de ponta, esse tipo de cirurgia vem reafirmar os laços entre a beleza e a mulher e, nos dias atuais, se propõe a incluir até mesmo as novas mães. Quando nem mesmo uma recente gestação parece justificar marcas corporais indesejáveis, as cirurgias plásticas já podem ser vendidas em pacotes nos EUA e na Inglaterra, por exemplo. Conhecidas como “mommy

*makeover*" ou *"mommy job"*, prometem levantar os seios, definir o abdômen e acabar com as gordurinhas, apagando de vez qualquer vestígio inaceitável, decorrente da gestação (Brazão, M., Novaes, J.V. & Vilhena, J., 2010).

Assim, se o assunto é a histórica associação entre beleza e feminilidade, o termo "cirurgia estética" parece reeditar tal associação na contemporaneidade. Estaria tal recurso, à mão da mulher, tão banalizado, nos dias atuais, como uma ida ao salão de beleza? Se a cirurgia estética é, hoje, uma das facetas do estado da arte a respeito do embelezamento feminino, nesse início do século XXI, é aos séculos anteriores que recorreremos, para entender como a beleza se revelou.

Vigarello (2006) faz um interessante traçado da beleza e suas histórias a partir do Renascimento até os dias de hoje. Histórias essas as mais cotidianas possíveis, ricas em detalhes sensíveis, sobre as formas esteticamente aceitas ou não, na tentativa de descrever "os indícios vindos do interior, os sinais da alma" (Vigarello, 2006, p. 10). Assim, o autor dá preferência a um encadeamento lógico que explicitará de que forma, de tempos em tempos, os padrões de beleza se deslocam, se reinventam e retornam "ao mesmo lugar", e aponta que a história da beleza

Explora tanto as palavras como as imagens. Em particular as palavras, porque elas traduzem as tomadas de consciência, os interesses distintos, as sensibilidades reconhecidas e experimentadas (Vigarello, 2006, p. 10).

Para ele, o século XVI irá revelar a beleza como pura presença, "anjo descido do céu" (Vigarello, 2006, p.14), em que se privilegiam as partes altas, o visível do corpo, em detrimento das baixas; em outras palavras, a beleza é hierarquizada. As mãos e seus gestos, o busto e o rosto estão em primeiro plano. Pintores guardam em seus ateliês retratos de mulheres que são selecionadas por suas belezas, e não por sua classe social. O início da modernidade irá revelar o entrave de traduzir em palavras o que era a beleza do corpo, no entanto, as descrições ganham alguma dimensionalidade, "a aparência se torna mais polpuda, o contorno mais consistente" (ibid., p. 16). O olhar participa ativamente no reconhecimento da beleza das chamadas partes altas; porém, de forma bastante moralista, nega a admiração das partes baixas, que não foram dadas à contemplação, mas tão somente como sustentáculo que dá vida às partes altas.

Partes altas, o rosto, os olhos e as mãos com gestos delicados e sutis invocam fragilidades; “a beleza valoriza o gênero feminino a ponto de aparecer nela como a perfeição” (ibid., p. 23), atributo da feminilidade. A distinção de gênero traz como consequência o estabelecimento dos papéis. Para o homem, o trabalho pesado, já que tem a força; para a mulher, os cuidados com o lar, onde sua delicadeza e beleza encontram seu lugar. Assim, “a excelência de estética física definitivamente feminizou-se: força e beleza se dissociaram” (ibid., p. 25).

Nesse sentido, Sant’Anna (2005) lembra que a beleza, embora associada à feminilidade, sofre transformações nos “modos de conceber e de produzir o embelezamento” (Sant’Anna, 2005, p. 121). Assim, percorreremos com a autora a história do corpo, agora, com enfoque no embelezamento feminino em nosso país.

Em um país como o Brasil, de dimensões continentais, embelezar-se, podemos afirmar, também está vinculado às formas como as culturas regionais percebem o corpo feminino. É exemplo real, nesse âmbito, a maior ou menor possibilidade de exposição do corpo de acordo com as variações climáticas de cada região do país. Logo, a mídia televisiva parece ter a importante função de “unir” geografias longínquas e diferenças climáticas em uma só imagem. Imagem essa que vem se transformando mais ainda, não só nacional, mas também mundialmente via *internet*. Essa, no entanto, cria uma nova possibilidade aos seus usuários, o que não era conferido aos telespectadores do antigo tubo catódico, ou seja, a possibilidade de interagir com o outro em tempo quase real. Tal feito ainda dá aos seus usuários a condição de agentes de transformação de realidades.

Nessa aldeia global, na esteira de McLuhan (1962), o corpo também é pautado, padronizado, locus em que se inscrevem as últimas novidades e possibilidades de embelezamento que “prometem” ser destaque no “próximo verão” à luz das novas descobertas tecnológicas e científicas.

De acordo com Sant’Anna (2005), não seria apenas o embelezamento que definiria padrões estéticos de uma beleza fugidia que deveria vigorar. As variações do “antigo sonho de ser moderno e civilizado, que há muito persegue as elites desse país” (Sant’Anna, 2005, p. 122), também participariam do desejo brasileiro, na esfera estética, de pertencer ao clube “do cultivo diário de uma aparência bela e do bem-estar conjugal” (ibid., p. 129). Vigarello (2006), ao discorrer sobre a história da beleza, aponta que essa deveria ser compreendida como uma invenção em relação ao tempo, em que

A originalidade da cultura europeia em torno do fim do século XV reside na ascensão do impacto dado a uma presença: uma curiosidade estética nova ressaltada nos rituais de entrada de príncipes, nas práticas da corte, nos tratados. A novidade aqui reside na vigilância bem particular dada ao belo e às impressões provocadas por ele (Vigarello, 2006, p. 11).

Assim, se, no Brasil da primeira metade do século XX, por um lado, a beleza será alcançada através das prescrições médicas com tratamentos de cunho estético como a extração de pelos(ê) e com tratamentos mais assépticos, casos de saúde pública, com a cura das mais diversas doenças, por outro, o embelezamento será visto com maus olhos, sendo remetido “à vida das mulheres consideradas excessivamente vaidosas, das artistas, e libertinas” (Sant’Anna, 2005, p. 123).

No entanto, se vaidade remeteria a uma beleza duvidosa, já que se distanciava daquela beleza concedida como uma dádiva divina, no Brasil, até 1950, a vaidade, a vida das artistas e a libertinagem funcionavam com uma referência a ser seguida, já que ditavam a moda. As atrizes desse período davam dicas de beleza em revistas femininas da época, deixando para trás as ultrapassadas prescrições médicas de como alcançar a beleza. Com a campanha publicitária, os produtos de beleza passam a “influenciar diretamente o psiquismo de cada mulher, tornando-a não somente mais bela como também mais feliz e satisfeita com ela mesma” (Sant’Anna, 2005, p. 128).

Nos dias de hoje, as atrizes ainda participam do imaginário de serem as portadoras dos segredos para se tornarem belas, no entanto, aliados também à “prescrição médica” de seus cirurgiões estéticos. Além disso, outros tipos de pessoas conhecidas do grande público entram em cena; estamos falando das celebridades e subcelebridades<sup>4</sup>: as primeiras remetem às pessoas com significativa e real notoriedade em suas carreiras com prestação de serviços à sociedade como um todo; já a subcelebridade, um neologismo, refere-se às pessoas que se enquadram dentro dos chamados *reality-shows*, ou ainda, aquelas que se tornam famosas por estarem ao redor de ou se relacionarem com pessoas já conhecidas. Aqui parece ser o caso de algumas mulheres de jogadores de futebol ou de pagodeiros.

Tanto a atriz brasileira internacionalmente reconhecida como a esposa de jogador de futebol “de programa de auditório”, se bonitas, são padrões de beleza a

<sup>4</sup> Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Celebridade>. Acesso em: 15 Nov. 2011.

serem seguidos por aqui ou em qualquer lugar do mundo. A *internet* é a prova mais cabal de que hoje qualquer um pode “ficar famoso”. Nunca saberemos ao certo se os tais quinze minutos de fama, a que se referiu Warhol, artista plástico americano cujo trabalho era vanguarda nos anos 1960, pode ser entendido exatamente como o que assistimos atualmente na cultura, na *internet*. No entanto, é inegável a relação dessa ideia, na atualidade, com a frase do referido artista.

Nos idos dos anos 50, como citado acima, dá-se ênfase à imagem da mulher bonita, portanto feliz, já sob o efeito, *à la* Mauss (1934), do uso de algumas “técnicas corporais”. A mulher tornou-se “sem tristeza e, sobretudo, sem passado” (Sant’Anna, 2005, p. 129). Sem passado, sem as marcas do tempo, tal qual proporcionado, na atualidade, por um bisturi na mão de um cirurgião plástico que proporcionará novamente a tão sonhada felicidade via alguns retoques estéticos na tentativa de recuperação do belo.

Nesse sentido, contrariamente ao gosto de alguns, mesmo a relação entre beleza e felicidade, combatida com a negação do passado, possui uma história. Sabiamente Paulinho da Viola, em declaração, faz longínqua alusão à felicidade, à beleza de viver, sentenciando “eu costumo dizer que o meu tempo é hoje, eu não vivo no passado, o passado vive em mim”<sup>5</sup>. Vejamos como a referida relação se estabeleceu.

## 2.5

### Da beleza à felicidade

Na cultura contemporânea a associação entre beleza e felicidade remete à afirmação de Costa (2004, p. 19) de que “para corpos diferentes, felicidades diferentes”. Nos dias atuais, a beleza desnaturalizada parece ocupar um lugar que, se não atingido ou ao menos almejado, denunciará o sujeito como sendo aquele que não está ajustado, que negligencia os recursos de ponta para o alcance da felicidade. Vilhena, Novaes & Rocha (2008) questionam:

... que imagem do corpo é exaltada na cultura vigente? O status do corpo é adquirido através de sua jovialidade (eternização da

---

<sup>5</sup> Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=RvkG5iDxU4s>. Acesso em 19/01/2011.

juventude), de sua beleza (cria-se uma nova categoria de exclusão – a feiúra), da aparência de felicidade (estando aí incluída a imagem de sucesso – aqueles que deram certo são os que portam todos os traços até então citados ... (Vilhena, Novaes, Rocha, 2008, p. 385)

Vemos, assim, o corpo envolto na seguinte tríade: beleza, felicidade e juventude, em outras palavras, um corpo saudável. Vejamos, primeiramente, o que porta a relação entre beleza e felicidade, para em seguida abordarmos as considerações a respeito da juventude.

O encadeamento lógico da noção de felicidade nos mostra que sua história vem corroborar nossas articulações, ilustrando que “em nossa sociedade de consumo de massa, a felicidade reside em tudo aquilo que pode nos fazer sair do anonimato, da multidão, do cotidiano, da igualdade democrática” (Germain, 2006, p. 14). Vilhena, Novaes, Rocha (2008) ainda vão além e lembram que a felicidade “tornou-se um direito e, até mesmo, um dever”.

Com o advento da filosofia, inicia-se a reflexão sobre o tema da felicidade; conseqüentemente, “começa” a sua busca, a procura por. Comte-Sponville (2006, p. 19) nos lembra que essa procura se inicia “pelos meandros do pensamento, da abstração, da razão, da reflexão e da argumentação”. O autor ainda acrescenta que os primeiros filósofos se debruçaram sobre as questões da natureza e do ser, e que será somente com a virada socrática que toda a questão da felicidade passará a existir nas articulações filosóficas. Tais articulações sobre o homem serão belamente retratadas, posteriormente, na afirmação “Conhece-te a ti mesmo”. Assim, o “conhecer a si mesmo não significa contemplar o próprio umbigo, mas sim tentar saber quem somos e, também, o que devemos ser; é perguntar a si mesmo como pensar, como viver e como ser feliz” (ibid., 2006, p.20).

Mais tarde, com o início do cristianismo, a felicidade irá sofrer um deslocamento geográfico e, então, a reencontraremos nos céus, iniciando-se assim a associação entre felicidade e paraíso. Delumeau (2006) lembra que “o homem tem necessidade de imagens. Por isso, ele buscou concretizar suas aspirações em relação à felicidade e construir para si mesmo uma representação da felicidade eterna”, (Ibid.,2006, p. 76). E acrescenta:

Se essa felicidade foi representada sob a forma de um jardim, ou de uma cidade celeste, isso é secundário. O importante é que seu



conteúdo representava e continua a representar uma esperança fundamental (Comte-Sponville, Delumeau, Farge, 2006, p. 78).

É bastante comum, nos serviços de pré-operatório da cirurgia estética, ouvir de forma sutil, se não explicitamente, a ideia de que a cirurgia irá proporcionar, trazer novamente algo que se perdeu ou a que não se tem mais acesso. Certa ocasião, este pesquisador, ao perguntar a uma paciente sobre como ela estava se sentindo após sua cirurgia, obteve como resposta apenas: “É de uma felicidade, não sinto dor nenhuma!”. Vale lembrar que a paciente havia feito a cirurgia pela manhã e a pergunta fora feita no período da tarde, quando ela já se encontrava no quarto da clínica, após deixar o centro cirúrgico. É comum, em pós-operatórios de um mesmo tipo de procedimento cirúrgico algumas pacientes sentirem dores insuportáveis, enquanto outras não sentem nenhum tipo de dor. Não estamos levando em conta aqui o aspecto técnico da cirurgia, seu sucesso ou não, que contribua para que uma paciente sinta ou não dor no pós-operatório. No entanto, o questionamento é inevitável: de que felicidade estaria a paciente falando?

Poderíamos dizer que o paraíso está para o corpo enquanto locus assim como a felicidade está para sua imagem desse mesmo corpo, agora retocada? Essa ideia indica estar bastante próxima da noção mesma da esperança, como nos aponta a citação acima. Esperança também de manter-se jovem, traço proporcionado por uma intervenção cirúrgica de cunho estético.

Desejo bastante recorrente no discurso das pacientes da cirurgia plástica, o “desejo de juventude”, como justificativa para uma cirurgia estética, é expresso na ideia generalizada de “dar uma renovada”, ou ainda, “restabelecer certo frescor” e, desafiando a lei da gravidade, por que não, “levantar o que caiu”. A tentativa de afastar o envelhecimento e, de forma mais radical, a morte, não é nova, sabemos. Através dos séculos, a morte foi combatida, e a cura para os mais diversos males foi descoberta. Reconstruções nos casos de queimaduras ou fissura labiopalatal em cirurgias plásticas promovem o bem-estar e, conseqüentemente, a saúde. Em outras palavras, é o que Tucherman & Saint-Clair também corroboram:

Se o século XIX reconheceu o direito à doença, assegurado pelo Estado providência, o século XX declarou um novo direito do homem, o direito à saúde, o que significa, no campo sócio-

político, o direito à assistência médica. Foi em nome deste direito à saúde que a história do corpo no século XX tornou-se a história de uma medicalização sem precedentes: mais do que tratar de doença, a medicina ocidental assume papel de determinar regras de comportamento, controlando o cotidiano com um conjunto rígido de recomendações, e prometendo em troca desta atenção a longevidade no lugar da morte (Tucherman; Saint-Clair, 2008, p. 8-9).

Sem saída, aprendemos a combater a morte que o corpo carrega em si e, seguindo “o conjunto rígido de recomendações”, agora a combatemos em seu invólucro, na pele que, com o tempo, perde sua tonicidade. Assim, ao mesmo tempo em que meninas adolescentes fazem parte da fatia daquelas que estão submetidas ao discurso estético corporal dominante, reagindo positivamente a esse mesmo discurso, tal fato parece configurar-se como um paradoxo se pensarmos na precocidade da busca por uma cirurgia estética. Tal paradoxo, então, deve apontar para uma outra lógica que não nos é dada a olhos nus. Oswaldo Saldanha, secretário-geral da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica em 2004 já declarava: “A quantidade de meninas que colocam próteses aumentou mais de 300% nos últimos dez anos”.<sup>6</sup>

No texto “A juventude como valor estético: Forever Young”, Tucherman (2004) discorre sobre a intensa relevância dada à ideia de juventude na cultura atual. A autora argumenta haver dois momentos na história do pensamento que, embora extremamente distantes, têm como base um mesmo substrato, qual seja, o valor conferido à juventude, tal qual o vemos nos dias atuais.

O primeiro momento seria a Grécia arcaica, onde “na *Iliada*, tanto Heitor quanto Aquiles são colocados diante da mesma escolha: ou a glória imperecível do guerreiro, mas a vida breve; ou uma longa vida em seu lar, mas a ausência de toda glória” (Tucherman 2004, p. 136); e conclui a autora: “portanto, este heroísmo se enraíza na vontade de escapar ao envelhecimento e à morte, ainda que ambos sejam inevitáveis: ultrapassa-se a morte acolhendo-a em lugar de sofrê-la” (op. cit, p. 136).

O segundo momento, referido pela autora, reconhecido como expressão da juventude, além do *rock and roll*, está localizado na Contracultura,

---

<sup>6</sup> Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/folhatee/fm0208200407.htm>. Acesso em 20 Jan. 2011.

especificamente em maio de 1968 em Paris. Representado pela revolta estudantil, os efeitos daquele acontecimento são entendidos como “o que esgarça o tecido da história, empurrando-a para suas margens, interrompendo seu fluxo de repetições e as indagações às quais Foucault se dedicou, que resultaram na sua consulta aos gregos e na elaboração da sua estética da existência” (ibid., p. 138). Daí o “aparecimento” de “estudantes, operários, prisioneiros, mulheres, gays, jovens com outros discursos e projetos, cuja compreensão demandava uma urgente atenção” (ibid., p. 139).

Nessas duas passagens históricas está a relação com a atualidade, ou seja, o padrão vigente na sociedade seria um retrato desse desejo de juventude e erradicação da morte. A tão almejada magreza, o resgate da silhueta de outrora e o implante de prótese mamária de silicone que meninas adolescentes passaram a buscar não seriam – na esteira da referida autora – “um caráter de absoluta “artificialização” no conjunto dos nossos valores atuais?” (ibid., p. 139).

O corpo contemporâneo, buscando visibilidade, parece encontrar, em seu substrato orgânico, o suporte necessário para que a tríade discursiva de beleza, felicidade e juventude que impera sobre ele, em sua vertente imaginária, lhe confira o *status* do qual ele próprio necessita para ser reconhecido. Aliado a essa ideia tem-se o recurso ao dispositivo tecnológico; com ele, a promessa de transformar o corpo, proporcionando novas formas de se usufruir de sua existência. Vamos às considerações nessa seara.

## 2.6

### **O corpo fabricado, o dispositivo tecnológico**

Em seu livro *Adeus ao corpo* (2003), Le Breton faz uma profunda análise do corpo inserido no contexto social contemporâneo. O “Adeus” parece trazer para a despedida o prenúncio de uma nova era para esse tal ser humano que até então chamávamos, à luz moderna, de senhor de seus próprios atos, aquele do *cogito* cartesiano.

Quem ou o que se foi com esse adeus aparentemente deixou para trás, como testemunha ocular da história uma máquina, o dispositivo tecnológico, que de forma sagaz, aliou-se ao tão antigo desejo humano de completude na imortalidade. O autor confere ao corpo um estatuto embrionário, que funcionaria

como uma massa espessa a ser modelada, um mero *lay-out* corporal que leva nele ancorado um *arte-finalista* assujeitado. Em suas palavras, “o corpo é declinado em peças isoladas [...] estrutura modular cujas peças podem ser substituídas [...] por motivos terapêuticos [...] mas também por motivos de conveniência pessoal” (ibid., p. 16).

Moulin (2008, p. 53) lembra que o século XX une o corpo ao autômato, momento no qual a máquina vem para suplantar a falência do corpo ou, ao menos, para dar aos pacientes melhores condições no convívio com as doenças. A autora ainda afirma que, nesse século, “o corpo singular fez...sua entrada na ciência e também no direito. [...] ... o corpo é reconhecido como sujeito de direitos e deveres”. É a partir desse reconhecimento que se confere à pessoa a possibilidade de “mexer” em sua aparência, indo de pequenas intervenções como “levantar as pálpebras” à mudança do sexo biológico, sob a égide da “adequação maior da imagem corporal à verdade da pessoa”.

No passado, o homem nascia com determinado tipo físico e era, provavelmente, com esse mesmo tipo físico que ele iria envelhecer. O corpo, então, carregaria na pele, inevitavelmente, todas as marcas, cicatrizes ou sequelas que a vida lhe proporcionara. Hoje, ainda que esse mesmo homem não possa transformar sua existência, sua finitude, ele pode, ao menos, buscar a “maleabilidade do corpo”, nele enxertando próteses de acordo com a sua vontade (Le Breton, p. 29). Corpos maleáveis com a conveniência de adequar-se à mais íntima das vontades parece ser o caso da prótese mamária de silicone com fim estético, como assistimos na atualidade, que, como peça isolada, pode ser trocada “a qualquer momento”, de acordo com os caprichos pessoais. Vale o dito popular adaptado: “troca mais de silicone do que de sutiã”.

A prótese, essa máquina mais “simples”, nos remete a uma artificialização da vida sem precedentes. Tal dispositivo tecnológico vem trazer conforto àqueles que sofrem de algum déficit orgânico e, ao que tudo indica, vem também produzindo novas formas de subjetivação e, com elas, parece dar lugar, sustentar e acolher o velho desejo humano: o querer ser imortal através da repaginação do corpo.

Depois de restituir a funcionalidade de um órgão ou partes do corpo, a prótese ainda ontem passou a fazer parte da construção de um novo corpo, desta vez, com fins estéticos. Do mais clássico dos sutiãs, passando pelo sutiã de bojo,

com sustentação de arame; o sutiã de enchimento, de espumas ao sutiã de silicone que possui uma fita adesiva para ser colada aos seios, todas essas tecnologias ainda são externas ao corpo. Com o desenvolvimento da cirurgia plástica estética tem-se, com a prótese de silicone mamária, a passagem do “sutiã” para o interior da cavidade mamária. O sutiã, ao longo dos tempos, parece ter se transformado e chega à forma de prótese mamária de silicone, um sutiã interno, diríamos.

O dispositivo tecnológico em si mesmo tem, em relação ao homem, seu desenvolvimento e seu fundamento em outro momento da história ocidental. Aqui, um salto ao Iluminismo se faz necessário. Do referido período histórico saem duas escolas de pensamento: a primeira, que tinha Diderot como um dos seus representantes, alegava que o homem é influenciado pelo meio, podendo transformar suas condições de existência através das relações sociais; a segunda, praticamente relegada ao ostracismo, é representada por La Mettrie e tinha a materialidade do corpo, o organismo em si, como o que era realmente importante na vida, para que os homens pudessem alcançar a felicidade.

É de La Mettrie a expressão *homem-máquina*, a qual, contrariando Descartes, afirmava que os homens eram simplesmente máquinas sem nenhum conteúdo anímico. Assim a materialidade do corpo, o orgânico, era o que realmente importava, pois a felicidade estava associada não às mudanças sociais, mas a ter um corpo em perfeito estado de saúde (Rouanet, 2003). Essa segunda vertente, sem maiores riscos na afirmação, está bastante afinada com os dias atuais. Rouanet (ibid., p. 40) sintetiza, salientando que “o homem novo continua sendo um ideal, mas agora ele deve ser fabricado no laboratório, em vez de ser um produto social”.

Le Breton (2003, p. 18) vai lembrar que a concepção do homem como máquina tem sua raiz nos anatomistas do século XVI, os quais trazem à cena o dualismo que separa o homem de seu corpo. Esse pensamento vai se estender também, no século XVII, sob a ótica da “filosofia mecanicista”, cartesiana, que apresenta a máquina como modelo do corpo.

No pano de fundo de todas essas articulações, em sua radicalidade maior, está a morte e o fato de que essas mesmas articulações não são nada mais nada menos do que uma das infintas formas encontradas pelo humano de se haver com seu inexorável destino. Algumas linhas de pesquisa, na seara tecnocientífica, bastante cômicas da iminente falência do corpo, preconizariam, então, de acordo

com o autor (ibid., p. 16), um rearranjo, nova fabricação corporal que eliminaria o padecer, esse inerente destino orgânico; o autor nos alerta que “esse imaginário tecnocientífico é um pensamento radical da suspeita da precariedade da carne” (ibid., p. 16).

No caso das cirurgias estéticas e suas próteses de silicone e outros tantos artificios disponíveis como recursos às necessidades e/ou desejos humanos, esse campo tem solo fértil no Brasil. Nossa cultura ostenta um padrão de beleza que parece corroborar a referida precariedade da carne, negando-a, ao deixar o corpo com “tudo em cima”; mas também corrobora a intimidade do ser, sob as mais singulares lógicas fantasmáticas de cada um.

Mulheres, em geral, que se submetem a cirurgia de implantes de prótese mamária de silicone nos remetem, com seu feito, ao tempo. Se, por um lado, com o envelhecimento, pretende-se através da cirurgia estética permanecer eternamente jovem, alterando ou tentando retardar a morte e as marcas do tempo a fim de “deslocar a aparência da idade cronológica”, como lembra Tucherman (2004, p. 146), por outro, encontramos meninas adolescentes submetendo-se a uma lógica que nada parece ter a ver com o avanço etário, e sim com mudar o corpo como quem troca de roupa, de prótese mamária de silicone.

Novaes, em seu livro “Com que corpo eu vou?” (2010), faz uso da intertextualidade da letra “com que roupa eu vou”, da música de Noel Rosa “Com que roupa?”, de 1929. Ótima paráfrase para falar do corpo contemporâneo, que faz de suas transformações estéticas praticamente o movimento tal qual a troca de roupa, dada a velocidade das mudanças que ocorrem nesse campo na cultura.

Essa velocidade, acredita-se, não daria a quem a ela se submete, tal qual o exemplo dos carregadores mexicanos do filme “Para além das nuvens”, de Antonioni e Win Wenders, o tempo necessário para que a “alma [se encontre] com seu corpo”. Assim, uma questão que talvez possa nos ajudar seriam as considerações sobre o que aqui chamaremos de “desejo do visível”, uma vez que amenizar os efeitos do tempo ou transformar o corpo, como se vê na cultura, são ideias, embora próximas, distintas.

Logo, se essa busca veloz em transformar o corpo lança nossas adolescentes a um lugar, espaço do tempo ainda não advindo, o desejo pelo que é visível, como denominamos, parece tentar reeditar aquilo que da alma se perdeu na velocidade mesma desse lançamento ao espaço. Poderíamos afirmar que o

dispositivo tecnológico, leia-se aqui prótese mamária de silicone, parece fazer sutura entre duas esferas – a materialidade do corpo e a imagem que se deseja dessa materialidade?

Nesses tempos pós-modernos seria esse espaço de tempo justamente o que uma imagem de corpo tentaria recobrir? Se não, ao que parece, o consumismo está aí mesmo para trazer de volta, mais uma vez, uma nova imagem e mais outra, e outra ainda, que sustente seu desejo. Debord, (1997) em interessante articulação sobre uma dada sociedade complexa e sua relação com o tempo, nos explica:

Quando uma sociedade mais complexa chega a tomar consciência do tempo, seu trabalho é mais de negá-lo, pois ela vê no tempo não o que passa, mas o que volta. A sociedade estática organiza o tempo segundo sua experiência imediata da natureza, no modelo do tempo cíclico (Debord, 1997, p. 88).

Assim, diante desse retorno, do tempo cíclico que sempre tenta mais uma vez se inscrever, delimitaremos nossa visada sobre o corpo, a partir da noção freudiana de corpo histérico. Esse, sob a ótica da psicanálise, faz referência à pulsão, portanto, ao tempo não cíclico, se pensarmos naquilo que é conhecido, nesse campo, como retorno do recaiado. Tal retorno teria como possibilidade de se atualizar em um entrelaçamento da linguagem e o corpo orgânico, tendo como seu produto uma imagem de corpo.

Costa (2004), ao abordar a expressão dos novos sintomas corporais, como se apresentam na clínica contemporânea, chama a atenção para a especificidade dos “transtornos na percepção da imagem corporal” (Costa, 2004, p. 55), incluindo-se aí a busca desenfreada pelas cirurgias estéticas. Nesse sentido, articularemos essa nova configuração sintomática em diálogo com a noção de corpo representado para uma concepção de corpo na senda psicanalítica.

### 3

## O Corpo para a psicanálise

### 3.1

#### O percurso do capítulo

A tentativa de enquadrar o corpo dentro do padrão de beleza vigente em nossa sociedade tem aumentado significativamente o recurso às cirurgias estéticas, como vimos no capítulo anterior. Todavia, o que vemos diminuir é a idade daquelas que procuram por esse tipo de intervenção cirúrgica. Dito de outro modo, o implante de prótese mamária de silicone a que meninas adolescentes se submetem nos dias atuais parece ter se tornado um fenômeno cultural sem precedentes.

Freud (1930 [1929]), já em “O mal-estar na civilização”, preconizava que algumas manifestações comportamentais do ser humano podem ser mais claramente verificadas em uma comunidade cultural do que em um único indivíduo. Vimos, no capítulo anterior, que, embora sem precedentes, tal fenômeno não é sem fundamento. Logo, o arranjo elaborado pelo sujeito para responder à demanda por um determinado tipo de corpo no seu meio se dá também a partir de sua história de vida, sua estruturação psíquica e, conseqüentemente, sua noção sobre seu próprio corpo.

Podemos afirmar que as cirurgias estéticas são, incluindo-se aí o implante de prótese mamária de silicone com fins estéticos, o que há de mais expressivo na contemporaneidade, se pensarmos nas práticas relativas aos “cuidados com o corpo”. Esse projeto tem levado muitos pesquisadores das ciências humanas a se debruçarem sobre os pontos obscuros relativos ao tema, na atualidade; tal fato remete à própria noção de contemporâneo assinalada por Agamben (2009) como sendo “aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro” (Agamben, 2009, p. 62).

Assim, na sombra da revolução tecnológica aplicada às cirurgias estéticas, a instantaneidade das transformações corporais parece projetar o humano para além de suas representações corpóreas, desaguando em conseqüências psíquicas, das quais só teremos notícias, no âmbito da cultura, a posteriori. Esse



aceleramento, que funciona nos mais diversos setores da sociedade, já provoca, por exemplo, reações naqueles que produzem saber no meio científico. Basta lembrarmos do *Slow Science*<sup>1</sup>, movimento iniciado na Alemanha, que tem como posição não aderir à produção de saber focada em resultados em detrimento da qualidade do que se produz.

Nesse contexto, para pensarmos sobre o que move meninas adolescentes a procurarem por um implante de prótese mamária de silicone, exploraremos aqui a noção psicanalítica freudiana daquilo que ficou conhecido como corpo histérico, ou seja, o corpo representado. Esse, em diálogo com as cirurgias estéticas, será pensado em relação ao estatuto do corpo orgânico preconizado pelo campo da medicina.

Todavia, antes de seguirmos em frente, façamos aqui um parêntese, o qual se configura como problema de pesquisa: como poderíamos fundamentar o referido fenômeno cultural de implante de prótese mamária de silicone a que meninas adolescentes se submetem, nos dias de hoje, a partir da noção de corpo representado para a teoria psicanalítica? Para nos aproximarmos de tal problemática, duas questões devem ser consideradas para o desenvolvimento que pretendemos propor sobre o tema.

A primeira delas diz respeito à associação contemporânea entre saúde e bem-estar como a vemos, nos dias de hoje, estampada nas capas de revistas, programas televisivos e *internet*. Na mídia propalam-se hábitos como boa alimentação, benesses dos exercícios físicos e o que se deve e o que não se deve fazer para se ter uma vida saudável. Seguir à risca tais hábitos parece trazer a promessa de que assim alcançaríamos o ideal de corpo perfeito – leia-se aqui, o padrão de beleza vigente e mente sã. Nessa associação, o implante de prótese mamária de silicone parece se enquadrar, uma vez que, com “seios perfeitos”, por que não se teria uma “mente sã”? Por que não se seria “feliz”?

No entanto, para além da ideia de um mínimo cuidado vital com a própria saúde, essa idealização parece também remeter a qualquer espécie de evitamento de conflito psíquico assim como orgânico, se pensarmos de forma estanque entre essas duas esferas. Em outras palavras, essa idealização remeteria às dores existenciais, ao evitamento da morte. Para a erradicação de tais conflitos, na

---

<sup>1</sup> Disponível em: [http://slowsociety.fr/?page\\_id=43](http://slowsociety.fr/?page_id=43). Acesso em: 29 Ago. 2011.

atualidade, nada mais “fácil” do que ter à mão, como recurso para a solução do primeiro dos conflitos, um antidepressivo e, para o segundo, uma cirurgia estética.

A segunda questão a ser considerada refere-se à psicanálise e a sua elaboração para a noção de corpo representado, como anunciamos acima. É, pois, a partir da e na instauração do corpo representado apoiado no corpo orgânico via linguagem que irá se instalar o conflito fundante do psiquismo humano, como veremos mais adiante. Dessa instauração irá surgir a noção do corpo histérico, assim nomeado em virtude de que, dentre as psicopatologias, a histeria é aquela que apresenta sintomas que se expressam em uma imagem de corpo, mas que se apoiam no corpo orgânico.

Isso posto, primaremos aqui por uma leitura que privilegie a noção de corpo histérico como aquele que irá subverter sobremaneira a noção de corpo para a medicina, e não a de estrutura histérica neurótica, o que faria com que reduzíssemos as meninas adolescentes que procuram por uma cirurgia estética à condição única de histéricas. Independentemente da estrutura psíquica, corroboramos a ideia de Medeiros (2005) quando afirma que “o lugar do corpo na vida psíquica das mulheres – psicóticas, neuróticas ou apenas femininas – não é nada trivial (Medeiros, 2005, p. 180).

Nesse sentido, se o sujeito contemporâneo passa a se esquivar dos conflitos que o acometem e tem ao seu dispor dispositivos tecnológicos e farmacológicos para tal evitamento, de que modo a psicanálise poderia ler o fenômeno de implante de prótese mamária a que meninas adolescentes se submetem? Que recursos a teoria psicanalítica – que prima pela noção de inconsciente – nos forneceria para que pudéssemos empreender a leitura desse fenômeno que corrobora o discurso científico contemporâneo?

Se a noção de corpo histérico traz em si a instituição do conflito psíquico, o qual resulta em um sintoma histérico expresso em uma imagem do corpo, seria possível, então, ler o implante de prótese mamária de silicone em meninas adolescentes como um sintoma, no sentido psicanalítico do termo, tal como o assistimos na cultura? Se sim, qual seria o grande conflito inconsciente, expresso como sintoma de um corpo histérico, que levaria uma adolescente a marcar seu corpo “para sempre” com uma prótese de silicone, justamente quando o projeto de sua cirurgia parece estar longe de ser algo que lhe cause alguma espécie de angústia?

Assim, para fundamentar nossas articulações, proporemos um diálogo entre a leitura da constituição do corpo histórico, a partir da noção de conflito psíquico para Freud, e a noção de insuficiência para Janet, da qual Ehrenberg (1998) se utiliza para fundamentar a depressão na contemporaneidade e que se opõe ao modelo freudiano de conflito.

Isso posto, iniciemos com as considerações a respeito do corpo histórico para a psicanálise em relação à noção de corpo orgânico para a medicina.

### 3.2

#### **O corpo histórico (representado) x O corpo orgânico**

Desde os primórdios da psicanálise, Freud se empenhou em circunscrever o corpo, no âmbito de sua teoria, como sendo esse lugar bastante peculiar situado entre o psíquico e o orgânico. A partir de seus estudos sobre a histeria, entra em cena, pela primeira vez, a ideia de corpo representado como sendo aquele que porta um sentido, que é dotado de uma história.

Assim, iniciaremos a abordagem de corpo representado a partir de um dos mais relevantes textos freudiano, intitulado “Pulsões e destinos da pulsão” (1915), o qual faz menção a um corpo que está entrelaçado entre as esferas psi e orgânica. Nele, Freud define pulsão, apontando seu caráter híbrido, demarcando-a como

... um conceito limite entre o psíquico e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que provêm do interior do corpo e alcançam a psique, como uma medida da exigência de trabalho imposta ao psíquico em consequência de sua relação com o corpo (Freud, 1915, p. 148).

Dito de outro modo, haveria para Freud estímulos provenientes do interior do corpo, que, ao serem lidos pela psique como “medida da exigência de trabalho”, passariam a ter o caráter de representante daqueles estímulos, agora, no campo psíquico. Rudge (1998), em suas considerações a respeito desse conceito, esclarece que “o *entre* da definição não se reporta a um terreno neutro, terra de ninguém, mas indica que a pulsão envolve tanto o anímico quanto o somático” (Rudge, 1998, p. 40). Assim, a autora esclarece que, para a concepção de corpo representado, devemos levar em conta esse outro lugar que engloba tanto o psíquico quanto o orgânico.

Nesse sentido, faz-se necessário perseguirmos a pista fornecida por Freud sobre a expressão pulsional, para termos a notícia de que a manifestação de uma pulsão somente nos será fornecida através de sua representação ou de um afeto, como o autor a descreve na seguinte passagem do texto “O Inconsciente”, de 1915:

Uma pulsão nunca pode tornar-se objeto da consciência, isto só é possível para a ideia que representa essa pulsão na psique. Mas, em rigor, também no inconsciente essa pulsão só pode ser representada por uma ideia. Ou seja, se a pulsão não aderisse a uma ideia ou não se manifestasse como um estado afetivo, dela nada saberíamos (Freud, 1915, p. 28).

Diferentemente de um sopro divino vindo de fora, podemos pensar a pulsão como uma força brotando do corpo orgânico, que irá se enlaçar a uma ideia presente no campo da cultura – talvez a de ter “peitos turbinados” – dando vida a um outro corpo, o qual porá em movimento aquele corpo orgânico. Temos, assim, a noção de “conceito limite” para Freud (1915) e o esclarecimento do “entre”, contido na definição de pulsão, estabelecido por Rudge (1998). Nesse interstício, a linguagem participará da constituição de tal corpo. Esse corpo, ainda nas palavras da autora, é chamado de corpo pulsional, o qual

... não é o corpo natural, assim como não é o corpo simbólico ou imaginário. Na constituição do sujeito, um dos passos fundamentais é o ato psíquico pelo qual é dotado de um corpo, imagem de um corpo, que é para ele um objeto libidinal. Esse corpo supõe a mediação da linguagem para o seu advento (Rudge, 1998, p. 16).

Logo, com base nas palavras da autora, podemos afirmar que o corpo pulsional situa-se, ao mesmo tempo, dentro do corpo orgânico, mas também fora dele; por isso mesmo, ao escapar a olhos nus, deve, então, ser buscado na tessitura do discurso, pela via da representação de uma ideia, de onde dele teremos alguma notícia, como apontado por Freud, na passagem acima.

Logo, se a pulsão jamais se manifestará em “estado puro” na consciência, mas sim ligada a uma representação ideativa, tal fato nos reporta à noção de recalque; pois esse, na configuração do psiquismo, é aquele que tentará manter a ideia que representa a pulsão, no inconsciente.

Antes de abordarmos a noção do recalque propriamente dita, façamos uma incursão sobre como esse conceito irá operacionalizar, a partir do corpo orgânico, a fundação do assim chamado corpo pulsional. Como mencionado anteriormente, o corpo histérico é aquele que irá pôr à prova as noções de organismo e de sintoma para a medicina, as quais eram vigentes até o final do século XIX. Dessa maneira, André (1986) lembra que

... é pela via do recalque que se opera a sexualização do corpo e sua separação do organismo (...) a histeria nos coloca, assim, a questão de saber como a sexualização atinge o corpo, como, no ser humano, se opera a mutação que privilegia o fato de se ter um corpo mais do que o de ser um organismo (André, 1986, p. 99).

Assim, o recalque remete a uma operação que acusa a existência de uma diferença entre a esfera histórica do corpo e a do organismo para o ser humano. Na instituição do corpo histérico algo se perderia, a partir da “mediação da linguagem para o seu advento” (Rudge, 1998, p. 16). Sobre a construção teórica acerca do corpo para a psicanálise em relação com o organismo, Birman (1991) assinala que Freud

Propõe que a figura da histeria se articula no campo da representação e não no campo anátomo-patológico. [...] Na interpretação freudiana, os sintomas históricos se articulam num sistema coerente, fundado na imagem do corpo e não na estrutura do corpo ... O importante passa a ser como o histérico vivencia a sua corporalidade, ou seja, de que maneira investe as diferentes partes do seu corpo e as interpreta como superfícies dotadas de significação (Birman, 1991, p. 141).

Logo, a diferença estabelecida pelo recalque só será possível de se instituir a expensas de um conflito, o qual será recoberto por uma imagem, possibilitando assim a instituição de um campo histérico coerente em si, o dos sintomas históricos. Esse campo é aquele que irá colocar em xeque o cânone médico vigente até o século XIX sobre o corpo humano. Nesse sentido, Ehrenberg (2009) lembra que a histeria permitiu

... construir a ideia de psiquismo e lhe dar um conteúdo específico diferente de uma lesão cerebral. Na época, final do século XIX, para falar de doença era necessário que houvesse uma lesão explicando o mal (Ehrenberg, 2009, p. 191).

Essa lesão, verificada a partir do campo anátomo-patológico, irá, segundo Foucault (2006), conferir à medicina o estatuto de ciência clínica. Diferentemente da medicina praticada até o século XIX, em que o paciente ouvia do médico a pergunta “o que é que você tem?”, a partir do referido século a pergunta será “onde lhe dói?”. Desse momento em diante, estabelece-se a possibilidade de se relacionar a lesão em um órgão a determinados tipos de sintoma. Sobre essa verificação, Foucault (2006) salienta que

... o olhar do médico envolve mais do que diz a palavra “olhar”. Encerra, em uma estrutura única, campos sensoriais diferentes. A trindade visão-tato-audição define uma configuração perceptiva em que o mal inacessível é cercado por balizas, avaliado em profundidade, trazido à superfície e virtualmente projetado nos órgãos (Foucault, 2006, p. 181).

Assim, o corpo orgânico, avaliado em camadas de profundidade, torna-se, para a medicina, visível ou, como diria Foucault (2006, p. 183) mesmo, virá a ser um corpo de uma “invisível visibilidade”. Inversamente, podemos nos perguntar se o corpo, na senda psicanalítica, não seria aquele que é dotado de uma “visível invisibilidade”, já que nos escapa a olhos nus, como assinalamos anteriormente. Porém, se, como também afirmamos, esse corpo deverá ser buscado na tessitura do discurso, já que é marcado pela representação, então a problemática que se estabelece com essa questão é que incorremos, novamente, na noção de conflito, logo, na noção de recalque. Voltemos a ele.

### 3.3

#### **O recalque (ou a visível invisibilidade do corpo)**

Assim como a maioria dos conceitos fundamentais da psicanálise, o conceito de recalque irá aparecer ao longo da obra freudiana. No entanto, será com o abandono da técnica hipnótica que Freud irá se ater mais profundamente a esse conceito. Freud percebera que, se, por um lado, as pacientes hipnotizadas traziam à superfície de seus discursos lembranças dolorosas e ideias de cunho conflituoso, por outro, ao retornarem ao estado consciente, não mais teriam acesso a elas. Logo, com o abandono da técnica hipnótica, o criador da psicanálise

perceberá certa dificuldade por parte de suas pacientes em darem sequência aos seus relatos conscientemente.

Esse entrave, conhecido como resistência, entra em cena no momento em que o Eu do sujeito, justamente, se aproximava das lembranças que lhe eram insuportáveis e, por isso mesmo, inconscientes. Sob tal movimento psíquico estaria funcionando o recalque. Assim, Freud sintetiza na abertura do texto “O recalque”, de 1915, que “o destino de uma pulsão que acaba de brotar pode ser encontrar, ao longo do seu percurso, resistências que queiram impedir sua ação [consequentemente] ela entra em estado de recalque” (Freud, 1915, p. 177). De acordo com Alonso (2004),

O recalque só pode ser pensado como centro da teoria do conflito psíquico. É o conflito que cria a necessidade do recalque e, ao mesmo tempo, é o recalque que tenta uma solução para esse conflito (Alonso, 2004, p. 54).

Tem-se assim, na busca dessa solução, a noção de sintoma, o qual viria em substituição da ideia recalçada. No entanto, vale a pergunta sobre por que uma pulsão deveria sofrer recalque. Ainda no mesmo texto, Freud (1915) assinala que, de acordo com sua experiência clínica,

... a pulsão que está submetida ao recalque poderia ter sido satisfeita e que tal satisfação seria, em si, sempre prazerosa; porém, ela seria incompatível com outras exigências e propósitos, e, desse modo, acabaria por gerar prazer em um lugar e desprazer em outro. Então, uma condição para que ocorra o recalque é que a força que causa o desprazer se torne mais poderosa do que aquela que produz, a partir da satisfação pulsional, o prazer (Freud, 1915, p. 178).

Devemos lembrar que ideias conflitantes, instituídas a partir do recalque, remontam às lembranças de vivências localizadas nos primeiros anos de vida da criança. Ao nascer, um bebê, embora automaticamente lançado no campo da cultura e da linguagem, ainda apresenta o seu corpo em estado orgânico puro, para ser marcado pelas primeiras vivências em seu encontro com o outro, seu semelhante, esse situado no campo do grande Outro, ou seja, no campo da cultura, para falarmos com Lacan.

Logo, quando Birman (1991, p. 141) aponta que “o importante passa a ser como o histérico vivencia a sua corporalidade”, podemos pensar que, das remotas vivências infantis, não importa fazer um retrato fiel, mas sim os restos do que delas ficaram gravados na lembrança e que, como uma imagem, irão constituir a matriz corpórea para o humano, a qual irá sofrer reorganizações ao longo da vida.

Portanto, o bebê, devido à imatura condição biológica de seu organismo, dependendo dos cuidados do outro, ou seja, de sua mãe ou de quem exercerá essa função, experimentará, através dessa, em seu pequeno corpo as marcas daquelas vivências, as quais serão constituintes de seu psiquismo. No entanto, essa marcação deverá, por sorte, envolver o desejo materno, que, ao enlaçar o organismo do bebê, dirigindo-lhe suas palavras e seu olhar, proporcionará a esse uma primeira imagem, bastante fragmentada, chamada Eu. Retomaremos a noção de Eu quando abordarmos a adolescência mais à frente.

Dessa maneira, o desejo da mãe, revelado na amamentação e em todos os cuidados com o seu bebê, para além do ato mecânico de higienizar seu corpo, conferem à criança um lugar de existência – lugar esse localizado ainda no discurso da mãe, portanto, fora do corpo do bebê, mas, ao mesmo tempo, dirigido a ele. Assim, o corpo orgânico, estando suscetível aos investimentos do outro, será convocado em seus primeiros reflexos a essa passagem de puro organismo vivo ao corpo pulsional que possa, também, vir a ser desejante.

Diante da percepção do devir humano atrelado à linguagem, no texto “Pulsões e destino da pulsão”, Freud (1915) irá classificar as pulsões em pulsões sexuais e pulsões do Eu ou de autoconservação, na conhecida primeira teoria das pulsões. Sobre o “momento mítico” da expressão pulsional, ele alegará que

Em sua primeira manifestação, [as pulsões] ainda se veiculam apoiadas nas pulsões de autoconservação, da quais só se separam pouco a pouco. O mesmo ocorre com a busca do objeto, atividade para a qual se servem das trilhas que as pulsões do Eu lhes deixaram indicadas (Freud, 1915, p. 151).

A matriz concebida pelas pulsões do Eu terá em si imantada, como sugere Freud (1915), futuras possibilidades identificatórias que desembocarão na busca por um objeto de amor. Entramos no campo do mito grego do Édipo, do qual Freud se servirá para exemplificar suas articulações teóricas acerca do processo de humanização da criança, passagem do corpo orgânico ao corpo pulsional, nos



primeiros anos de vida. Dito de outro modo e de forma mais ampla, o Édipo seria a entrada do humano no campo da cultura, tal como Freud vai expor belamente em seu texto “Totem e Tabu” (1913), através da lei da proibição do incesto. Bernardino (2006), sobre essa questão, aponta que

Esta lei, que tira o homem do campo animal e instintivo levando-o a regular sua reprodução e sua sobrevivência por um sistema simbólico, introduz o objeto materno como proibido e deve ser sustentada pelo pai, suposto detentor do falo, que ameaça com a castração aquele que não a cumpre. Dessa forma, a partir da posse do pênis – o substrato corporal que sustenta, concretamente, a ideia de falo, abstrata demais para a criança pequena – o pai representa a lei da cultura na sociedade patriarcal (Bernadino, 2006, p. 24).

Nesse sentido, a partir da lógica fálica, faz-se necessário abordarmos as vicissitudes do Édipo para a menina, já que nos interessa aqui a constituição do corpo pulsional em relação às nossas meninas adolescentes.

### 3.4

#### O complexo de Édipo na menina

Sabemos que a feminilidade foi para Freud, e não só para ele, um enigma, como ele mesmo sentenciou. Ao longo de toda a sua obra, ele se viu obrigado a revisitar suas elaborações e concepções a respeito do feminino.

Partiremos da concepção falocêntrica para pensarmos o processo de humanização da criança, agora, em relação ao feminino. Devemos lembrar que a lógica fálica irá encobrir a diferença sexual anatômica entre os sexos. Logo, se o que passa a regular a sexualidade no humano é o falo – dividindo os seres humanos entre fálcos e castrados –, podemos dizer que tal lógica, para a menina, se revelaria a partir da noção de que, ao invés de ter um órgão, a vagina e o clitóris, lhe falta o outro órgão, ou seja, o pênis. Seu clitóris, que lhe parecerá demasiado pequeno, lhe proporcionará ainda o sustentáculo para a ideia de que ele um dia irá crescer.

Antes de seguirmos em frente, façamos um parêntese a respeito da noção de falo para a psicanálise lacaniana. Tal recurso se faz necessário para iluminarmos a ideia de corpo representado – ou histórico, se quisermos –, com o

qual estamos trabalhando a partir da teoria freudiana. Esse corpo, o qual é dotado de uma imagem corporal, “supõe a mediação da linguagem para o seu advento”, como nos apontou Rudge (1998, p. 16). Dito de outro modo por Birman, como o histórico “**investe** as diferentes partes do seu corpo e as **interpreta** como **superfícies** dotadas de **significação**” (Birman, 1991, p. 141).

Assim, em uma visada lacaniana, o corpo é constituído no entrelaçamento de três registros, a saber: o real (a materialidade do corpo em si), o simbólico (a linguagem) e o imaginário (imagem inconsciente do corpo). Dessa maneira, Chemama (1993) nos chama atenção para a evidência de que

... a castração não se refere ao órgão real [...] a castração se refere ao falo, enquanto um objeto não real, mas **imaginário** [...]. A criança, menina ou menino, que ser o falo para captar o desejo de sua mãe (este é o primeiro momento do Édipo). A proibição do incesto (segundo momento) deve desalojá-lo da posição ideal do falo materno. Essa proibição é feita pelo pai simbólico, isto é, por uma lei cuja mediação deve ser assegurada pelo discurso da mãe. Porém, ela não visa apenas à criança, visa igualmente à mãe, e, por esse motivo, é compreendida pela criança como castrando a mãe. No terceiro momento, intervém o pai real, aquele que tem o falo (mais exatamente aquele que, para a criança, é suposto tê-lo [...]). Portanto, a castração implica, primeiramente, a renúncia a ser o falo, mais ainda implica renunciar a tê-lo [...]. É de se notar que o falo, que surge sob inúmeros aspectos, nos sonhos e nos fantasmas, seja neles regularmente **separado do corpo**. Essa separação é explicada por Lacan como um efeito da elevação do falo à função de significante. A partir do momento em que o sujeito é submetido às leis da linguagem [...], isto é, desde que entrou em jogo o significante fálico, o objeto fálico é **seccionado imaginariamente** (Chemama, 1993, p. 31-32).

A elaboração lacaniana teve em sua época o recurso de ser articulada aos estudos da Linguística – principalmente do suíço Ferdinand de Saussure –, menos propalado no meio acadêmico como um todo na época de Freud. No entanto, é também no texto “A dissolução do complexo de Édipo”, de 1924, de Freud, que Lacan irá lê-lo sob a luz das questões da linguagem para a instituição do corpo. Nesse texto, Freud afirmará que

Uma criança do sexo feminino, contudo, não entende sua falta de pênis como um caráter sexual; explica-a presumindo que, em alguma época anterior, possuía um órgão igualmente grande e depois perdera-o por castração [...] dá-se assim a diferença essencial de que a menina aceita a castração como um fato consumado, ao passo que o menino teme a responsabilidade de

sua ocorrência. Estando assim excluído, na menina, o temor da castração, cai também um motivo poderoso para o estabelecimento de um superego (Freud, 1924, p. 223).

De forma clara, Zalcberg (1995), sobre o Édipo na menina, aponta que

A angústia de castração, o ponto mais importante na determinação da saída do complexo de Édipo, falta nas mulheres: a ameaça de castração nelas é sem objeto, por falta do órgão real que seria atingido [...]. Esta distinção [em relação ao Édipo no menino] se esclarece no exame de destino diferente que assume o superego feminino a partir do complexo de Édipo na menina pela dificuldade de dissolução do mesmo (Zalcberg, 1995, p. 34).

Logo, diante da “consumada castração”, já que sua anatomia não apresenta o **suposto** sustentáculo que representaria o falo – ou seja, o pênis – e, portanto, a possibilidade de perdê-lo, a menina contará agora com a fragilidade do seu superego, fazendo sua entrada no Édipo. Nesse ponto, Freud (1924) nos fornece uma preciosa pista para nossas articulações entre a noção de corpo pulsional e a ideia de conflito psíquico, no caso da menina, frente ao Édipo:

Se a satisfação do amor no campo do complexo de Édipo deve custar à criança o pênis, está fadado a surgir um conflito entre seu interesse narcísico nessa parte de seu corpo e a catexia libidinal de seus objetos parentais. Nesse conflito, triunfa normalmente a primeira dessas forças: o ego da criança volta as costas ao complexo de Édipo (Freud, 1924, p. 221).

Sobre a consequência da distinção anatômica entre os sexos, Medeiros (2005) salienta que sua descrição “discorre sobre aquilo que *é visto*”, fazendo com que no início apenas um sexo seja percebido (Medeiros, 2005, p. 181). Podemos notar que Freud (1924), na articulação logo acima, se utiliza do termo **criança** e não **menina**, ao falar da solução encontrada pelo ego – ou o Eu, se quisermos – diante do conflito entre escolher o amor dos pais e o interesse pelo órgão sexual, nesse caso, o pênis. Logo, nos interessa saber como poderíamos pensar essa mesma questão no caso da menina. Qual seria o conflito que faria frente à menina diante da castração consumada? Medeiros (2005), ainda, sobre a consequência da distinção anatômica entre os sexos para a menina, aponta que

... quando Freud nos fala em complexo de castração ou inveja do pênis ele está se referindo à ferida narcísica vivida pelas mulheres

em decorrência da *não visibilidade* de seu sexo (Medeiros, 2005, p. 181).

Teria essa “não visibilidade” caráter conflitante para a menina, ao entrar no Édipo, mesmo diante de seu supereu tão fragilizado? Pelo menos, podemos pensar que a referida ferida narcísica, decorrente da não visibilidade do seu sexo, clama por visibilidade. Assim, Medeiros (2005, p. 178) conclui que, para a menina, o “ideal de Eu estaria a ocupar o lugar de instância da lei” como compensação ao seu supereu fragilizado.

Ao iniciarmos esse capítulo, nos perguntávamos se seria possível realizar um diálogo a partir da noção de corpo histórico, diante da noção de declínio do conflito psíquico para Ehrenberg (1998). Como veremos a seguir, consideramos tal articulação plausível, pelo fato de que a perda das referências na contemporaneidade implica uma fragilização da função paterna, ou seja, da lei. Assim, nos perguntamos: haveria a possibilidade de aproximarmos a fragilização da lei paterna à fragilização do supereu para a menina? Vejamos, então, em que consiste a ideia do declínio do conflito psíquico para Ehrenberg (1998).

### 3.5

#### **O declínio do conflito psíquico para Ehrenberg**

Para iniciarmos o diálogo com a noção de conflito psíquico de Freud e seu declínio, tal como apontado por Ehrenberg (1998), devemos considerar as transformações ocorridas nas sociedades patriarcais, a partir do enfraquecimento da função paterna. Lembremos também que os avanços tecnocientíficos voltados para o corpo, na contemporaneidade, vêm provocando novos engendramentos psíquicos para o humano. Tais avanços, além de ampliar os limites da condição existencial humana lhe possibilita novas configurações subjetivas.

Assim, o enfraquecimento da lei que regulava as sociedades patriarcais, aliada aos avanços tecnocientíficos, parecem reeditar as manifestações do corpo histórico hoje, não construindo mais a mesma cena clássica do final do século XIX, a dos sintomas históricos da era vitoriana. Logo, tal estado da arte nos indica a urgência por uma nova leitura a respeito dos fenômenos que afetam o corpo na

cultura na contemporaneidade. Sobre a civilização contemporânea, Novaes (2011) aponta que ela

... se caracteriza, com efeito, pela queda dos ideais. Nossa época é marcada pela perda, ou pela extrema fragilização, daquilo que, antigamente, balizava a cultura: a tradição, virtude, moral, senso comum, autoridade, etc. Isso se traduz por um questionamento dos diferentes componentes do humano: os temas de identificação feminina, do sexo e do gênero, os da família moderna, à luz do abalo da função paterna (Novaes, 2011, p. 482).

A referência ao aspecto claudicante da função paterna apontada por Novaes (2011) nos fornece a possibilidade de articulá-la, justamente, à citação de Bernardino (2006, p. 24), quando afirma que “o pai representa a lei da cultura na sociedade patriarcal”. Dessa maneira, nesse início de século, estamos, ao menos parece, diante do prenúncio de que “não haveria mais nada a barrar a pulsão no humano”. Consequentemente, ele seria supostamente livre para usufruir de seu corpo como bem o entendesse, servindo-se dos avanços tecnocientíficos ao seu dispor.

Nesse sentido, Ehrenberg (1998), em seu livro *La fatigue d'être soi*, sustenta a ideia de que a queda do modelo disciplinar proporcionou grandes transformações no campo da individualidade no final do século XX. Para o autor, um dos efeitos dessa transformação seria a depressão. Ele salienta que, se, por um lado, por volta de 1970, a psiquiatria irá revelar a depressão como o “distúrbio mental mais comum do mundo”, tornando-se um “sucesso médico”, por outro, os “jornais e revistas a veem como uma doença na moda”, tendo assim seu “sucesso sociológico” (Ehrenberg, 1998, p. 10).

O autor ainda salienta que “os nervosos do final do século XX parecem atingidos por um mal tão inapreensível quanto a histeria [no final do século XIX]”. Nesse ponto, ele então se pergunta: “Será que ela [a histeria] estaria nos pregando uma nova peça atualmente?” (Ehrenberg, 1998, p. 10). A indagação do sociólogo francês sobre a histeria no final de século XIX em relação à depressão no final do século XX, nos dá subsídios para pensarmos se, no início do século XXI, não seria a noção de corpo histérico que estaria a nos pregar uma nova peça. Estaríamos diante de uma reedição da cena histérica, dentro de um novo “sistema coerente”, como apontado por Birman (1991)?

É, pois, interessante perceber que, na atualidade, parece não haver nada de depressivo na imagem retratada pela corrida desenfreada em se responder à demanda vigente, em nossa sociedade, de se ter um corpo perfeito que acuse seres saudáveis e, portanto, felizes, que têm como produto final seu próprio “bem-estar”. Assim, para a depressão, no final do século XX, Ehrenberg (1998) afirma que ela

... dá início ao seu sucesso no momento que o modelo disciplinar das condutas, as regras de autoridade e de conformidade com os interditos que conferiam às classes sociais como aos dois sexos um destino, cederam diante das normas que incitam cada um à iniciativa individual levando-o a tornar-se ele mesmo (Ehrenberg, 1998, p. 10).

Logo, se antes nos culpabilizávamos por nossos desejos, quando transgredido o modelo disciplinar, agora, destituídos dessa instância censora – no âmbito sociológico -, recaí sobre todos aquilo que Ehrenberg (1998) chama de uma

... responsabilidade inteira de nossas vidas [que] se encontra não somente em cada um de nós, mas igualmente no entre-nós coletivo. [...] Essa maneira de ser se apresenta como *uma doença da responsabilidade* na qual domina o sentimento de insuficiência. O deprimido não está à altura, ele está cansado de ter que tornar-se ele mesmo (Ehrenberg, 1998, p. 11).

Tal cansaço de si seria decorrente da ideia de que o indivíduo, a partir da queda do modelo disciplinar, teria a seu encargo a responsabilidade total sobre sua vida; responsabilidade essa que o delataria como um indivíduo insuficiente. Essa é a primeira hipótese a que Ehrenberg (1998) recorre para fundamentar a depressão na contemporaneidade – a partir da teoria de Pierre Janet. Assim, o autor acredita que a depressão estaria mais afinada com a teoria janetiana do que com a freudiana.

Vale a pergunta: estaria, assim, deprimido o indivíduo do final do século XX, dada a destituição das normas que o deixaram sem referências, reeditando na atualidade sua depressão pelo viés das transformações corporais como tentativa de manter-se fiel ao projeto de tornar-se ele mesmo? Ainda sobre a primeira hipótese de que Ehrenberg (1998) se serve para fundamentar a depressão, o autor nos diz que ela

... nos instrui sobre nossa experiência atual da pessoa, porque ela é a patologia de uma sociedade na qual a norma não é fundada sobre a culpabilidade e a disciplina, mas sobre a responsabilidade e a iniciativa [...] O indivíduo é confrontado à uma patologia da insuficiência mais a que uma doença da falta, ao universo do disfuncionamento ao invés do universo da lei (Ehrenberg, 1998, p. 16).

Diante dessa insuficiência, seria possível pensarmos que o implante de prótese mamária de silicone, a que meninas adolescentes se submetem, vem se transformando em uma regra básica na chegada da adolescência? Com seios pequenos, se pensarmos nas medidas padrão de “peitos turbinados”, na atualidade, estariam nossas adolescentes se sentindo responsáveis por não terem atributos físicos condizentes com a norma, ou seja, insuficientes, empreendendo assim suas cirurgias estéticas? Estariam também, sob a égide do modelo da insuficiência, as meninas que, com seios grandes, ainda procuram pelo implante de prótese mamária de silicone? Nesse sentido, parece caber aqui, a afirmação de Ehrenberg (1998) de que os tais modos de regulação, a partir da responsabilidade e iniciativa,

... não são uma escolha que cada um poderia fazer de modo privado, mas uma regra comum, válida para todos sob pena de ser colocado em margem da socialidade (Ehrenberg, 1998, p.16).

Não seria justamente a ideia de “peitos turbinados” a regra atual para meninas adolescentes que, quando não seguida à risca, as colocaria à margem da sociedade como aquelas que não têm seios dignos de atraírem o olhar? Estaríamos, então, diante da patologia da insuficiência, tal como apontada por Ehrenberg (1998)? Se sim, temos fundamentada a busca do implante de prótese mamária realizada por nossas meninas adolescentes, a partir da insuficiência de seus atributos físicos e, portanto, a responsabilidade de transformá-los via o implante de prótese mamária de silicone.

Passemos, então, às considerações a respeito da segunda hipótese ehrenberguiana para a depressão, a qual tem como **pano de fundo** a teoria do conflito psíquico para Freud, esse centrado na culpa, no desejo. Tal hipótese é particularmente cara às nossas articulações, uma vez que, segundo o autor, ela

... repousa sobre o declínio da referência ao conflito sobre a qual se construiu a noção de sujeito que o fim do século XIX nos deu de herança. A identificação das noções de conflito e de sujeito se fez com a invenção da psiconeurose de defesa por Freud (Ehrenberg, 1998, p.18).

Antes, uma ressalva: embora soubéssemos de antemão que a histeria está sob a chave das psiconeuroses, optamos, como afirmado anteriormente, em não tratar aqui da neurose histérica, já que assim estaríamos reduzindo meninas adolescentes que se submetem ao implante de prótese mamária de silicone à condição única de histéricas. Afirmamos que nossa hipótese seria a de ler o projeto cirúrgico das referidas meninas, a partir da noção de corpo histérico instituído pela operacionalização do recalque, o qual levaria o organismo à condição de corpo pulsional, fazendo sua entrada no campo da cultura.

Assim, diante da ideia do conflito psíquico freudiano, Ehrenberg (1998), inversamente, sintetiza que nos tornamos

... puros indivíduos, no sentido em que nenhuma lei moral e nenhuma tradição nos indicam de fora quem nós devemos ser e como nós devemos nos conduzir. Desse ponto de vista, a linha de fronteira entre o permitido e o proibido que normatizava a individualidade até os anos 1950-1960, perdeu sua eficácia (Ehrenberg, 1998, p. 15).

Uma vez que havíamos partido da ideia do conflito psíquico para a instituição do corpo histérico, agora com Ehrenberg (1998), nossa hipótese inicial vê a sua derrocada. O caráter fronteiro entre o “permitido” e o “proibido” esmaeceria a noção de recalque e, por conseguinte, a constituição sintomática do corpo histérico. Logo, a ideia de que o corpo histérico estaria a nos pregar uma nova peça, nesse início do século XXI, também não se sustentaria. Assim, o fenômeno de implante de prótese mamária de silicone a que meninas adolescentes se submetem nos remete, então, mais à primeira hipótese de Ehrenberg (1998), aquela de um corpo insuficiente.

Kehl (2009), com base em Ehrenberg (1998), defende a tese de que a depressão seria um sintoma contemporâneo, no campo da cultura, que pode ser lido a partir da teoria das neuroses, e não a partir da estrutura neurótica histérica. Desse modo, a autora afirma que o depressivo expressa seu sofrimento através do



... lugar de exceção que ele ocupa entre os que se consideram adaptados às exigências contemporâneas da felicidade. O depressivo é incapaz de corresponder aos desígnios do Outro nas sociedades regidas pelo imperativo da felicidade, da predisposição permanente a divertir-se e gozar (Kehl, 2009, p. 193-194).

Dessa maneira, esse lugar no qual o depressivo não consegue se sustentar, não seria justamente o lugar ocupado por nossas meninas adolescentes, já que essas parecem se considerar aptas para tal? Seriam elas, com seus implantes de prótese mamária de silicone, a expressão do negativo da depressão? Com Medeiros (2005), chegamos à noção de que para a menina a não visibilidade de seu sexo teria como efeito psíquico uma ferida narcísica. Poderíamos, afirmar que essa estaria sendo “tratada” a partir do implante de prótese mamária de silicone, no caso das meninas adolescentes?

É plausível que sim, se seguirmos o traçado elaborado pelo autor, uma vez que ele irá aproximar a elaboração psíquica da referida ferida ao Eu ideal, que aqui pode ser cambiado pelo imperativo de felicidade que Kehl (2009) menciona. Medeiros (2005) também aponta que o Eu ideal leva em consideração uma forma, ou seja, uma estética. A imagem de “peitos turbinados” é proporcionada justamente por um processo cirurgicamente denominado de estético. De forma antecipada, estaria aí o que moveria meninas adolescentes a procurarem pelo implante de prótese mamária de silicone na atualidade: uma estética que viria a recobrir sua ferida narcísica.

No início desse capítulo, propusemos um diálogo a partir da constituição do corpo histórico – sob a luz do conflito psíquico para Freud – articulando-o à noção de insuficiência para Janet, proposta por Ehrenberg (1998). O autor, para fundamentar a depressão na contemporaneidade – como vimos –, se utiliza da ideia de insuficiência, a qual se opõe justamente ao modelo freudiano de conflito.

Assim, façamos um parêntese e relembremos nosso objetivo com esse capítulo: pensar sobre o que move meninas adolescentes a procurarem por um implante de prótese mamária de silicone. Além disso, anunciamos nosso problema de pesquisa nos perguntando de que modo poderíamos fundamentar o movimento das referidas adolescentes sob a ótica da psicanálise.

A partir do problema, salientamos duas questões a serem consideradas para o desenvolvimento de um diálogo com nosso tema de pesquisa.

Primeiramente, a associação entre saúde, bem-estar e corpo perfeito que parece estar a serviço de um evitamento de qualquer espécie de conflito para o humano. A segunda, de que maneira poderíamos ler o movimento das nossas adolescentes, a partir da noção de corpo histérico para a teoria psicanalítica.

Assim, em um primeiro momento, sustentamos a leitura do fenômeno de implante de prótese mamária de silicone a que meninas adolescentes se submetem, a partir da patologia da insuficiência de Janet – a qual descartaria a noção de conflito psíquico para Freud. Em seguida, Medeiros (2005) nos apontou no horizonte o diálogo entre o sujeito feminino e a estética – sob a luz do Eu-ideal como uma estética que recobriria a ferida narcísica constituinte daquele sujeito. No entanto, devemos lembrar, ainda, que o Eu-ideal participa da noção freudiana do conflito psíquico, aquela mesma desconsiderada pela leitura de Janet.

Relembremos também que na atualidade é crescente o estágio de medicalização da vida, em que a implicação subjetiva por parte do ser humano em relação às suas próprias ações e sintomas corporais, parece cada vez mais ficar em segundo plano. Como, então, buscaríamos na tessitura do discurso, o que move meninas adolescentes a implantarem prótese de silicone em seus corpos se não podemos mais contar com esse discurso mesmo para termos notícias sobre o corpo histérico?

Acreditamos ser providencial suspendermos nossa discussão nesse momento, em virtude do caráter paradoxal que revelou a leitura proposta no início desse capítulo. É devido, então, lançarmos mão de um rodeio teórico e retornarmos à concepção sobre o corpo pulsional. A citação de Rudge (1998), ao mencionar tal corpo, salienta que ele é dotado de uma “imagem de um corpo, que é para ele [o sujeito] um objeto libidinal” (Rudge, 1998, p. 16). Nessa assertiva, encontra-se presente a noção daquilo que Freud nomeou como narcisismo. É, pois, a partir dele que retomaremos a leitura de Medeiros (2005), estabelecendo um diálogo entre o sujeito feminino, o narcisismo primário e o Eu.

Dessa maneira, façamos a devida incursão nas noções de narcisismo primário, Eu Ideal e ideal de Eu, tendo agora como visada a adolescência, sob o viés da teoria psicanalítica.

### 3.6

#### Narcisismo e adolescência

Os cuidados corporais que fazem parte do dia a dia de uma menina adolescente, na atualidade, são infínitos. Além de tais cuidados responderem a um narcisismo fundamental para com o corpo ou a uma demanda cultural pautada pela mídia, eles encontram outro profícuo campo para sua expressão. Estamos falando do desabrochar da sexualidade para a menina-mulher. Dentre as opções, a prótese de silicone, extremamente imaginarizada e carregada de sentido, nos dias de hoje, é presente de aniversário de 15 anos, como veremos na análise do campo.

No entanto, se associarmos o contexto adolescente ao nosso passado mais remoto, o da contracultura nos anos 1960, podemos afirmar, como discorrido no capítulo anterior, que ele trazia em seu bojo a atitude. Nesse sentido, a adolescência parece mais remeter a uma descoberta do mundo e redescoberta de si, na qual o adolescente, ao mesmo tempo em que anseia por diversão e prazer, vivencia uma espécie de desajuste em relação ao seu corpo, o prelúdio da transgressão em si – característica por si só adolescente.

Tal discordância corporal é também fruto da imersão do corpo adolescente no caldeirão hormonal, característico dessa fase. Assim, o nome **atitude**, se veiculado e esse contexto, parece estar respirando outros ares; pois, parafraseando a expressão popular, podemos pensar que nossas meninas adolescentes são aquelas que realmente **têm peito** e, nos dias de hoje, em geral, eles são de silicone.

Já na senda psicanalítica, a produção freudiana sobre a adolescência é esparsa e nela encontramos somente passagens ou subtópicos que abordam o tema. Assim, o termo para designar a fase subsequente ao chamado período de latência aparece na obra freudiana, ora sendo cambiado por puberdade, ora por adolescência. De acordo com Alberti (1996), “para Freud não há diferença entre adolescência e puberdade, razão pela qual é de puberdade que se trata quando em psicanálise procura-se delimitar esse campo” (Alberti, 1996, p. 22). Ela também lembra que há autores que primam por uma definição de adolescência na seara psicanalítica:

Para Octave Mannoni (1984), a importância da definição de adolescência reside no fato de que é preciso distinguir uma etapa no desenvolvimento do indivíduo diferenciando-a do que, em psicanálise, foi estudado sob o termo “puberdade”, na medida em que esta última diz respeito a uma crise puramente individual que não coloca nenhum problema social. No entanto, a adolescência se diferencia da puberdade pelo fato de a primeira ameaçar criar um conflito de gerações (Alberti, 1996, p. 22).

Dessa forma, optaremos aqui pelo termo adolescência englobando conflitos e crises particulares dessa fase, no trânsito entre o universo individual e coletivo. Freud, com “Estudos sobre a histeria” (1895), toca a concepção da sexualidade humana para a psicanálise. Dez anos mais tarde, e de forma mais específica, o autor retornará à mesma questão em seus “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905). Será na terceira parte desse texto que Freud irá discorrer sobre “As transformações da puberdade”.

Podemos afirmar que o texto “Três ensaios...” tem duas razões para sua visada fisiologista. A primeira é temporal, pois estamos no início da produção teórica de Freud e, por isso, ele ainda recorre ao seu passado mais imediato, o de médico neurologista. Já a segunda razão está no fato de a adolescência ser, justamente, tempo de ebulição hormonal que desencadeará transformações, em maior ou menor escala, no organismo. No entanto, acrescida à ótica fisiológica, ratificamos a posição de Alberti (2008), quando a autora sustenta que a adolescência é “uma escolha do sujeito” em “assumir o desligamento dos pais” (Alberti, 2008, p. 46).

A partir da identificação tomada tanto pelos meninos quanto pelas meninas em relação a uma das figuras parentais, ao final do complexo de Édipo, podemos deduzir, emprestando o sotaque freudiano, que o período subsequente – o de latência – funcionaria como uma hibernação forçada para o sujeito. Esse deverá esperar por sua maturação biológica e fisiológica para, então, despertar novamente, reencontrando-se com seu corpo, agora sob o ângulo da adolescência. Nesse momento, impor-se-á ao adolescente a decisão entre seguir atado ao simbólico cordão umbilical de seus pais ou não.

Também seria mesmo na adolescência, diante do desencadeamento hormonal, que os seios de uma adolescente literalmente despontariam para o mundo e para o encontro com o “objeto sexual”, como diria Freud (1905, p. 195), já no início da terceira parte dos “Três ensaios...”. No entanto, é fato que, para

algumas meninas, esse despontar parece tê-las desapontado, uma vez que a fita métrica lhes revela seu descontentamento com seus atributos físicos.

Na experiência com o atendimento psicológico de pré e pós-operatório de meninas adolescentes que iriam se submeter ao implante de prótese mamária, revelou-se lugar comum como justificativa para tal procedimento cirúrgico um certo envergonhamento pelo fato de terem “seios pequenos”, alegando assim não se sentirem femininas. Tal fato parece dizer do arranjo psíquico por elas elaborado em relação à imagem dos seus próprios corpos em relação com a sexualidade. Voltaremos ainda a essa questão no final deste capítulo.

Ainda no texto “Três ensaios...” (1905), no final da terceira parte, Freud assinala que um dos momentos mais difíceis da adolescência é “o desligamento da autoridade dos pais, unicamente através do qual se cria a oposição, tão importante para o progresso da cultura, entre a nova e a velha gerações” (Freud, 1905, p. 213). De forma geral, a chegada da adolescência parece remeter a uma separação **a ser elaborada**, por parte do adolescente em relação aos seus pais. No entanto, se, por um lado, os pais ocupavam uma posição bastante idealizada aos olhos da criança até a chegada de sua adolescência, por outro, temos o narcisismo dos pais reivindicando para a criança seus próprios desejos não realizados. Em “À guisa de introdução ao narcisismo”, de 1914, Freud afirma:

O ponto mais vulnerável do sistema narcísico, a imortalidade do Eu, tão duramente encurralada pela realidade, ganha, assim, um refúgio seguro abrigando-se na criança. O comovente amor parental, no fundo tão infantil, não é outra coisa senão o narcisismo renascido dos pais, que, ao se transformar em amor objetal, acaba por revelar inequivocamente sua antiga natureza (Freud, 1914, p. 110).

Desse modo, essa conjunção de contingências desembocará em um enodamento daquela posição idealizada, da qual o sujeito, ao adentrar na adolescência, terá que se desligar. No caso das cirurgias estéticas em meninas adolescentes – de forma geral – são os pais mesmos, ou quem exerce essa função, que irão pagar, às vezes com discussões, a cirurgia a que a filha irá se submeter. Esse pagamento traz no seu bojo a implicação da função parental em autorizar a realização do procedimento cirúrgico. Alberti (2004), sobre esse contexto, se apoia nas palavras de Robertie e Haim:

Se há crise de adolescência, diz Louis de la Robertie (1984), há também crise dos pais. Os pais revivem certas forças pulsionais recalçadas, ao mesmo tempo em que devem fazer um importante trabalho de luto. Mas foi André Haim (1971) quem mais desenvolveu essa questão. Ele lembra que o adolescente – diante de tantas possibilidades – reativa no adulto o conflito fundamental Eros-Tanatos. O adulto não dispõe mais de todas as possibilidades que se oferecem à juventude. A adolescência reativa esse conflito nos adultos, principalmente porque a adolescência ela mesma, de um modo ou outro, encarna esse conflito (Alberti, 2004, p. 28).

No entanto, Freud (1914) afirma, que apesar da crise, para os pais, seus filhos são os mais perfeitos existentes e, ainda, que se houver neles alguma imperfeição, essa logo deverá ser dissimulada. Cabe a pergunta: estaria, nos dias de hoje, tal imperfeição sendo “corrigida” com uma cirurgia estética? O autor, então, desenvolve a lógica de que, se os pais um dia tiveram que abdicar de seu lugar de “sua majestade, o bebê” (Freud, 1914, 110), devido às restrições impostas pela vida, agora serão seus filhos aqueles que devem usufruir de seu narcisismo outrora perdido.

Finalizada a contextualização da adolescência, em seu viés psicanalítico, passemos agora ao que implicam as noções, propriamente ditas, de narcisismo, Eu-ideal e ideal de Eu. Partamos do autoerotismo, ou seja, a fase anterior ao narcisismo em que as pulsões se expressam no próprio corpo de forma fragmentada e se satisfazem independentemente de um objeto externo. Freud, em “À guisa de introdução ao narcisismo” (1914), irá se perguntar qual seria a relação entre o autoerotismo e o narcisismo. A resposta para tal questão será dada a partir da ideia de que “é uma suposição necessária a de que uma unidade comparável ao Eu não esteja presente no indivíduo desde o início; o Eu precisa antes ser desenvolvido” (Freud, 1914, p. 99). Ele ainda salienta que “é necessário supor que algo tem de ser acrescentado ao autoerotismo, uma nova ação psíquica, para que se constitua o narcisismo” (Freud, 1914, p. 99). Essa “nova ação psíquica” é, em outras palavras, o Eu, já que esse ainda não existia na fase do autoerotismo, como suposto por Freud. Medeiros (2005) nos indica que

Isto ocorre, pois, para esta estrutura ainda precária, que Freud denominou Narcisismo Primário, não há uma separação nítida entre o mundo das percepções internas e dos objetos externos (Medeiros, 2005, p. 66).

Podemos afirmar que, nesse momento, é o corpo da criança que fará a mediação entre as “percepções internas” e os “objetos externos”. Em seu corpo, o narcisismo primário praticamente se confunde com o Eu, se considerarmos a clássica passagem contida em “O Eu e o Id” (1923), em que Freud afirma que “o Eu é sobretudo um Eu corporal, mas ele não é somente um ente de superfície: é, também, ele mesmo, a projeção de uma superfície.” (Freud, 2007/1923, p. 38).

É importante lembrarmos que, sendo o Eu agora investido como um objeto libidinal, a primeira teoria das pulsões – dividida entre as pulsões sexuais e pulsões do Eu ou de autoconservação – deverá ser reavaliada. Diante de tal problemática, Freud (1914) irá levantar uma segunda questão: “se admitimos para o Eu um investimento primário com libido, por que seria ainda necessário diferenciar, de um lado, uma libido sexual e, de outro, uma energia não-sexual pertencente às pulsões do Eu?” (Freud, 1914, p. 99). A respeito dessa passagem, recorreremos às esclarecedoras palavras de Garcia-Roza (1995):

A distinção entre libido de eu e libido de objeto, fundamental para Freud naquele momento [da primeira teoria das pulsões], não diz respeito à origem da pulsão nem tampouco à distinção entre o sexual e o não-sexual. Em ambas as formas – libido do eu e libido de objeto – o que está em jogo é a libido, portanto o modo pelo qual o sexual se faz presente no psiquismo. Ambas dizem respeito à pulsão sexual, a qual pode ter como objeto o próprio eu ou um objeto exterior (Garcia-Roza, 1995, p. 43).

Freud, no início da terceira parte de “À guisa de introdução...” (1914), salienta que a mais importante prova pela qual o narcisismo deverá passar é o complexo de castração, o qual “pode ser abordado especificamente no contexto da intimidação sexual precoce sofrida pela criança” (Freud, 1914, p. 111). Assim, o autor salienta que o recalque deverá entrar em cena, para fazer frente à castração, já que é ameaçadora do narcisismo, ou seja, do Eu. Como consequência do funcionamento do recalque, o autor sintetiza: “podemos dizer que um sujeito erigiu em si um ideal, pelo qual mede seu Eu atual [...] assim, a condição para o recalque é essa formação de ideal por parte do Eu” (Freud, 1914, p. 112).

É, pois, a partir dessa concepção de Eu-ideal que Lacan (1998) irá tecer suas elaborações sobre o estágio de espelho, revelado através do momento em que a criança reconhece sua imagem no espelho e a identifica como sendo a sua

própria imagem. Será, então, essa imagem mesma que será assegurada e revivida através do narcisismo dos pais, como mencionado anteriormente. Freud (1914), assim, conclui que “o amor por si mesmo que já foi desfrutado pelo Eu verdadeiro na infância dirige-se agora a esse Eu-ideal” (Freud, 1914, p. 112). Assim, para o Eu-ideal outrora perdido, o narcisismo será resgatado na forma de um ideal do Eu.

Assinalamos, na parte em que discorreremos sobre o Édipo na menina, a importância do olhar que a mãe lhe dirige. Desse modo, agora podemos afirmar que seu olhar irá também exercer a função de espelho. Nesse sentido, nos valem aqui da consideração de Medeiros (2005) sobre o estágio do espelho pertinente à relação pré-edípica entre a menina e sua mãe. O autor afirma que

... o momento lógico do estágio do espelho consubstanciaria a existência do Eu criando-lhe a ilusão de uma representação fora de si próprio. Tal representação colocaria o Eu em um novo ângulo de mirada; para se ver, o Eu se olha de onde não está e lá, onde não é o seu lugar, só de um outro pode ser. É assim, do olhar do Outro que o Eu se vê (Medeiros, 2005, p. 71).

Ainda com esse mesmo olhar, Medeiros (2005) afirma que

... a mãe fálica acena com a promessa de completude. Ao se apresentar como completa a mãe sugere esta possibilidade à sua filha. Entretanto, exatamente por ser fálica aquela sempre buscará ter esta como objeto. A relação ambivalente entre mães e filhas ganhará matizes mais acentuadas. A filha amará a completude de sua mãe pelo que ela representa de esperanças de reencontro com o Eu-ideal perdido e a tomará como um modelo ideal para o seu Eu. Por outro lado odiará a posição de objeto que o gozo fusional a aprisionou (Medeiros, 2005, p. 174).

Promessa não cumprida, incorremos novamente na não visibilidade para a menina em relação ao seu sexo e, conseqüentemente, na castração. Tendo essa ideia em mente e, se dermos um salto até a adolescência, podemos então recorrer a Alberti (2008) quando ela salienta que “não é possível pensar a adolescência sem referência à castração”. A autora também afirma que uma das possíveis formas de se elaborar a castração estaria no “maior ou menor cuidado com o corpo” (Alberti, 2008, p. 47). Ora, não seria mesmo essa gradação que vemos nas práticas de cuidado com o corpo entre as adolescentes, no campo da cultura? Se, pois, por um lado, encontramos meninas que apresentam uma necessária cota



narcísica de cuidados para com os seus corpos, por outro, temos aquelas que irão conferir exacerbado valor à estética, recorrendo a uma cirurgia plástica.

Parece evidente que o narcisismo em voga, o qual vem sendo transformado em cuidados indispensáveis com o corpo, não tem mais nenhuma relação isolada com o narcisismo vital como aquele devido à constituição do sujeito. Isso porque, se não são incorporados esses “novos valores estéticos” a cada dia, esse sujeito estará às margens do que seria de bom tom fazer; tal incorporação lhe conferirá um *status*, ao menos imaginário, de pertença ao diferente e exclusivo, o que, por ironia, a cada dia que passa, está mais ao alcance de todos. É o que salienta Vieira (2008) ao lembrar que, na contemporaneidade,

... com um bom editor e de posse dos recursos técnicos necessários, pode-se apagar imperfeições de qualquer imagem. Quase se acredita na capacidade de eliminar os marcadores invisíveis, chamados por Roland Barthes (1980) de *punctum*, que apontam para o real da imagem e físgam cada um de modo singular. A crença generalizada na possibilidade de a técnica pôr fim, de uma vez por todas, aos pontos cegos reduz a preciosa terra de ninguém entre sujeito e Outro. Reduz, ao mesmo tempo, o poder dessa área de sombra de conferir ao sujeito uma margem de manobra em relação a seu gozo. Dessa forma, toda vez que, por obra do *photoshopping*, as imagens chapam seus pontos de invisibilidade, passam a exigir submissão quase integral às regras estéticas que fixam (Vieira, 2008, p. 80).

Freud (1914) já havia nos alertado para o fato de que tudo o que estava relacionado às diferenças extremadas em relação à aparência física desempenhava “papel insignificante na etiologia das neuroses” (Freud, 1914, p. 116). Assim, em uma leitura contemporânea, a feiura – hoje também veiculada à obesidade – ou a beleza física dos corpos malhados em academias de ginástica (Novaes, 2006, 2010) não deveriam fazer com que adoecêssemos.

No entanto, o que vemos, na cultura contemporânea, é praticamente uma culpabilização daqueles que não respondem à “sociedade do espetáculo”. Ora, havendo culpa, há também conflito. Inversamente, não estariam adoecidos, justamente, aqueles que atendem com veemência à tirania cruel pautada pela mídia? Se tal tirania nos é maléfica, por que, então, responderíamos a ela? Ao responder à tirania do corpo ideal – lembrando ainda que o alcance desse envolveria sacrifícios e práticas nada saudáveis –, se estaria buscando

paradoxalmente a saúde e bem-estar, já que essa é a associação em vigor na cultura contemporânea.

Contudo, responder a uma demanda maléfica parece apontar para um outra questão, a qual diz respeito também à configuração subjetiva de cada um. Nesse sentido, parece não haver nenhuma implicação subjetiva por parte do sujeito em relação ao que lhe toca o corpo ou ao que pode dizer de seus atos quando esses atingem diretamente seu corpo.

### 3.7

#### **“Isso de querer ser exatamente o que se é ainda vai nos levar além”<sup>2</sup>**

Retomemos, nesse momento, nossa discussão sobre o declínio do conflito psíquico, preconizado por Ehrenberg (1998). Em parte, acreditamos ser plausível a leitura do fenômeno de implante de prótese mamária de silicone a que meninas adolescentes se submetem, sob a ótica do “sentimento de insuficiência” (Ehrenberg, 1998, p. 11). Nossas adolescentes, diante do excesso de cuidados corporais a elas apresentado, começariam a ficar cansadas de se tornarem elas mesmas. Isso, se considerarmos que estão buscando uma imagem de si.

Porém, sob essa noção de uma imagem de si, a qual foi discutida e articulada ao longo desse capítulo, está também a noção de conflito psíquico e, conseqüentemente, a de corpo histérico para Freud. Isso ainda nos possibilita recorrer à tessitura do discurso para termos notícia do corpo pulsional.

Vale ressaltar também que, na hipótese de Ehrenberg (1998) para o declínio do conflito, o autor não faz menção àquilo que Freud chamou de neurose atual. Dessa maneira, Fortes (2008) lembra que

... se, por um lado, Ehrenberg não vê a possibilidade de se pensar a neurose freudiana em um mundo que se deslocou da culpabilidade para a responsabilidade, por outro lado uma leitura crítica de seu livro sinaliza que ele não leva em conta o fato de que o conflito e a culpabilidade não se constituem no único modo em que Freud circunscreve o adoecimento psíquico. Não há apenas um destino pulsional possível, nem apenas uma, mas várias formas de padecimento psíquico (Fortes, 2008, p. 69).

<sup>2</sup> LEMINSKI, Paulo. *Distraídos venceremos. Poema: Incenso fosse música*. 3. ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990.

Assim, recorramos a Freud:

Os sintomas das neuroses atuais [...] não têm nenhum sentido, nenhum significado psíquico. Não só se manifestam predominantemente no corpo [...] como também constituem, eles próprios, processos inteiramente somáticos, em cuja origem estão ausentes todos os complicados mecanismos mentais que já conhecemos (Freud, 1916[1917], p. 451-452).

Temos em mente que a concepção de neurose atual difere daquela concepção das psiconeuroses de defesa, a qual nos serviu para nossa leitura sobre o corpo histórico. No entanto, ocorre nos perguntarmos se haveria a possibilidade de aproximarmos a noção de sintoma para as neuroses atuais, que atingem o corpo sem nenhuma significação psíquica, à pulsão de morte.

A referida pulsão, que é apresentada por Freud no texto “Além do princípio do prazer” (1920), faz parte de sua reformulação teórica para a primeira teoria das pulsões – das pulsões sexuais e das pulsões do Eu. Tal reformulação irá desembocar na sua segunda teoria das pulsões, essa, agora dividida em pulsões de vida – que passam a abrigar as pulsões sexuais e as pulsões do Eu – e a pulsão de morte. Na primeira teoria, o funcionamento psíquico era regido pelo princípio do prazer. Já com a segunda, a partir de sua experiência clínica, Freud irá constatar que além do princípio do prazer está a pulsão de morte e, conseqüentemente, a compulsão a repetir. Essa repetição de daria justamente pelo fato de que a pulsão de morte – devido ao excesso – não funcionaria dentro da lógica da representação. Daí, entendermos ser possível aproximá-la às neuroses atuais.

Fortes (2008) ainda aponta uma outra possibilidade de leitura não mencionada por Ehrenberg (2008), que difere daquela utilizada por ele. Assim, de forma alternativa, a autora aponta na teoria freudiana a neurose de destino:

A produção sintomática relativa a essa neurose não remete tão diretamente à questão do corpo, mas afirma, com a noção de pulsão de morte, a preponderância do registro econômico e da descarga afetiva na dinâmica psíquica. Freud não fala exatamente, aqui neste contexto, de uma “carência de elaboração psíquica”, mas circunscreve um pulsional que escapa ao campo da representação e que, por isso mesmo, configurase como excesso: a pulsão de morte (Fortes, 2008, p. 71).

Essa dimensão mesma de excesso pulsional parece remeter ao excesso de possibilidades à disposição do sujeito, no campo da cultura, possibilitado pela queda das referências normativas nas sociedades patriarcais.

Recorremos às considerações de Fortes (2008) a partir da neurose atual e de destino para demonstrarmos a pertinência de uma leitura freudiana além daquela do conflito psíquico – sem deixarmos também de considerá-lo. Assim, apresentaremos ainda uma terceira possibilidade, a saber, a neurose de angústia – participe da neurose atual –, a partir das reflexões de Pinheiro & Darriba (2011) sobre o tema. Os autores irão desenvolver um interessante diálogo entre o estatuto do corpo e a neurose de angústia para Freud, aproximando essa última à pulsão de morte. Na esteira freudiana, eles lembram que

... o que é anterior ou externo ao psíquico não é o somático, entendido como fisiológico, mas algo que nos remete ao campo do desamparo, ao além do princípio do prazer, à pulsão de morte. Tal concepção torna possível pensarmos em um além que não se restringe ao sexual recaiado, demonstrando a pertinência das concepções trazidas por Freud em seu conceito de neurose de angústia, na medida em que há, nesta, a problematização de algo que não se refere exclusivamente ao conflito psíquico (Pinheiro & Darriba, 2011, p. 386).

Lembremos ainda que o excesso próprio da pulsão de morte nos remete a uma adicção. Como não lembrar aqui do termo cunhado por Medeiros (2005), o das **Doenças da Beleza**. Assim, o autor sintetiza que

... a relação do sujeito feminino com a estética de seu corpo e com o olhar do Outro, é da ordem de uma adicção, uma dependência, que suave ou aguda agrupamos sob o nome de Doenças da Beleza (Medeiros, 2005, p. 183).

Em última análise, feitas nossas considerações a respeito do corpo para a teoria psicanalítica em diálogo com nosso tema de pesquisa ao longo desse capítulo, gostaríamos de salientar dois aspectos. Primeiro: a adolescência ou a chamada crise da adolescência parece remeter a um desligamento do imaginário familiar. Esse, conferirá ao sujeito um abalo em sua imagem de si, abalo que poderia possibilitar ao sujeito se desligar do simbólico cordão umbilical que o ligava às suas figuras parentais. Segundo: diante de tal abalo, através das cirurgias estéticas, a menina adolescente parece tentar **reconstituir** sua imagem de si, ou

seja, aquela de um Eu-ideal, ou **construir** uma nova imagem de si, a do ideal de Eu, que se enquadre nos moldes vigentes na cultura contemporânea. Já na terceira margem do rio<sup>3</sup>, essa imagem buscada através dos cânones da beleza, na atualidade, parece querer soldar o conflito psíquico constituinte do humano, que se apresenta acentuado em uma fase da sua trajetória de vida, a qual chamamos de adolescência. Tal crise parece **mover** nossas meninas adolescentes a buscarem por uma cirurgia estética que as **fixe** em um padrão de beleza imaginário funcionando como suporte subjetivo. Diríamos, como uma prótese. Uma prótese que sustentaria o excesso pulsional?

O movimento de reconstituição ou construção de um novo corpo para a menina adolescente, além do modelo preconizado pela mídia, aparece também em romances contemporâneos de ficção científica. Esses parecem apontar o que aguarda a adolescente “do futuro”: de feia, pode passar a perfeita, tornando-se assim uma menina especial.

### 3.8

#### Feios, Perfeitos, Especiais

Sinais dos tempos, coincidências ou não, a literatura infanto-juvenil americana lançou no ano de 2010 uma série composta de quatro livros, do escritor Scott Westerfeld, intitulados respectivamente Feios (2010), Perfeitos (2011), Especiais (2011) e Extras (2011), esse último ainda não lançado no Brasil. Na orelha de Feios (2010) lê-se a seguinte resenha do romance, que em muito nos lembra nossas jovens adolescentes que – do dia para a noite ou após as férias escolares – aparecem na mídia e rede sociais a contar seus motivos da experiência de transformação corporal a que se submeteram:

Tally Youngblood é feia. Não, isso não significa que ela seja alguma aberração da natureza. Não. Ela simplesmente ainda não completou 16 anos. Em Vila Feia, os adolescentes ficam presos em alojamentos até o aniversário de 16 anos, quando recebem um grande presente do governo: uma operação plástica como nunca

<sup>3</sup> Trata-se de uma alusão ao conto “A terceira margem do rio” de Guimarães Rosa - “Primeiras Estórias”, Ed. Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 1988, p. 32. Sabemos que as possibilidades de leitura para o tema de nossa pesquisa são infindas. Assim, a terceira margem do rio, aqui, seria uma possibilidade de leitura outra, a partir de uma não dicotomia entre “se não é isso, então é aquilo”.

vista antes na história da humanidade. Suas feições são corrigidas à perfeição; a pele é trocada por outra, sem imperfeições ou – nem pense nisso – espinhas; seus ossos são substituídos por uma liga artificial, mais leve e resistente; os olhos se tornam grandes; e os lábios, cheios e volumosos. Em suma, aos 16 anos todos ficam perfeitos. Tally mal pode esperar pelo seu aniversário. Depois da operação, vai finalmente deixar Vila Feia e se mudar para Nova Perfeição, onde os perfeitos vivem, bebem, pulam de paraquedas, voam a bordo de suas pranchas magnéticas e se divertem (o tempo todo). Mas, enquanto espera que as poucas semanas até completar 16 anos passem, Tally precisa se distrair. Uma noite, ela conhece Shay, uma feia que não está nem um pouco ansiosa para completar 16 anos. Pelo contrário: Shay pretende fugir dos limites da cidade e se juntar à Fumaça, um grupo de fora da lei que sobrevive retirando seu sustento da natureza. Para Tally, isso é maluquice. Quem iria querer ficar feio para sempre ou se arriscaria a voltar para a natureza e queimar árvores para se aquecer, em vez de viver com conforto em Nova Perfeição e se divertir à beça? Mas, quando sua amiga desaparece, os Especiais, autoridade máxima desse novo mundo, propõe um acordo a Tally: se unir a eles contra os esfumaçados ou ficar feia para sempre. A escolha de Tally irá mudar o mundo ao seu redor, mas, principalmente, ela mesma (Feios, 2010).

Assim, todos os adolescentes feios, moradores de Vila Feia, ao completarem 16 anos de idade, são submetidos a uma cirurgia plástica radical. Como um “passe de mágica”, da noite para o dia, são transformados em perfeitos, passando a viver, a partir de então em Nova Perfeição. Para os *outsiders* de Vila Feia, ou seja, aqueles que não querem se tornar perfeitos, há a possibilidade de fugirem para Fumaça.

Poucos dias antes de sua cirurgia, Tally conhece Shay. Essa, não querendo se tornar perfeita, convida Tally para fugir com ela para Fumaça. Ela não aceita o convite, pois não quer continuar feia para sempre; prefere, então, esperar pela data do seu aniversário, quando ocorrerá sua transformação. Shay ainda deixa com Tally um bilhete um tanto enigmático, com as dicas para ela chegar até Fumaça, caso mude de ideia.

Chegada a data de sua cirurgia, ou seja, no seu aniversário de 16 anos, Tally recebe de Circunstâncias Especiais – órgão que realiza as cirurgias – a notícia de que sua transformação não poderá ser realizada. Tal fato se deve ao sumiço de Shay que, aliás, já se encontra em Fumaça. Com o intuito de descobrir o paradeiro de Shay, o setor Circunstâncias Especiais propõe a Tally que ela os ajude a encontrar sua amiga, utilizando-se do bilhete deixado por Shay. Consequentemente, Circunstâncias Especiais resolveria seu problema, que é

descobrir onde fica Fumaça. Caso não aceite a proposta, Tally não terá o direito à sua cirurgia.

Tally, agora uma espiã, parte em direção a Fumaça munida de um pingente – colocado nela por Circunstâncias Especiais – que irá monitorá-la até sua chegada à cidade dos fora da lei. Lá chegando, ela reencontra Shay e também conhece Croy e David; por esse, Tally se apaixona. Ao conhecer a organização social e o estilo de vida que os habitantes de Fumaça ali estabeleceram, Tally começa a mudar de opinião. Tem dúvidas sobre se deve ou não acionar o pingente que carrega no pescoço. Uma vez acionado ela destruiria a vida de todos os moradores da cidade, traindo-os – incluindo Shay e seus novos amigos. Se, por um lado, sente-se culpada por isso, por outro, não acionando o pingente, continuaria feia para sempre.

Shay, ao perceber o pingente em forma de coração que sua amiga carrega no pescoço, entende que ele fora dado por alguém que estaria apaixonado por Tally e que ela teria contado a essa pessoa que estava indo para Fumaça. Já David, apaixonado por Tally, conta a ela seu segredo. Ele nunca fora um fugitivo de Vila Feia. Ele já havia nascido em Fumaça; seus pais, sim, é que eram fugitivos de Perfeição. Eles eram cirurgiões plásticos que trabalhavam para Circunstâncias Especiais, realizando os procedimentos cirúrgicos para transformar um feio em perfeito. Com isso, conseguiram reverter suas próprias operações, tornando-se feios novamente, fundando assim Fumaça.

O motivo para os pais de David quererem voltar a serem feios é a descoberta de que a cirurgia que realizavam provocava como seqüela uma lesão no cérebro dos perfeitos, modificando seus modos de pensar. “A perda da personalidade – o que definia cada um em seu interior – era o preço a se pagar pela beleza (Westefeld, 2010). Em outras palavras, se a cirurgia tornava os perfeitos bastante semelhantes entre si, a forma de pensar seguia a mesma lógica. Logo, a superficialidade e o egocentrismo eram as características que os perfeitos adquiriam após a cirurgia. Embora em alguns perfeitos a lesão sumisse, havia um grupo que, após a cirurgia, não apresentava lesões. Eram justamente aqueles que faziam parte de Circunstâncias Especiais.

Após saber do segredo de David e seus pais, Tally decide-se por ficar em Fumaça e, numa noite, joga seu pingente em uma fogueira. Na manhã seguinte Circunstâncias Especiais chega a Fumaça para destruir a cidade. Os pais de David,

Shay e Croy são capturados, mas Tally e David conseguem fugir e iniciam uma missão para tentar resgatá-los. Eles, então, invadem o prédio de Circunstâncias Especiais e, acidentalmente, encontram Shay já transformada em uma perfeita. Conseguem resgatar a mãe de David – Maddy – e Croy. Já o pai de David está morto. Tally então conta toda a verdade a Shay, sobre o fato de que ela era uma espiã de Circunstâncias Especiais. No entanto, Shay, agora, como uma perfeita, não sente nem ódio e nem raiva da amiga.

Nesse ínterim, Maddy, a mãe de David, descobre a cura para os perfeitos lesionados e pergunta a Shay se ela gostaria de reverter sua cirurgia e, conseqüentemente, seu modo de pensar. Shay não aceita a proposta de Maddy, uma vez que agora é perfeita e feliz. Maddy nada pode fazer, pois, como sua descoberta se encontrava em estágio experimental, precisava, por questões éticas, do consentimento de Shay.

A culpa de Tally se torna insuportável diante de Shay transformada em um corpo perfeito e uma mente feliz e lesionada, que não entendia que seu modo de pensar havia sido transformado pela cirurgia. Para repará-la, Tally decide tomar o comprimido que curaria as lesões. Primeiramente, se entregaria a Circunstâncias Especiais para se tornar uma perfeita. Após o procedimento cirúrgico, Tally com o cérebro lesionado tomaria então a pílula para reverter sua lesão. Se o plano funcionasse para Tally, Shay estaria salva e poderia também tomar o remédio. David não aceita que Tally se submeta ao experimento. Ela conta a ele toda a verdade, ou seja, que ela era, no primeiro momento em que chegou a Fumaça, uma espiã a mando de Circunstâncias Especiais.

Feios (2010) termina com Tally se entregando a Circunstâncias Especiais, para se submeter à cirurgia. Antes disso, ela escreve uma carta para ela mesma – sugestão essa feita por Maddy – autorizando que seu cérebro lesionado seja recuperado pela comprimido desenvolvido por Maddy.

Já em Perfeitos (2010), Youngblood desfruta de uma vida em conformidade com os padrões de Nova Perfeição, como sempre desejou: muitas festas e luxo. A tecnologia de ponta, além de aplacar os costumeiros incômodos que assolam o corpo humano, funcionava como dispositivo de controle administrado por Circunstâncias Especiais para “vigiar” e “punir”<sup>4</sup>. Tal

---

<sup>4</sup> Referência explícita a Foucault (2009), obra na qual o autor trata do corpo moderno sendo modelado pelos dispositivos de controle disciplinar na sociedade.



dispositivo dava o tom *Big Brother* de como a vida funcionava em Nova Perfeição.

Tally é bastante conhecida e faz sucesso em meio aos perfeitos, habitantes daquela vila, onde o imperativo é se divertir e ser feliz. Suas recordações de seu tempo de feia são ínfimas. No entanto, será a visita de Croy – seu amigo dos tempos em que viveu em Fumaça – cujo nome ela não consegue ligar à pessoa, que irá fazer a vida perfeita da garota vacilar. Ele traz a Tally a carta que ela mesma havia escrito antes de se submeter à cirurgia e, com ela, dois comprimidos que supostamente curariam a lesão provocada por sua cirurgia. A carta escrita por Tally diz:

Querida Tally,  
 Você sou eu. Acho que seria melhor dizer que eu sou você... Tally Youngblood. A mesma pessoa. Mas, se estiver lendo esta carta, então nós duas também somos pessoas diferentes. Pelo menos é o que nós, Novos Esfumaçados, achamos que deve ter acontecido a esta altura. Você foi modificada. E é por isso que estou escrevendo. Será que você se lembra de ter escrito estas palavras? [...] Se você não tiver qualquer lembrança de ter escrito esta carta, então estamos ferrados. Eu, principalmente. Porque não ser lembrada por mim mesma significaria que o eu que escreveu esta carta foi, de alguma maneira, apagado. Ops. Isso pode significar que estou morta ou algo parecido. Então, pelo menos tente se lembrar. Enfim, o que estou tentando dizer é o seguinte: eles fizeram alguma coisa com o seu cérebro – com o nosso cérebro –, e é por isso que esta carta pode estar parecendo meio esquisita para você [...] mas temos certeza de que alguma coisa acontece com todo mundo que passa pela operação. Quando deixam as pessoas perfeitas, eles também acrescentam lesões (como se fossem pequenas cicatrizes) aos seus cérebros. As pessoas ficam diferentes, mas não no bom sentido. Olhe no espelho, Tally. Se estiver perfeita, você também tem as lesões. (Perfeitos, 2011, p. 95).

A carta irá fazer com ela recupere sua memória, porém de forma esparsa, fazendo-a se perguntar se realmente não se lembrava de seu passado por conta da lesão causada pela transformação cirúrgica. Tally decide tomar um dos comprimidos e oferece o segundo deles a Zane, seu namorado em Nova Perfeição. Os dois sofrem o efeito do remédio: uma mudança de comportamento não condizente com o comportamento dos perfeitos. Isso fará com que Shay, a melhor amiga de Tally, desconfie de que algo diferente e estranho esteja acontecendo.

Sem opção, Tally conta a verdade para Shay, ou seja, que ela tinha ido até Fumaça para recuperá-la, garantindo sua cirurgia para se tornar perfeita. Diante da

traição da amiga, Shay, como perfeita, consegue recuperar sua memória e, atravessada por sentimentos característico dos feios, passa a odiá-la, a sentir raiva de Tally.

Tally, em conflito, se sente culpada por tudo o que causou. Tem um corpo perfeito e agora, curada das lesões provenientes de sua transformação, tem sentimentos do mundo dos feios. Se com a cirurgia ela adquirira de fato um corpo perfeito, a imagem corporal de garota perfeita era o que claudicava, já que, curada e com o auxílio de sua própria carta, entendia que não era mais tão perfeita assim.

A história da garota que se torna perfeita da noite para o dia, através de um procedimento cirúrgico radical, não impede que sua imagem – se pensarmos na noção de Eu, imagem corporal, como visto nesse capítulo – de feia volte a incomodá-la. Diante da “perfeição” proporcionada por sua cirurgia, submerge ainda um corpo que delata a diferença entre aquilo que vê no espelho e que sente.

É interessante notar que, quando Shay vem a saber do real motivo que levou Tally até Fumaça, ela recupera sua memória e passa a ter sentimentos tais quais os de qualquer mortal. Esse fato pode ser articulado à noção de corpo representado tal como trabalhado neste capítulo.

Estando Shay com o seu cérebro lesionado, ela não teria condições de lembrar-se de seu passado. No entanto, é ao encontrar Tally “no espelho”, quando essa lhe conta sobre o motivo de sua ida até Fumaça, que Shay consegue recuperar sua memória. No romance, tanto Tally quanto Shay, ao se transformarem em perfeitas, continuam se sentindo feias, dados os seus sentimentos de culpa e raiva, respectivamente: Tally sente-se culpada porque, querendo a todo custo ser perfeita, contribui para a queda de Fumaça e para o fato de que a sua melhor amiga, Shay, agora esteja com o cérebro lesionado; já Shay, ao ouvir todas as explicações de Tally, experimenta a raiva – sentimento não mais pertencente aos perfeitos – e consegue se lembrar de tudo o que acontecera. Tomada pela raiva, seu “corpo representado”, estruturado “num sistema coerente, fundado na imagem do corpo” (Birman, 1991, p. 141), parece emergir e se sobrepõe à sua lesão cerebral, subvertendo, conseqüentemente, os cânones da clínica médica para a noção de corpo e sintoma (Foucault, 2006; Ehrenberg, 2009).

Mas que relação poderia ser estabelecida entre a estória de Tally e Shay e nossas adolescentes que procuram por suas cirurgias estéticas? O que haveria em

comum entre, por um lado, a impossibilidade de Tally e Shay se perceberem como perfeitas e, por outro, as queixas e insatisfações que caracterizam nossas adolescentes após os procedimentos cirúrgicos, por mais bem-sucedidos que eles tenham sido? À guisa de resposta, diremos que, assim como a culpa e a raiva das heroínas do livro não podem ser atenuadas pela ação do bisturi, da mesma forma um implante de prótese mamária para uma adolescente será ineficaz para alterar as representações das quais seu corpo é investido.

Entendemos que lançar mão de recursos literários para pensarmos e exemplificarmos os conceitos desenvolvidos ao longo deste capítulo se apresenta como uma interessante ferramenta para o desenvolvimento de nossas articulações. Assim, voltemos agora à pergunta que nos fizemos no início do parágrafo anterior, a saber, que relação poderia ser estabelecida entre a estória de Tally e Shay e nossas adolescentes que procuram por suas cirurgias estéticas? No tópico 3.6, “Narcisismo e adolescência”, ao relatar minha experiência com o atendimento psicológico na clínica de cirurgia plástica em que trabalhei, salientei a recorrente justificativa elaborada pelas adolescentes diante de seus seios pequenos: não se sentiam femininas. Quando a justificativa versa sobre seios pequenos, identificados pela adolescente como o “motivo de não se sentir feminina”, pode ser que aí estejam representados entraves subjetivos de outra ordem – entraves que ela simplesmente não percebe, pois só é capaz de enxergar o tamanho de seus seios no espelho e desejar uma “metamorfose” de seu corpo. Nesse caso, a cirurgia, entendida como dispositivo para erradicar o “obstáculo à [sua] metamorfose” (Le Breton, 2003, p. 47) – tornar-se feminina –, poderá não ter “sucesso”, uma vez que sua ação estará limitada a modificar o tamanho dos seios, nada podendo contra os referidos entraves de outra natureza.

Veremos com o próximo capítulo algumas possibilidades de leitura para o que pode mover nossas meninas adolescentes a buscarem por seus implantes de prótese mamária de silicone. Nosso campo de pesquisa configurou-se a partir da *internet*, que, nos dias de hoje, é potente produtora de subjetividades, com suas redes sociais, *blogs*, fóruns e artigos jornalísticos. Através da coleta de declarações de meninas adolescentes faremos a análise se suas falas em diálogo com a noção de corpo para a teoria psicanalítica e para a cultura contemporânea.

## **4**

### **Campo**

#### **4.1**

##### **Descrevendo o campo**

###### **4.1.1 A chegada**

Feitas as considerações sobre o tema do corpo na psicanálise, no capítulo anterior, e exposto na introdução o interesse pela questão do corpo, partiremos então para a pesquisa de campo. Ainda em Curitiba, encontrava-me inserido dentro de um interessante campo para pesquisa, ou seja, a clínica de cirurgia plástica em que trabalhei. No entanto, não encontrava no meio acadêmico de lá, um grupo de pesquisa em que pudesse me encaixar. Chegando ao Rio, eu não teria mais aquele campo, porém uma linha de pesquisa na PUC que articulava psicanálise e cultura, trazendo em seu bojo estreitas relações com o tema que eu desejava pesquisar.

Assim, distanciado geograficamente da clínica na qual trabalhara, o acesso a meninas adolescentes que iriam colocar prótese de silicone ou que já tinham colocado praticamente reduziu-se a zero. Iniciava-se meu mestrado e com ele as articulações com minha orientadora sobre a entrada em um diferente campo de pesquisa. Passemos, então, ao percurso que nos levou até ele.

###### **4.1.2**

##### **Tentativas e impasses**

Cinco ações foram empreendidas como aproximação para a entrada no campo de pesquisa. A primeira delas, propalar a quatro ventos o tema de meu trabalho, perguntar às poucas pessoas que eu conhecia naquela época, na cidade do Rio de Janeiro, se elas sabiam ou tinham contato com tais meninas adolescentes que se enquadrassem dentro do propósito de minha pesquisa.

A segunda, o contato com o departamento de cirurgia plástica de um hospital público para angariar minhas entrevistadas. Nesse, havia datas específicas

para inscrição e realização das cirurgias. Cheguei no momento em que as intervenções cirúrgicas já haviam sido realizadas e as próximas inscrições para novos procedimentos iriam ser iniciadas em tempo que não era compatível com o calendário que era preciso cumprir. Parti para a terceira das ações: o contato com cirurgiões plásticos de clínicas particulares. Munido dos poucos nomes de cirurgiões, esses se mostravam, por vezes, resistentes e, por outras, não tinham naquele momento pacientes adolescentes que estivessem prestes a realizar a cirurgia. Já a quarta tentativa de aproximação com o campo foi a criação de um perfil na rede social *Orkut*. Meu perfil na referida rede anunciava: “Finalidade no Orkut: Pesquisa de Mestrado PUC-RIO com jovens que vão colocar prótese mamária de silicone”<sup>1</sup>. Assim, iniciei minha incursão pelas comunidades relativas ao implante de prótese mamária de silicone, enviando convites de amizade – para mais de uma dezena de meninas, perguntando se havia interesse da parte delas em participar da pesquisa. Vale ressaltar que muitos dos perfis que eram de meu interesse traziam a mensagem: “Não adiciono homens”. Dos convites enviados recebi apenas uma resposta de aceite. Foi assim que começou a se desenhar no horizonte uma quinta ação para minha entrada no campo.

Sem sucesso com minha aproximação do campo de pesquisa através do *Orkut* – e justamente por isso – tornei-me atento às novidades e movimentos relativos à cirurgia estética no campo midiático, principalmente na rede mundial de computadores. Nela, me deparei com declarações de cirurgiões estéticos que realizavam cirurgias de implante de prótese de silicone em meninas adolescentes, assim como de meninas que se submetiam ao referido procedimento. Após percorrer as dificuldades expostas, me dei conta de que a composição do campo de nossa pesquisa estava esboçada na mídia, na *internet*, com as redes sociais – em parte –, os *blogs* e os artigos jornalísticos, configurando-se assim como um campo de pesquisa contemporâneo por excelência.

---

<sup>1</sup> Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=15555075789592076498>. Acesso em: 6 Nov. 2011.

### 4.1.3

#### Aspectos metodológicos

Decidir pela constituição do campo, tendo como instrumento metodológico a mídia, não significaria, conforme viemos a perceber mais tarde, que teríamos uma tarefa fácil, saída simples para os problemas que enfrentávamos. No entanto, diante do campo midiático, encontrávamos as declarações de adolescentes, não muitas, é verdade, sobre suas cirurgias de implante de prótese mamária de silicone.

Ora, se então encontrávamos na mídia as declarações pelas quais havíamos procurado no primeiro momento, entendemos que ou não havíamos empreendido um correto acesso ao campo, ou a pesquisa em si não era de interesse das partes envolvidas, mas sim única e exclusivamente deste pesquisador. Em outras palavras, mais parecia que cirurgiões não realizavam cirurgias em adolescentes e adolescentes já operadas não haviam realizado suas cirurgias com cirurgiões plásticos, ideia que muito nos lembra a história contada nos livros “Feios” (2010) e “Perfeitos” (2011), de Scott Westerfeld, trabalhada no capítulo anterior, em que adolescentes “da noite para o dia” eram submetidos a um procedimento cirúrgico.

Tendo como instrumento metodológico a mídia, foi, então, empreendida uma pesquisa qualitativa a partir da coleta de declarações de meninas que tivessem como projeto o implante de prótese mamária de silicone e, incluindo, se fosse o caso, declarações daquelas que já tivessem realizado a cirurgia. Foi estabelecido como critério considerar declarações dadas tanto no momento anterior à cirurgia como no pós-operatório. Isso porque nos interessava saber o que as movia à busca do implante de prótese mamária de silicone. Tais declarações foram encontradas nas seguintes fontes: *sites* G1, Manual pais e filhos, Artigos informativos, Guia da semana, Gazeta online, Folha online, Revista Claudia e Promotoras Legais Populares do Distrito Federal; rede social *Orkut* e *blogs* Lipo e silicone, Desabafa e Os sentidos da felicidade.

Dessa maneira, tendo nosso campo de pesquisa se configurado a partir das referidas fontes, não podemos negar o importante papel exercido pelas redes sociais, na contemporaneidade. Se pensarmos nas redes utilizadas por adolescentes interessadas no tópico implante de silicone, podemos afirmar com Costa (2005, p. 246) que este novo tipo de configuração social baseia-se “muito

mais na cooperação e trocas objetivas do que na permanência dos laços”. Essa cooperação instantânea em trocar informações sobre cirurgias estéticas é uma das características, também, dos chamados *blogs*, fóruns de discussão e até mesmo artigos jornalísticos, que apresentam logo abaixo de uma matéria um espaço para comentários e opiniões sobre seu conteúdo.

Feitas as considerações sobre a adolescência, no capítulo anterior, recorreremos ainda para nosso embasamento à definição da mesma para a OMS<sup>2</sup> - Organização Mundial da Saúde. Para o referido Órgão, a adolescência se define como sendo a faixa etária que vai dos 10 aos 19 anos de idade. Já no Brasil, o ECA<sup>3</sup> - Estatuto da Criança e do Adolescente traz no artigo 2º a definição de adolescência como sendo a faixa etária que vai dos 12 aos 18 anos de idade. Nesse sentido, optamos por trabalhar com uma faixa etária que englobasse a noção de adolescência, como desenvolvida no capítulo anterior, e não com um critério estanque entre idades, para a configuração de nossa amostra.

No entanto, dificuldades ainda se apresentariam em nosso percurso, pois, se pensarmos no velho ditado popular de que “papel aceita tudo”, hoje, podemos afirmar: o ciberespaço também. Estamos falando da questão da idade da adolescente associada à busca pelo implante de prótese mamária de silicone. Assim, nos parece que a “revelação” da idade nos leva à pergunta: mas com essa idade?!

Diante disso, é interessante notar que muitas das meninas não mencionavam em seus perfis – nas redes sociais – suas idades. Não revelar a idade parece implicar não sofrer questionamentos sobre o porquê de realizar o procedimento de implante de prótese mamária de silicone tão precocemente. Talvez aí, um dos motivos de não encontrar, no primeiro momento de aproximação ao campo, meninas adolescentes que estivessem dispostas a falar sobre suas cirurgias.

A problemática referente à idade das meninas, fato que nos acompanhou do início ao fim de nosso trabalho, parece ser um retrato contemporâneo, se pensarmos que cirurgias de implante de prótese mamária em adolescentes são bastante novas na cultura. Assim, se, por um lado, nas redes sociais, as referidas meninas não mencionavam suas idades e nos *blogs* nem sempre, por outro, nos

---

<sup>2</sup> Disponível em: [http://www.who.int/topics/adolescent\\_health/en/](http://www.who.int/topics/adolescent_health/en/). Acesso em: 25 Ago. 2011.

<sup>3</sup> Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm). Acesso em: 25 Ago. 2011.

artigos jornalísticos em que elas comentavam sobre suas cirurgias tínhamos a “revelação” de suas idades; informação essa central para um artigo jornalístico que estivesse abordando o assunto. Para nossas meninas adolescentes, nesses tempos espetaculares, ser matéria de jornal ou mesmo aparecer na TV parece completar o quadro de seus projetos cirúrgicos.

As matérias jornalísticas que tratavam do tema de nossa pesquisa, ao menos elas, reportavam-nos a uma mescla de gêneros de discurso (Bakhtin, 1992), a saber, um misto de notícia e publicidade. Em outras palavras, sob o pretexto de “informar” a respeito das cirurgias plásticas, o que se fazia era, na realidade, propagandear a referida prática cirúrgica. Logo, as referidas matérias parecem abrir um gancho publicitário para o mercado do silicone mais como uma constatação de fato, ou seja, a de que meninas adolescentes colocam silicone e que o mote para tal projeto seria a tão banalizada baixa de autoestima, na esfera social.

Sobre os imperativos publicitários, como produção de subjetividade, vale aqui o interessante artigo “Você decide...e Freud explica”, de Kehl (1996). A autora entende esse sintagma como uma prática bastante atual em nossas sociedades, traduzido pela ideia da onipotência do sujeito moderno. Esse sujeito se acreditaria como aquele que deve gozar de tudo ou fazer o que bem desejar. O efeito de tal onipotência seria, então, um sujeito que não precisaria prestar contas a respeito dos seus próprios atos. Aliada a tal fato, de acordo com a autora, tem-se “uma certa psicanálise”, convocada pela mídia publicitária, a “explicar”, melhor dizendo, desculpar nossos atos “como justificativa para o exercício da soberania narcísica do cidadão reduzido ao estatuto de consumidor” (Kehl, 1996, p. 1).

Em suma, da mesma maneira que a noção de imagem do corpo para a teoria psicanalítica não nos é dada a olho nu, nos perguntávamos onde estariam nossos sujeitos de pesquisa. Estariam elas dotadas de uma “visível invisibilidade”, tal como apontamos no capítulo anterior?



#### 4.1.4

#### A (quase) invisibilidade de uma prótese de silicone...

Como mencionamos no tópico “Aspectos Metodológicos”, ao recorrermos às redes sociais e *blogs* para a instituição do campo, percebíamos que nossas meninas adolescentes, ao constituírem seus perfis sociais, na maioria das vezes não mencionavam a idade. Ora, como podemos afirmar que as referidas meninas eram adolescentes se as mesmas não mencionavam suas idades? Acreditávamos que muitas delas eram adolescentes, sim, já que em muitos dos seus perfis haviam elas postado fotos que pareciam indicar serem elas mesmas, justamente pelo “fundo de suas imagens” nos apresentar algo de pueril. Logo, se, por um lado, de forma geral, havia uma foto, de outro, não constava a idade. Dessa maneira, não tínhamos como saber exatamente dentro de que faixa etária estávamos circulando; sem levarmos em consideração, aqui, a dificuldade nos dias de hoje, em discernir a idade de uma adolescente que parece buscar um *look* de mulher adulta, e a de uma mulher adulta que procura por um *look* adolescente.

Em busca de cooperações instantâneas, como mencionamos há pouco com Costa (2005, p. 246), essas parecem mesmo ter sido o motivo que levou uma blogueira da Paraná – conforme matéria no *site* G1<sup>4</sup> - a criar um *blog* contendo o passo a passo de sua cirurgia. Com a palavra, Priscila:

Antes da cirurgia fui atrás de informações e não havia relato. Decidi montar o blog e contar minha cirurgia para trocar experiências com outras pacientes e futuras pacientes (Priscila, 26 anos).

Ela ainda afirma que muitas das perguntas e dúvidas enviadas por aquelas que seguem seu *blog* vêm das adolescentes. Coincidências ou não, Priscila, não sendo mais uma adolescente, menciona sua idade em seu *blog*. No entanto, para a veiculação da matéria acima mencionada, ela pede que seu nome e imagem não sejam divulgados.

É interessante notar que o ciberespaço nos remete a uma terra, melhor dizendo, um espaço em que encontramos todos e, ao mesmo tempo, ninguém. É

---

<sup>4</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2011/07/adolescentes-aproveitam-ferias-para-voltar-aulas-com-silicone-nos-seios.html>. Acesso em: 06 Ago. 2011.

virtual por excelência. Daí, talvez a virtualidade de nossos sujeitos de pesquisa. Embora existam regras na construção de um perfil em rede social ou na confecção de um *blog*, essas no espaço virtual parecem perder sua força. Tanto *blogs* como redes sociais possuem suas próprias políticas de conteúdo que, em geral, não diferem muito entre si. Ao procurarmos sobre políticas que mencionassem regras em relação à idade, a que mais se aproximava da informação que desejávamos foi encontrada em um *blog*<sup>5</sup>, em específico, que diz:

**Falsificação de identidade:** não engane ou confunda seus leitores fingindo ser outra pessoa ou representar uma organização se isso não for verdade. Não estamos dizendo que você não pode publicar paródias ou sátiras, mas evite conteúdo que possa enganar os leitores sobre sua verdadeira identidade.

Notemos que a referida regra se utiliza do termo “evite” para a política relativa à identidade do criador do *blog*. Já na Política de Conteúdo da rede social *Orkut*<sup>6</sup>, encontramos o seguinte parágrafo que faz menção a idade, para aqueles que desejam criar um perfil na referida rede social:

Ao criar um perfil no Orkut, os usuários devem inserir sua real data de nascimento. Os usuários precisam ter pelo menos 13 anos de idade para usar o Orkut. Se encontrarmos qualquer evidência de que um usuário tenha mentido sobre sua idade, podemos excluir sua conta.

Se, basicamente, o que é necessário para se criar um *blog* ou perfil em rede social é uma conta de *e-mail*, como evitar que se coloque uma idade que seja fictícia ou mesmo uma foto que não pertença ao dono do perfil? Basta visitarmos qualquer *blog* ou perfil de rede social para constatar que muitas das vezes a idade ou a foto não constam. Tal fato nos indica a não obrigatoriedade em se preencherem esses campos. Quem gerencia um *blog* ou perfil em rede social é o seu próprio dono, não há moderadores para eles, mas sim políticas de conteúdo. Essas reservam-se o direito de exercer a exclusão de um *blog* ou perfil de uma

<sup>5</sup> Disponível em: <http://www.blogger.com/content.g>. Acesso em: 20 Out. 2011.

<sup>6</sup> Disponível em : <http://www.google.com/support/orkut/bin/answer.py?hl=pt-BR&answer=16198&topic=1687890>. Acesso em: 20 Out. 2011.

rede social que incentive, por exemplo, discriminação, pedofilia ou temas que violem severamente os termos de suas políticas. Ora, mentir ou omitir a idade parece não ser ato que justificaria a exclusão de um perfil que tem como objetivo a troca de informações sobre cirurgias plásticas.

Após inúmeras horas de navegação na *internet*, viemos a perceber que ao mesmo tempo em que adolescentes procuravam – como foi o caso da blogueira do Paraná –, assim como nós, declarações de outras adolescentes que já haviam se submetido ao procedimento cirúrgico, essas últimas pareciam propalar seu feito à boca pequena ou somente após a realização da cirurgia em extensão midiática. Nossas adolescentes contemporâneas, com o silicone já implantado, parecem estar mais propensas a falar sobre o assunto à “sociedade do espetáculo”, desde que sejam notícia nos *blogs* e redes sociais e, principalmente, em artigos jornalísticos, como afirmamos há pouco no tópico em que discutíamos sobre a idade das meninas.

Ora, se nossas adolescentes evitam falar sobre seus projetos cirúrgicos e, quando falam, muitas vezes, é sob a ótica da baixa autoestima e não a partir de uma implicação sobre seus atos, algo semelhante parece acontecer no caso dos cirurgiões plásticos, em relação a declarações sobre cirurgia estética em meninas adolescentes. Se, por um lado, eles se mostraram bastante resistentes, para simplesmente falar a este pesquisador sobre o assunto cirurgia em adolescente, por outro, no artigo jornalístico “Adolescentes aproveitam férias para voltar às aulas com silicone nos seios”<sup>7</sup>, o atual presidente da SBCP, Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica declara:

Eu mesmo já coloquei silicone numa menina norueguesa de 13 anos, mas com cara de 18. Mas ela estava com quase 1,70 m, já havia menstruado. Esse caso é raro, mas nos últimos três anos, pus próteses em oito garotas com menos de 15 anos (Sebastião Guerra, Presidente da SBCP – Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica).

---

<sup>7</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2011/07/adolescentes-aproveitam-férias-para-voltar-aulas-com-silicone-nos-seios.html> Acesso em: 06 Ago. 2011.

A referida matéria ainda aponta que, de acordo com a SBCP, a idade média das adolescentes que colocam silicone é de 15 anos de idade. Já na matéria “Plástica agora é presente de 15 anos”<sup>8</sup>, temos a seguinte passagem:

Em entrevista ao jornal A GAZETA, o presidente da Sociedade Brasileira de Cirurgiões Plásticos, Sebastião Guerra, diz ser normal encontrar meninas com menos de 18 anos com o sonho de colocar silicone. "Eu fiz a cirurgia da minha filha, por exemplo. E ela adorou", frisa o médico, com naturalidade.

Sabemos que a declaração do cirurgião sobre o tema das cirurgias plásticas em adolescentes é tão somente um recorte discursivo para qual as possibilidades de leituras são diversas. No entanto, esse recorte não nos deixa de remeter ao narcisismo parental de que nos fala Freud (1914). Se, de fato, o cirurgião resgata ou não seu próprio narcisismo outrora perdido, isso parece ser o que “menos importa”. O que seria interessante pensarmos é que um procedimento cirúrgico de tal monta, realizado por aquele pai em sua filha, pode ser uma hipótese a ser trabalhada, verificada sob a luz do texto freudiano de 1914.

Assim, quanto aos cirurgiões estéticos, há aqueles que são radicalmente contra o implante de prótese mamária de silicone em meninas adolescentes e lembram que o corpo delas ainda não está completamente desenvolvido, ou então que se deve esperar de 3 a 4 anos após a primeira menstruação para a realização da cirurgia. Já os cirurgiões que são a favor do procedimento cirúrgico alegam que cada caso deve ser cuidadosamente analisado e que é possível realizar a intervenção cirúrgica em meninas adolescentes. Portanto, as declarações do presidente da SBCP não refletem de todo a opinião da classe dos cirurgiões estéticos, já que muitos são contra o procedimento e explicam o porquê. Esse é o caso das duas declarações que seguem abaixo, respectivamente encontradas nas duas matérias – veiculadas nos *site* G1 e Gazeta Online – acima citadas:

Menininha de 15 anos que quer prótese porque coleguinha pôs ou viu na TV não me convence. É a mesma coisa que pai deixar filho menor pegar carro para dar uma volta. Se vir adolescente, não deixo de atender. Tenho conversa franca junto com os pais, mas mesmo

<sup>8</sup>Disponível em: [http://gazetaonline.globo.com/\\_conteudo/2010/12/713371-plastica+agora+e+presente+de+15+anos.html](http://gazetaonline.globo.com/_conteudo/2010/12/713371-plastica+agora+e+presente+de+15+anos.html). Acesso em: 14 Fev. 2011.

que eles autorizem e adolescente queira, é o cirurgião quem decide. Com o corpo da adolescente em formação, em crescimento, a intervenção cirúrgica deve ser feita se necessário, afirma Ruben Penteado, cirurgião plástico, diretor do Centro de Medicina Integrada em São Paulo.

O cirurgião Fábio Zamprogno desaconselha o procedimento em menores de 18 anos. "A prótese comprime e prejudica o desenvolvimento da mama. Pode ocorrer um afinamento da pele e não há tratamento que corrija. Já a redução de mama pode ser antes dos 18 anos quando existe um incômodo como dor nas costas, por exemplo", ressalta.

Expostas as dificuldades em relação à aproximação com o campo de pesquisa no que se refere à explicitação da idade ou à sua omissão, vale ressaltar que pesquisar o que move meninas adolescentes a procurar pelo implante de prótese mamária de silicone não tinha como projeto categorizar as partes envolvidas, ou seja, os cirurgiões estéticos e meninas adolescentes, dentro de um juízo de valor de acordo com seus atos. O questionamento de tal movimento por parte das adolescentes constitui um objeto de pesquisa. Assim, jamais a pergunta norteadora de nossa investigação seria feita diretamente às adolescentes, visto que essa pergunta era aquela que nós nos fazíamos e, portanto, seria respondida por nós em um diálogo com o campo de pesquisa e com a teoria da qual nos utilizamos para problematizar a questão.

Dessa maneira, dada a polêmica relativa à questão da idade, tudo indica que a omissão dessa, por parte das adolescentes, é a regra que impera. A discussão gira, basicamente, entre os que entendem que o referido procedimento em tenra idade é perfeitamente possível e aceitável, e aqueles que propalam críticas convictas contra a cirurgia nessa fase da vida. Mas deveria tal discussão ser analisada radical e exclusivamente entre essas duas esferas opinativas?

Na dicotomia entre o fazer e o não fazer, de um lado temos o cirurgião plástico e, de outro, a adolescente, essa representada legalmente por um responsável que terá de assinar o termo de consentimento para a cirurgia da menor de idade. Dito de outro modo, de forma geral, o cirurgião parece só operar aquela que o procura, e a adolescente só procura pelo cirurgião que aceita operá-la.

Foi assim que nosso campo de pesquisa revelou-se deveras paradoxal, pois se, por um lado, houve toda uma dificuldade de realizar uma pesquisa que

apontasse questionamentos além da notícia, por outro, era via a mídia que tínhamos o melhor exemplo, justamente, do que pretendíamos investigar – ou seja, o que move meninas adolescentes a “turbinarem” seus seios.

## 4.2

### **Categorias de análise**

As categorias de análise foram definidas a partir da leitura de declarações de meninas adolescentes nas fontes citadas e agrupadas por temas que se apresentavam recorrentes sobre um determinado aspecto, aos olhos da adolescente, relativo à sua cirurgia. Assim, a coleta de dados foi interrompida no momento em que percebemos significativa repetição dos temas que eram associados à cirurgia.

Nesse sentido, nossa análise primará por um diálogo com as considerações teóricas tecidas nos capítulos anteriores e o discurso particular de meninas adolescentes que têm, ou tiveram, como projeto o implante de prótese mamária de silicone. Foram dez as categorias estabelecidas: corpos indecisos: “turbinar” ou não “turbinar”?, corpos presenteados: “hoje faço 15 anos!”, corpos midiaticizados: “ou você tem beleza, tem peitão ou não é ninguém”, corpos advertidos: “seios realmente insuficientes?”, corpos em transformação: “a adolescência desperta no horizonte”, corpos fusionados: “tal mãe, tal filha”, corpos simetrizados: “o ideal do tamanho”, corpos tímidos: “a vergonha é maior que o desejo!!”, corpos desejados: “o olhar masculino” e corpos em competição: “little miss sunshine e miss teen brasil”

Embora o discurso de nossas meninas adolescentes tenha sido veiculado na mídia, optamos pela utilização de nomes fictícios a fim de manter o sigilo daquelas que constituíram o campo de pesquisa. Particularmente, no caso das redes sociais e *blogs*, foram mantidos os erros de digitação e outros segundo as regras da norma culta da língua portuguesa contidos nas declarações que selecionamos. Tal critério, acreditamos, mantém a autenticidade dos discursos veiculados na rede mundial de computadores, já que aponta as transformações ocorridas no campo da língua escrita, na contemporaneidade. Uma vez escolhida como fonte de pesquisa a *internet* e a mídia em geral para a configuração do

campo, não foi considerada aqui a classe social, nem o critério geográfico dos sujeitos da pesquisa. Passemos às referidas categorias.

#### 4.2.1

##### **Corpos indecisos: “turbinar” ou não “turbinar”? Eis a questão**

Também do lado das adolescentes ou daqueles que se sentem convocados a opinar sobre “ter ou não ter peitos turbinados”, percebe-se a mesma dicotomia, tal qual verificada entre os cirurgiões plásticos. Na rede social *Orkut*, por exemplo, inúmeras são as comunidades relacionadas ao implante de prótese de silicone a dividir opiniões. Há, por um lado, aquelas que com seios que não se encaixam no padrão de beleza vigente e se dizem felizes com o tamanho deles, por outro, aquelas que encontram no implante a “solução” para seus seios pequenos.

Estar contente com seios pequenos e não recorrer ao implante de prótese mamária de silicone, nos dias de hoje, com o perdão do trocadilho, é realmente para quem tem peito e, justamente por tê-lo, parece não precisar de mais. Seguem abaixo, descrições de algumas comunidades selecionadas na rede social *Orkut*, que retratam a dicotomia entre aquelas que são a favor, assim com aquelas que são contra o silicone:

Comunidade: Silicone NUNCA

Descrição: Temos peito pequeno, mas não é por causa de uma modinha q vamos passar por uma cirurgia e colocar um "corpo estranho" no nosso corpo...Somos mulheres lindas, felizes com nós mesmas e muito bem resolvidas...e silicone?? NUNCA!!

Comunidade: EU NÃO TENHO SILICONE!

Descrição: Se vc é assim, gatinha, lindona, verdadeira, original de fábrica, como veio ao mundo, se não “comprou” nem um pedaço de plástico, quer dizer, silicone, vc merece participar dessa comunidade, não interessa se vc tem ou não “volumão” (peitão, bundão. . .) mas sim que não tenha silicone em lugar nenhum do corpo (inclusive os injetáveis) Vc é mais vc, se aceita como é, o seu namo, marido, cacho ou seja lá o que for, põe a mão em algo real, verdadeiro.

Fazer menção a um “corpo estranho”, “pedaço de plástico”, nas comunidades acima remete à constituição de um corpo “natural”, em que a prótese não encontra representação investida para ela, por ser um objeto real que não faz parte dele. Vieira (2008) nos fornece um interessante exemplo vindo de sua experiência clínica ao lembrar que

... hoje, o silicone se disseminou (...), pode ser comprado e levado para casa. Foi o que me ensinou alguém bastante jovem, ao insinuar certa vez ter sua futura prótese na bolsa, para acostumar-se com ela antes da cirurgia (Vieira, 2008, p. 80-81).

Estaria a jovem tentando “implantar sua prótese” em seu discurso “para se acostumar com ela antes da [futura] cirurgia”?

A descrição das comunidades abaixo traz a ideia de que a prótese de silicone veio para fazer os ajustes de que um corpo “declinado em peças isoladas [...] por motivos de conveniência pessoal” necessita, como nos lembra Le Breton (2003, p. 16). Acreditamos que a “conveniência pessoal” associada às descrições a seguir aproxima a prótese a um investimento outro – de um corpo lindo, maravilhoso –, “como se” já estivessem implantadas antes mesmo da cirurgia. Onde encontrariam garantia de que a prótese lhes proporcionaria um corpo bem humorado, maravilhoso?

Comunidade: Eu tenho SILICONE! E dai??

Descrição: Esta comunidade foi criada para todas as mulheres que teem PROTESE DE SILICONE e não teem vergonha em ter. E DEDICO ESTA COMUNIDADE TAMBEM PARA AQUELAS MULHERES QUE DEPOIS DA PROTESE SUA VIDA MUDOU, MAIS ALEGRIA, MELHOR HUMOR E QUANDO SE OLHAM NO ESPELHO SE SENTEM LINDAS E MARAVILHOSAS. SENDO ASSIM... SÓ FALTAVA MESMO ERA O SILICONE!!!!!! AINDA BEM QUE EXISTE E FICA MELHOR A CADA DIA. SILICONE....

Comunidade: O SILICONE RESOLVE!

Descrição: quem tem peitos.. tem! e quem nao tem?? BOTA SILICOONEEEEEEEEEEEEEEE!

Assim, que uma prótese de silicone tenha o poder de “mudar uma vida” em que “só faltava mesmo era o silicone”, ou que ela simplesmente não faça



diferença alguma por se prezar um corpo “natural”, a escolha por “turbinar” ou não “turbinar” os seios parece depender daquilo de que o corpo é investido.

Para algumas adolescentes, tal investimento nos dá indícios de estar representado por um presente de aniversário, como veremos na próxima categoria.

#### 4.2.2

#### **Corpos presenteados: “hoje faço 15 anos!”**

Extremamente imaginarizada e carregada de sentido, a cápsula de gel, nos dias de hoje, é presente de aniversário de 15 anos. Presentes de aniversário, em geral, são dados a partir da relação que se tem com uma aniversariante. Conta, também, o valor sentimental que supomos ter o presente para aquela que faz anos, em consonância com o que conhecemos de sua “personalidade”.

É plausível supor que, em se tratando de meninas em torno dos seus 15 anos de idade, esse presente seja dado pelos pais da adolescente. Mesmo que não, para a realização da cirurgia, lembremos, essa deve ser autorizada por um adulto responsável pela adolescente; em outras palavras, sempre haverá alguém a se coadunar com a ideia do procedimento cirúrgico.

Como dissemos há pouco, um cirurgião só opera a adolescente que o procura e a adolescente só procura aquele que aceita operá-la. Assim, para a prática da cirurgia estética em adolescentes, temos uma conjunção de forças composta pelo cirurgião plástico, pela adolescente mesma – com o consentimento de seu responsável – e a mídia a pautar tal fenômeno na cultura contemporânea.

Podemos perceber que o narcisismo parental vem se apresentando como um dos fatores que, talvez, possa vir a determinar que nossas adolescentes empreendam seus implantes de prótese mamária de silicone. Esse funcionamento pode ser depreendido na declaração do cirurgião estético que realizou a cirurgia em sua própria filha e, agora, o vemos nesta categoria. Desenvolveremos mais essa questão na categoria “Tal mãe, tal filha”.

Voltando para a presente categoria, encontramos Tanya, uma britânica de 15 anos de idade, que ganhou a cirurgia de presente de aniversário. Sua declaração nos indica a imagem a que seu corpo está atrelado. De acordo com a matéria do

jornal Folha de São Paulo<sup>9</sup>, Tanya alega que “estava infeliz com os seus seios”. Infeliz, ela sintetiza:

Você precisa ter seios de verdade para ter sucesso. Todas na TV já fizeram um implante. Então pensei: qual o problema se eu posso ter implantes quando quiser (Tanya, 15 anos).

Para Tanya, ter seios pequenos parece não ser mais o problema. Ela pode tê-los ter “quando quiser”, para ter sucesso. Basta comprá-los! Já Gisele, na matéria “Adolescentes aproveitam as férias para voltar às aulas com silicone nos seios”<sup>10</sup>, traz em sua fala a ideia de que viagens como presente de aniversário são boas, mas que em determinados momentos há coisas melhores.

Foi presente antecipado de aniversário melhor que qualquer viagem. Chego à maioridade em agosto, mas não aguentei esperar. Ganhei os implantes do meu pai, mas ajudei a pagar com o dinheiro que guardei da mesada, viu?! Sempre admirei e achei lindo seios grandes e considerava os meus muito pequenos (Gisele, 17 anos).

Não importa, aqui, se os seios de Gisele eram de fato pequenos ou não. É, pois, importante salientarmos em sua declaração que é ela quem “considerava” seus seios “muito pequenos”. A matéria traz ainda a declaração de Marcela – que também ganhou sua prótese como presente de aniversário - e informa que ela “só fez a cirurgia porque era traumatizada pela ausência de seios volumosos”.

Doeu um pouquinho sim, mas valeu a pena. O resultado foi ótimo. Só quando eu coloquei as próteses passei a me sentir mulherão. Fui vítima de bullying na escola. Sempre tive bunda grande, mas não tinha peito. Me chamavam de ‘bundita’ e de ‘reta’. (Marcela, 21 anos em 2011).

A relação entre a situação vivida por Marcela na escola e a sua busca pelo implante de silicone seria por demais apressada. No entanto, ao elaborar determinado arranjo que justifique o projeto de sua cirurgia, Marcela encontra nele o mote que parece agregar valor ao seu presente de aniversário.

<sup>9</sup> Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft0601200105.htm>. Acesso em: 09 Ago. 2011.

<sup>10</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2011/07/adolescentes-aproveitam-férias-para-voltar-aulas-com-silicone-nos-seios.html>. Acesso em: 30 Ago. 2011.

Com o implante de sua prótese mamária de silicone, Marcela passa a se sentir um “mulherão”, Gisele afirma: “agora eu tenho peito” e Tanya fala em “sucesso”. Tais sintagmas comprovam a “imagem de sucesso” e “aparência de felicidade”, como apontado por Vilhena, Novaes & Rocha (2008, p. 385), a que o corpo está atrelado na cultura contemporânea. Assim, esse imaginário em muito se mescla com a categoria que veremos a seguir. Em outras palavras, “ou você tem beleza, tem peitão, ou não é ninguém”.

### 4.2.3

#### **Corpos midiaticizados: “ou você tem beleza, tem peitão ou não é ninguém”**

A frase de Evelin, 16 anos, escolhida para nomear esta categoria foi encontrada no *site* “Artigos Informativos”<sup>11</sup>. De acordo com o site, a adolescente “escolheu o peito novo folheando revistas e fixando o olhar no colo de Deborah Secco”. Apesar de sua percepção em relação ao estágio conferido ao corpo no imaginário social, Evelin, ao mesmo tempo que recorre à cirurgia, sentencia:

É assim - ou você tem beleza, tem peitão ou não é ninguém. Nas novelas, toda garota tem, no cinema idem, no colégio há várias... até a secretária do meu pai está com os seios da moda (Evelin, 16 anos).

Se, por um lado, a imposição das imagens veiculadas na mídia revela a pressão social exercida sobre uma adolescente, por outro, ainda que diante do reconhecimento de tal estado – como é o caso de Evelin – cabe à adolescente mesma optar por se submeter à sua cirurgia. Na mescla das esferas pública e privada, encontramos um Eu pressionado por todos os lados. É interessante notar que Medeiros (2005), ao tecer suas articulações sobre o estágio do espelho irá salientar que é devido à precariedade do Eu, que esse viria a mesclar-se com o espelho – proporcionando à criança a representação de uma imagem que estaria fora dela.

<sup>11</sup> Disponível em : [http://local.artigosinformativos.com.br/Analizando\\_a\\_cirurgia\\_plastica\\_em\\_adolescentes\\_Rio\\_Branco\\_Acre-r1171334-Rio\\_branco\\_AC.html](http://local.artigosinformativos.com.br/Analizando_a_cirurgia_plastica_em_adolescentes_Rio_Branco_Acre-r1171334-Rio_branco_AC.html). Acesso em: 16 Out. 2011.

Dessa maneira, “todas na TV”, “nas novelas”, “no cinema” e “no colégio”, que já têm peitos siliconados, poderiam talvez compor uma imagem para aquelas que, com seus seios pequenos, tentariam buscar com seus implantes a “adequação especular”. Assim, podemos pensar, com Novaes (2001), que Evelin quis ser alguém, pois tendo “os seios da moda” ela “tem beleza”:

O que é normativo para a mulher contemporânea, não é o fato dos modelos de beleza serem impostos, uma vez que o discurso sempre foi este, nem mesmo de que seja dito que ela deve ser bela, mas o fato de afirmar-se, sem cessar, que ela pode ser bela, se assim o quiser (Novaes, 2001, p. 42).

Nesse sentido, adquirir beleza parece conferir maiores chances de fazermos parte do “seleto” grupo que “comprou” o padrão de beleza vigente. É o que constata Luana que, de acordo com o mesmo *site*, “Artigos Informativos”, trocou a tradicional festa dos 15 anos por sua cirurgia:

A gente deve usar o que puder para melhorar as chances. Minha irmã fez o mesmo, abriu mão do carro que ia ganhar aos 18. Do manequim 44, secou para o 40. Nessa hora, a gente pesa o que traz mais vantagem (Luana, 15 anos).

Quais seriam as chances de que Luana fala? Seria mesmo a possibilidade de, a partir de sua cirurgia, se posicionar no “ângulo exato” diante do espelho? Além disso, Luana ao citar a irmã mostra como a esfera econômica poderia contribuir para que as “chances” sejam aumentadas. Eco (2007) recorre a Marx na introdução do seu livro “História da feiúra”, que remete a essa questão:

Há uma passagem de Marx (Manuscritos econômico-filosóficos de 1844) que recorda como a posse do dinheiro pode suprir a feiúra: “O dinheiro, na medida em que possui a propriedade de comprar tudo, de apropriar-se de todos os objetos, é o objeto em sentido eminente... Logo, minha força será tão grande quanto maior for a força do meu dinheiro... O que sou e posso não é, portanto, efetivamente determinado pela minha individualidade [...] não sou feio, na medida em que o efeito de feiúra, seu poder desencorajador, é anulado pelo dinheiro [...]. Meu dinheiro não transforma todas as minhas deficiências em seu contrário?” (Eco, 2007, p. 12).

E para aquelas que se veem deficitárias diante de seus seios pequenos e, também, são menos favorecidas economicamente, nos dias de hoje, estão disponíveis clínicas de cirurgia plástica que parcelam a desejada prótese de silicone em até 60 vezes!<sup>12</sup>

Ainda em tempo, lembremos que, em nossas considerações sobre as categorias de análise, salientamos que não seriam consideradas como critério para a coleta de dados nem a classe social nem a localização geográfica dos nossos sujeitos de pesquisa, uma vez que havíamos optado pela *internet* como fonte de pesquisa. Apenas a declaração de Tanya, que abre a categoria Corpos apresentados: “hoje faço 15 anos!”, vem do Reino Unido. Todas as demais declarações são provenientes de veículos midiáticos que documentam fatos em território nacional, constituindo um campo que representa o fenômeno de implante de prótese mamária em meninas adolescentes na cultura contemporânea brasileira.

No entanto, foi interessante encontrar a declaração de Kelly – ainda no *site* “Artigos Informativos” –, uma uruguaia de 17 anos que se mudou para o Brasil quando tinha 11 anos de idade. Kelly parece ter sofrido em seu corpo os efeitos da nossa cultura, conforme podemos constatar em suas palavras:

As garotas da mesma idade já tinham formas arredondadas. Aos 13, assumiam atitudes de mulher, beijavam e trocavam de garotos, enquanto eu era infantil e deslocada. Se ainda vivesse no Uruguai, não sentiria o desejo de mudar. Nem meus pais aprovariam. Lá, quem põe silicone é atriz fútil ou gente de muito dinheiro (Kelly, 17 anos).

Se, por um lado, Tanya, Evelin, Luana e Kelly encontram-se identificadas à imagem de que “ou você tem beleza, tem peitão ou não é ninguém”, por outro, há aquelas que parecem elaborar outra saída diante do espelho.

---

<sup>12</sup> Disponível em: <http://www.superclassificados.com/anuncio/protese-de-silicone-lipoaspiracao-abdominoplastia-parcele-em-ate-60-me>. Acesso em: 05 Dez 2011.

#### 4.2.4

#### Corpos advertidos: “seios realmente insuficientes?”

O *blog* “Lipo e silicone”<sup>13</sup>, citado na matéria “Adolescentes aproveitam as férias para voltar às aulas com silicone nos seios”, traz uma discussão a respeito do conteúdo contido nesse artigo jornalístico. O debate traz declarações de meninas adolescentes sobre as questões que envolvem a idade daquelas que aderem à cultura dos “peitos turbinados”, em tenra idade. Com a palavra, Luciana:

...li essa entrevista, para falar a verdade quem me mostrou foi o meu pai! Nao sou contra nao, mais depende muito dos casos. nao posso falar muito porque me enquadro nesse grupo de meninas, possuo 17 anos e coloquei protese tem 18 dias. Coloquei 345 e estou muito feliz com o resultado. Eu acho boa essa cirurgia como no meu caso, estava afetando a minha auto estima, eu tinha vergonha de sair de casa sem sutiã porque meus peitos eram muito caidos porque depois de 2 anos eu emagreci mais de 10 quilos e eles deram uma boa caida ai eu resolvi operar depois de ver que nao tinha jeito de colocar eles durinhos de volta, somente com a cirurgia mesmo! nesse caso eu concordo, mais meninas que fazem a cirurgia só para ficar com o peito maior do que o da mãe ou algo parecido? ah isso eu nao concordo nao. acho que deve esperar um tempo, porque é uma CIRURGIA, gasta dinheiro e nao é uma coisinha simples que se faz. acho que meninas com a minha idade devem pensar bem se é isso mesmo que elas querem [...] no medico que eu fui ele falou que apareceu uma menina lá de 14 anos querendo colocar silicone. a mãe dela já havia feito centenas de plasticas e a filha falou que queria fazer e a mãe concordou acredita! e o pior é que a menina nao precisava pq já possuia os seios grandes (Luciana, 17 anos).

Vanessa, diante das palavras de Luciana, acrescenta:

Eu concordo com a Luciana. Também tenho 17 anos, daqui duas semanas faço 18, e estou louca pra colocar silicone. Sempre me senti mal com o tamanho dos meus seios, sutiã só de bojo e bolha, biquini também! Acho essas garotas de 13, 14 anos, muito novas pra colocar.. apesar de que EU não vi muita mudança dos meus 13 anos pros 17.. mas de qualquer forma não é só o corpo, como falaram, elas não estão maduras e com a cabeça

<sup>13</sup> Disponível em: <http://www.lipoesilicone.com.br/>. Acesso em: 11 Set. 2011.

formada pra passar por um procedimento desses, mesmo sendo simples. Já vejo tanta mulher, com quase 30 anos reclamando do resultado (que na maioria das vezes está ótimo), imagina uma garota de 14 15 anos, que é SUPER perfeccionista com o corpo? A maturidade ‘mental’ conta mais nessas horas (Vanessa, 17 anos).

Diferentemente de seguir a moda dos “peitos turbinados”, Luciana recorreu ao procedimento cirúrgico em virtude de seu emagrecimento e da flacidez de seus seios, decidindo-se por fazer a cirurgia só depois de dois anos. Já Vanessa está pensando em realizar sua cirurgia por ter seios pequenos, mas pondera sobre a “maturidade mental” na hora de decidir pelo procedimento cirúrgico. Levanta, ainda, interessante questionamento sobre as cirurgias estéticas, quando cita a mulher de 30, insatisfeita com uma cirurgia “ótima”.

Esse questionamento mais soa como um alerta às leitoras do *blog* “Lipo e silicone”, pois o exemplo citado indica algo a mais que subjaz à insatisfação diante de uma cirurgia com “bom resultado”. Em outras palavras, Luciana e Vanessa parecem estar mais advertidas a respeito de suas imagens corporais, do corpo investido pela pulsão. No texto “O inconsciente” (1915, p. 28), Freud lembra que, “se a pulsão não aderisse a uma ideia ou não se manifestasse como um estado afetivo, dela nada saberíamos”. No entanto, se considerarmos a pulsão sendo enlaçada – de forma apressada – à ideia de se ter “peitos turbinados”, talvez, tal fato possa implicar dissabores, uma vez que “ideias” ou “estados afetivos” são bastante fluidos. A cautela parece contar para que se possa entender o que está em jogo para o corpo pulsional.

Nesse sentido, Luciana e Vanessa acusam algum saber a respeito do encontro com suas imagens no espelho. Se as perdem nele, já que essas não correspondem ao dito padrão de “peitos turbinados” parecem contar com o tempo – “depois de 2 anos”, “não é só o corpo, como falaram, elas não estão maduras e com a cabeça formada” – para terem notícias do pulsional e realizarem ou não seus procedimentos cirúrgicos.

No *blog*, que leva o nome de “Desabafa”<sup>14</sup>, encontramos declarações – no fórum “Tenho vergonha dos meus seios” – que também apresentam uma outra saída frente à dita moda dos “peitos turbinados”. No caso da declaração de Laura,

<sup>14</sup> Disponível em: <http://desabafa.com/desabafos-femininos/2313-tenho-vergonha-dos-meus-seios>. Acesso em: 05 Ago. 2011.

abaixo, podemos perceber que a representação de seu corpo está atrelada a uma ordem divina. Tal arranjo se configura como uma poderosa saída para justificar a condição de seus atributos físicos.

Eu tenho 17 anos e eu também tinha vergonha dos meus seios mas agora eu não tenho mais por que eu entendi que os homens não ligam pra isso o importante é o caráter da pessoa [...] quando vocês encontrarem um namorado fique tranquila deixa ele te mostrar que gosta de vc como é [...] tenho amigas desejos grades e digo eu fasso mas sucessos do que elas por que eu me amo e se deus nos fez assim é por que algo especial ele tem pra nós todas!!!! (Laura, 17 anos).

Para Lívia, 15 anos, autoconfiança é o que conta:

Tenho 15 anos é tbm tenho seios um pouco pequeno. Mas eu nem ligo ,pois o que realmente importa não é tamanho do seu seios, mais sim o que é por dentro. E outra coisa se o cara gosta realmente de vc, ele não vai se importa, com uma coisa tão idiota dessa. Meninas sejam mais vcs e se ame do jeito que vcs é , assim tudo na vida se torna mais facil. Pois A ALTA-CONFIANÇA É TUDO. (Lívia, 15 anos).

Lívia, além de salientar a importância do “que [se] é por dentro”, parece também não esquecer o investimento de seu corpo atrelado à sexualidade, quando menciona que “se o cara gosta realmente de vc, ele não vai se importa, com uma coisa tão idiota dessa”.

Contra a moda do silicone, Jordana, no *site* “Guia da Semana”<sup>15</sup>, afirma:

Baixa auto-estima é algo muito mais profundo do que a simples preocupação com a estética. Já tive problemas com o meu corpo, mas nunca recorri a uma intervenção cirúrgica. Sabia que o problema estava na minha cabeça (Jordana, 21 anos).

Se a baixa de autoestima é bastante utilizada como justificativa para se recorrer ao implante de prótese mamária de silicone, Jordana, diferentemente, parece entender que problemas com o corpo requerem outros cuidados que não

<sup>15</sup> Disponível em: <http://www.guiadasemana.com.br/filhos/noticia/silicone-antes-dos-18>. Acesso em: 16 Out. 2011.



somente o de uma intervenção cirúrgica. Essa ideia já aparece nas ponderações de Luciana e Vanessa, no início dessa categoria. Assim, sendo adeptas da ideia de que uma cirurgia plástica deve ser ponderada, parecem nos dizer que um procedimento cirúrgico dessa monta pode também fazer parte dos cuidados para com o corpo de acordo com cada caso.

Ainda no mesmo *site*, encontramos a declaração de Júlia, 19 anos, que se submeteu ao implante de prótese mamária de silicone, quando tinha 16 anos de idade, para corrigir a assimetria de seus seios. Embora Júlia tenha dado a declaração, que segue abaixo, 3 anos após a realização de sua cirurgia, podemos perceber em seu discurso certa clareza sobre o que implica se submeter a uma cirurgia estética:

A cirurgia me ajudou em uma idade bem difícil para uma menina. De alguma forma, o silicone contribuiu para minha formação como mulher. Para mim, era importante o bastante para não adiar. Preferi fazer na primeira oportunidade que tive. Medo a gente sempre tem, mas isso não foi mais forte que a vontade de mudar. Eu disse a eles [os pais] que meus seios realmente me incomodavam e atrapalhavam minha auto-estima. Muita gente dizia que eu era muito nova e que era perigoso. Mas depois só recebi elogios e abri a cabeça de muitas mães de amigas minhas, que acabaram colocando silicone também. Você precisa saber se isso é algo que realmente te incomoda ou se é só mais uma modinha da qual você quer participar (Júlia, 19 anos).

Júlia parece recorrer a uma cirurgia estética mais no sentido de proporcionar a si mesma conforto em relação ao seu corpo do que no de sentir-se impelida a corresponder a qualquer espécie de padrão de beleza.

No caso das meninas que representam essa categoria, a busca por uma cirurgia estética parece contribuir para o resgate de uma imagem de corpo que envolveria “um narcisismo menos imaginarizado” – se assim podemos dizer. Nesse sentido, parece não haver como não sofrer os impasses relativos à sexualidade, à sexualização do corpo, em sua passagem de organismo a um corpo pulsional (André, 1986), que ora se expressam na falta de seios, ora no excesso deles que emergem na adolescência, no corpo adolescente.

#### 4.2.5

#### Corpos em transformação: “a adolescência desperta no horizonte”

No *site* “Manual Pais e Filhos”<sup>16</sup> encontramos o interessante fórum chamado “Seu corpo”, no qual, pela primeira vez, verificamos também a presença de uma moderadora. Nele, a pergunta feita por ela foi: “Você está satisfeita (o) com seu corpo? Se não está, você acha que isso te atrapalha como?” No entanto, antes de passarmos às declarações selecionadas, façamos as considerações percebidas nessa categoria.

Primeiramente, pode-se notar nas declarações que seguem que todas as meninas fazem questão de mencionar suas idades, apesar de as regras do referido fórum não fazerem menção alguma a respeito do aspecto etário. Nesse sentido, publicar a idade parece fornecer subsídios para a fundamentação de seus argumentos, ou seja, a condição adolescente de seus corpos.

O desencadeamento hormonal que o corpo de uma adolescente testemunha, aliado ao que a fase mesma da adolescência implica, aponta para o descobrimento do corpo e de suas transformações, as quais, ao estarem a meio caminho, parecem eternizar um sentimento de que tudo irá ficar como está. Tais declarações parecem ainda remeter a esse desconcertante quebra-cabeça corporal da adolescência, em que as peças acusam não mais se encaixar, no momento mesmo em que a adolescente inicia seus primeiros passos – esses, solitários, e daí a necessidade de fazer grupo – para o encontro com o “objeto sexual” (Freud, 1905, p. 195).

No terceiro capítulo, Medeiros (2005, p. 178) salienta que, para a menina, “o ideal de Eu estaria a ocupar o lugar de instância da lei”, compensando seu supereu fragilizado diante da não visibilidade do seu sexo. Tal fato faria com que a menina, por isso mesmo, fizesse sua entrada no complexo de Édipo e dele demorasse a sair. Lembremos, na esteira freudiana, que após o complexo de Édipo temos o chamado período de latência, que funcionaria como uma hibernação forçada em que o sujeito ficaria a esperar por sua maturação fisiológica e

---

<sup>16</sup> Disponível em: <http://www.manualpaisefilhos.com.br/forum/30-seu-corpo.html?limit=20&start=80>. Acesso em: 03 Jul. 2011.

biológica, para despertar novamente, no reencontro com seu próprio corpo, agora sob a luz da adolescência.

Dessa forma, perguntamo-nos: poderia esse ideal ser reeditado na adolescência na forma de um pedido de ajuda após o período de latência? Vejamos o que nos diz Bianca a respeito do seu corpo e a sua idade:

Oii, eu tenho 12 anos e ainda não tenho peito, isso é o UÓ (Bianca, 12 anos).

Bianca parece enfasiada com a imposição da condição adolescente de seu corpo, não se conformando com o fato de que já tem 12 anos e ainda não tem seios. Já a resposta de Janete, para a pergunta lançada pela moderadora, vem na forma de pergunta:

NÃO, não estou saitsfeeita ! tenho 14 anos, e não tenho Peito' oquee eu façoo ? (Janete, 14 anos).

A pergunta de Janete parece retratar o descontentamento com o seu corpo, dado o caráter transitório e de transformações inerentes à adolescência. No entanto, não temos como saber, aqui, quais são os dispositivos psíquicos de que ela pode lançar mão nesse período. Sua pergunta, ao menos, remete a uma inquietação.

Nas declarações agrupadas a seguir, encontramos como denominador comum o comentário que uma menina faz, diante de suas amigas, em relação à condição de seu corpo. Entre elas, comparam se seus seios já se desenvolveram a contento ou não – em relação à idade em que se encontram – e, ainda, se já menstruaram ou não. O caráter transitório e indefinido da fase adolescente, como salientamos, chega ao mal-estar, no caso de algumas. Se pudermos associar esse mal-estar ao que ficou conhecido como crise da adolescência, devemos então lembrar que essa é reportada como uma ameaça ao narcisismo, em que o Eu-ideal seria encurralado pela realidade em que agora se encontram as adolescentes, diante das transformações que testemunham em seus corpos.

Não estou satisfeita pq vou fazer 15 anos esse mês e naum tenho seios, só pelos na vagina e nas axilas..

Minhas amigas tem td menos eu, isso me deixa triste demais.. =/ (Marize, 15 anos).

Gente, eu tenho 12 anos, eu menstuei á dois meses,tipo, o problema é o mesmo de quase todas as meninas NÃO TENHO NADA DE SEIOS [...] eu me sinto muito mal, perto das outras garotas, e eu uso sutiã de enximento,mais é foda, se eu tirar todos vão perceber :/ eu me sinto inferior as outras meninas :// (Helen, 12 anos).

Eu acabei de fazer 14 anos em 2 de outubro, e tenho um problema serissimmo ( pelo menos é o que axo) eu sou magra, sem peito ( tudo bem ta nascendo), nao menstruo, nao tenho perna e nem bunda. eu e mais uma da minha sala somos as unicas que n menstrua e n tem corpo. Eu zhoro muiito pke eu tenho uma amiga de 12 que ja menstrua e tem u corpinho bonitinho. Eu sinto feia e minha auto-estima ta baixa. Hoje em dia os meninos ligam muito pra a aparencia.. POR FAVOR ME AJUDEM! (Rosa, 14 anos).

Já nas declarações de Francine e Maria Fernanda abaixo, como não lembrar da campanha publicitária da Valisère? Nela, a adolescente se envergonha pelo fato de ter que se trocar na frente de outras meninas, no vestiário da escola, quando ainda não usa sutiã como elas, por não ter seus seios desenvolvidos. O que parece estar em jogo aqui é o olhar do outro. Talvez possamos pensar que, no caso de Francine e Maria Fernanda, o olhar do outro já estaria “condicionado” aos seus olhos pelo fato mesmo de não terem seios. Retornaremos a essa questão na categoria Corpos desejados: “o olhar masculino”.

Eu nao estou satisfeita com meu corpo tiipoo, tenho 12 anos, mas eu sou a unica das minhas amigas que nao tem seios, isso eh muito chato. quando agente vai trocar de roupa sabe.. sei la, fico constragida porque elas tem e eu nao, entao vou pra outro lugar trocar de roupa. e a minha prima de 10 anos, ela tem mais que eu, os seios dela se desenvolveram mais rapido que os meus, porque sera que meus seios nao crescem? eh genetico isso? (Francine, 12 anos).

Oi meninas ! pelo que eu li vcs sao iguais a min . eu tenho 12 anos , sou magra ,alta, tenho um poko de bunda e quase nada de seio . é horrivel , todas as minhas amigas ja tem seio ,ja menstruaram . e eu Nada É UM SACO . eu tmb só uso soutiem com enximento . morro de vergonha de se trocar perto das minhas amigas . por isso evito ! e na praia quando me xaman vivo dando desculpas que nao quero ir . eu amo praia (Maria Fernanda, 12 anos).

Já Irene, com 15 anos de idade, esboça certo bom humor frente à condição de seu corpo e, também, à condição feminina, ao mencionar que ainda não menstruou. Diante do descompasso corporal associado à sua imagem corporal, parece ter elaborado um interessante arranjo, para aquilo que se apresenta na cultura como homogeneização dos corpos, quando se reporta ao tempo:

Eu tenho 15 anos, não tenho seios, tão crescendo. sutiã de pano ta marcando kk vou comprar bojo pra ficar sobrando, mas pelo menos não marca, quero um preto \*-\* eu menstruei só com 14 anos, ainda bem, quanto mais tarde melhor. corpo eu não tenho, ainda bem. as vezes bate uma tristeza, as vezes me acho feia. mas um menino se apaixonou por mim, me ama do jeito que eu sou, estamos juntos a 8 meses. corpo não é tudo na vida, com o passar do tempo todas terão corpo, é questão de tempo (Irene, 15 anos).

Assim, a resposta de Bianca – a primeira declaração nesta categoria – pode ser uma das tantas respostas possíveis à inquietante pergunta de Janete, tal como apresentada no início desta categoria. A declaração de Maíra, por sua vez, revela uma possibilidade mais imaginarizada diante de sua insatisfação com os seios pequenos:

Meninas que preclamam de ter pouco peito, não se preocupem, a genética é uma coisa louca, ninguém entende, minha mãe disse q até os 16 nao tinha nd de peito, deois em um ano cresceu oq devia ter crescido em 3! Geralmente tem a ver com a genetik familiar, mas se não estiver satisfeita economiza um dinheiro e põe silicone! (Maíra, idade não mencionada).

Como podemos ver, a saída para a insatisfação com o corpo adolescente pode ser multifacetada. No entanto, essa insatisfação parece ter em seu horizonte o Eu-ideal. Diante disso, buscaremos um diálogo com o narcisismo parental, a partir das articulações realizadas no capítulo anterior. Passemos, então, à nossa próxima categoria de análise.

#### 4.2.6

#### Corpos fusionados: “tal mãe, tal filha”

Salientamos na categoria Corpos presenteados: “hoje faço 15 anos!”, que o narcisismo parental vinha se apresentando como um dos possíveis fatores que poderiam contribuir na decisão de meninas adolescentes optarem pelo procedimento cirúrgico de implante de prótese mamária de silicone. O fato mesmo de os pais de uma adolescente terem que assinar um documento autorizando a cirurgia de sua filha nos permite pensar na implicação de suas partes nesse ato.

Na clínica onde trabalhei, todas as vezes que uma adolescente procurou pela cirurgiã plástica diretora, ela vinha acompanhada de seus pais. Melhor, na maioria das vezes, estava acompanhada de sua mãe, que, em geral, já havia realizado cirurgia de implante de prótese mamária de silicone. Esse cenário se repete na declaração de Isabel, no *blog* “Desabafa”<sup>17</sup>, já citado anteriormente:

Tenho 17 anos e vou fazer 18 em março NÃO TENHO seios são bem pequenos [...]e não transo por vergonha deles [...]enfim decidi colocar silicone (minha mãe colocou e apoia mais meu pai não ) é horrível se sentir assim (Isabel, 17 anos).

Já no *site* criado pelas Promotoras Legais Populares do Distrito Federal, que tem como objetivo a troca de ideias e experiências na defesa dos direitos das mulheres nas comunidades daquele Distrito, encontramos no *link* “Variedades” o artigo “Adolescentes fazem cirurgia plástica – Bisturi cada vez mais cedo”<sup>18</sup>, que traz a declaração de Aline, 17 anos. O artigo aponta a mãe de Aline como adepta das próteses de silicone e mostra como a voz da mãe, em vez da do médico, adverte a filha sobre o que implicaria uma prótese muito grande. Com a palavra, Aline:

Meu sonho era colocar 250 ml em cada mama, mas minha mãe disse que podia dar estrias, por isso optei por quantidade menor.

<sup>17</sup> Disponível em: <http://desabafa.com/desabafos-femininos/2313-tenho-vergonha-dos-meus-seios>. Acesso em: 05 Ago. 2011.

<sup>18</sup> Disponível em: [http://www.forumplp.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=1533:adolescentes-fazem-cirurgia-plastica-bisturi-cada-vez-mais-cedo&catid=73:saude&Itemid=169](http://www.forumplp.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1533:adolescentes-fazem-cirurgia-plastica-bisturi-cada-vez-mais-cedo&catid=73:saude&Itemid=169). Acesso em: 16 Out. 2011.

Estou no auge da juventude e vou aproveitar. Foi ótimo para minha autoestima (Aline, 17 anos).

Ainda no *blog* “Desabafa”, encontramos, na declaração de Ana Luiza, a mesma mescla de vozes: palavras da própria Ana Luiza e de sua mãe, que manifesta um “narcisismo às avessas” – se assim pudermos chamar –, destinando à filha um lugar bastante peculiar, ou seja, o de alvo de chacotas:

Tenho seios muitos pequenos me ajude tenho 15 anos nao tenho seios nenhum fico com vagonha minha prima com 12 anos tem os seios grandao fico com vergonha minha mae fica rino da minha pessoa por quer sou alta e sem seios fico muito triste por favor mim ajunde povo (Ana Luiza, 15 anos).

Apresentaremos a seguir declarações que trazem, justamente, o diálogo entre mãe e filha a respeito do implante de prótese mamária de silicone. A primeira declaração<sup>19</sup>, já citada anteriormente, está contida no artigo sobre as adolescentes que fazem suas cirurgias durante as férias escolares:

Quis peitos bonitos como os da minha mãe, que já têm silicone. Mas meu sutiã não passava do tamanho 36 e eu usava com bojo para parecer que eles eram maiores. Agora eu tenho ‘peito’ (Gisele, 17 anos).

A seguir, temos a declaração de Luiza, mãe de Gisele:

Desde os 14 anos minha filha falava que os seios dela eram pequenos e me pedia para pôr silicone, mas eu dizia que não, que ela ainda era muito nova. Depois que eu coloquei as próteses em mim neste ano, minha filha insistiu mais. A levei ao médico e como ele disse que o peito dela não cresceria mais, decidimos fazer a plástica nela (Luiza, 36 anos).

Lancemos mão de uma pequena digressão. Gisele era muito nova – tinha 14 anos – quando pediu para que sua mãe a deixasse colocar o implante de prótese mamária de silicone. No entanto, Luiza – de acordo com seu entendimento – só permitiu que Gisele realizasse a cirurgia, quando fosse mais velha, ou seja, aos 17 anos de idade.

<sup>19</sup> Disponíveis em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2011/07/adolescentes-aproveitam-férias-para-voltar-aulas-com-silicone-nos-seios.html>. Acesso em: 30 Ago. 2011.

Notemos que nesse intervalo de 3 anos quem realizou o procedimento de implante de prótese mamária de silicone foi Luiza, mãe de Gisele. Haveria algo em jogo, caso Luiza permitisse que sua filha fizesse a cirurgia quando ela ainda tinha 14 anos de idade? Estaria em questão somente o fato de a sua filha ser muito nova para realizar a cirurgia aos 14 anos de idade?

Se associarmos a fala de Gisele à declaração de sua mãe, é interessante notarmos que a frase de Gisele – “quis peitos bonitos como os da minha mãe” – só pôde ser dita, por óbvio, depois que sua mãe realizou sua cirurgia. Uma frase óbvia tal como uma imagem no espelho que, quando refletida, nos apresenta em seu fundo algo que nos escaparia ao olhar. Estaria no dizer de Freud (1914, p. 110): “... no fundo tão infantil [do] comovente amor parental [...], o narcisismo renascido [de Luiza]” ao permitir que sua filha realizasse a cirurgia, depois que ela havia feito a sua?

Poderíamos afirmar que o que estaria em jogo – se Luiza permitisse que sua filha realizasse sua cirurgia antes dela – seria a noção de falo, uma vez que a castração “não visa apenas à criança, visa igualmente à mãe” (Chemama, 1993, p 31-32)? Não saberemos. No entanto, também não podemos deixar de pensar nas palavras de Medeiros (2005), quando diz que “... a mãe fálica acena com a promessa de completude. Ao se apresentar como completa a mãe sugere esta possibilidade à sua filha”. Ao que parece, Luiza, a mãe de Gisele, deixaria de acenar a promessa de completude à sua filha, se lhe permitisse realizar a cirurgia quando ela ainda tinha 14 anos de idade. Assim, com sua cirurgia já realizada, tentaria assegurar “esta possibilidade [para apresentar] à sua filha”: sua completude. O mote de Luiza – e ao mesmo tempo a posse do falo – parece estar sob a ideia de que sua filha era muito nova para realizar o procedimento cirúrgico.

A relação entre mãe e filha também aparece na matéria “Teens entram na fáca”<sup>20</sup>, que aponta Lorena, uma cirurgiã plástica, como

Um mostruário vivo de sua clínica. Já fez três lipos, arrebitou o nariz, siliconou as maçãs do rosto, lifting foram duas, operou as pálpebras inferiores, levantou e reduziu os seios e, acredite, aplicou Botox duas dezenas de vezes no rosto.

<sup>20</sup> Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2901200609.htm>. Acesso em: 09 Ago. 2011.



Lorena, ao falar a respeito dos procedimentos cirúrgicos estéticos que realizou, conclui:

Agora tenho uma expressão mais leve (Lorena, idade não mencionada).

Sobre aquelas que querem fazer uma cirurgia plástica em tenra idade em sua clínica, que é o caso também de sua filha Priscila, acrescenta:

Tem uns que querem fazer muito cedo, mas não deixo. Minha filha queria colocar silicone com 13 anos, mas não permiti. Ela só conseguiu me convencer aos 16. Acho que ela precisa fazer uma lipo no culote (Lorena, idade não mencionada).

É interessante percebermos o movimento decrescente em relação aos parâmetros etários para a realização de uma cirurgia em adolescentes. Lorena não permitiu que a filha realizasse sua cirurgia aos 13 anos de idade, mas sim “só” quando foi convencida por Priscila quando essa completou 16. Com a palavra, Priscila, a filha de Lorena, hoje com 20 anos:

Eu sempre quis ter essa forma de mulher. Se pudesse, teria feito tudo antes. Vou fazer, sim [concordando em fazer o culote]. Nosso cartão de visitas é o nosso corpo (Priscila, 20 anos)

O cartão de visitas de Priscila nos parece deveras contemporâneo, se não, ao menos moderno, se pensarmos na escola de pensamento iluminista representada por La Mettrie. Essa – como citamos no segundo capítulo – preconizava que, através da materialidade do corpo em perfeito estado de saúde, o homem alcançaria a felicidade (Rouanet, 2003).

As declarações de Gisele e Luiza parecem se alinhar com as de Priscila e Lorena, uma vez que as mães das adolescentes recorrem ao mote da idade quando se referem às cirurgias de suas filhas. No entanto, uma diferença se evidencia. Lorena, convencida pela filha, permitiu que ela realize sua cirurgia aos 16 anos de idade e automaticamente sugeriu então que Priscila precisava “fazer o culote”. Priscila concordou.

No *site* “Artigos Informativos”<sup>21</sup>, encontramos na matéria “Analisando a cirurgia plástica em adolescentes” a declaração de Thereza, 49 anos. Ela já realizou 8 cirurgias plásticas e conseguiu encontrar uma clínica que realizasse procedimentos cirúrgicos estéticos em sua filha quando essa tinha 14 anos de idade. O artigo ainda informa que a filha de Thereza, hoje com 16 anos, “... coleciona artefatos estéticos, como prótese mamária, lipo abdominal, lipo no culote e Botox ® entre o nariz e as sobrancelhas”. Quanto aos gastos com cirurgias, Thereza parece dividi-los entre o seu corpo e o de sua filha, além de combater as opiniões de seus familiares, conforme suas próprias palavras:

Enfrentei a resistência do meu marido e do namorado dela. Também deixei de fazer intervenções em mim para investir num corpo perfeito para minha filha (Thereza, 49 anos).

O investimento, quando deixado de ser feito no corpo da mãe, é aplicado no corpo da filha. Sob a lógica financeira estabelecida por Thereza entre o seu corpo e o corpo de sua filha, temos a impressão de estarmos diante de um mesmo corpo. Considerando todos os procedimentos cirúrgicos realizados por Thereza e sua declaração de que ela “acredita ter livrado a garota [sua filha] da timidez e do complexo”, poderíamos nos perguntar: de quem mesmo estaria ela falando?

Por vezes temos notícias do tão comovedor amor parental em doar um órgão ao filho, caso haja compatibilidade para tal. Ora, por que seria diferente no caso das cirurgias estéticas? Em tom jocoso, se nos utilizarmos da ideia contida no título do livro de Novaes (2010), poderíamos imaginar a filha de Thereza se perguntando: “Com que corpo eu vou?”. Talvez, de pronto, respondesse a si mesma: “Com os peitos da minha mãe”!

O campo de pesquisa composto de recortes discursivos tem seus limites para realizarmos articulações com a teoria. O risco de incorremos em leituras rasas em que se fazem relações causa-efeito – sob o chavão “Freud explica” – é grande. No entanto, diante da fala de Thereza sobre seu corpo e o corpo da filha, talvez pudéssemos depreender considerações na linha da lógica fálica como utilizada na análise do exemplo de Gisele e Luiza acima.

---

<sup>21</sup> Disponível em : [http://local.artigosinformativos.com.br/Analisando\\_a\\_cirurgia\\_plastica\\_em\\_adolescentes\\_Rio\\_Branco\\_Acre-r1171334-Rio\\_branco\\_AC.html](http://local.artigosinformativos.com.br/Analisando_a_cirurgia_plastica_em_adolescentes_Rio_Branco_Acre-r1171334-Rio_branco_AC.html). Acesso em: 16 Out. 2011.

Assim, no exemplo de Thereza, que parece trazer uma mescla entre o seu corpo e o corpo de sua filha, talvez pudéssemos pensar se a mãe fálica de que nos fala Medeiros (2005, p. 174) não estaria para Thereza “com [sua] promessa de completude” assim como para sua filha, a posição de objeto fálico aprisionado ao desejo de sua mãe, tomando-a “como um modelo ideal para o seu Eu”? Se para Chemama (1993, p. 32) “a castração implica, primeiramente, a renúncia a ser o falo”, estaria a filha de Thereza combatendo sua angústia de castração, aceitando o procedimento cirúrgico investido nela por sua mãe?

Já no *blog* “Os sentidos da felicidade”<sup>22</sup>, encontramos a declaração de Giovana, 17 anos, que afirma categoricamente que realizou sua cirurgia por pura vaidade, e também a da sua mãe, Odila, que se diz satisfeita com o resultado da cirurgia da filha:

Ela pedia para colocar silicone desde os 13 anos. Conseguimos adiar por um tempo, mas depois achamos por bem satisfazer a vontade dela. A gente se cercou de cuidados. Achei que ficou ótimo, bem natural (Odila, mãe de Giovana).

Com a palavra, Giovana:

Sempre achei meus seios pequenos demais. Fiquei um ano insistindo para eles [os pais] me deixarem operar... sempre quis ter seios maiores. Não era complexada. Fiz por vaidade mesmo. As pessoas me elogiam mais. Estou mais confiante (Giovana, 17 anos).

Giovana afirma que foi mesmo por vaidade que realizou o procedimento cirúrgico, e sua mãe – que antes disse que não permitiria que a filha fizesse a cirurgia por vaidade – achou por fim que o resultado “ficou ótimo, bem natural”. É interessante relacionarmos a vaidade – motivo da cirurgia de Giovana – ao fato de ela se sentir mais “confiante”. Em suas palavras, parece estar implícita a ideia de que seu implante de silicone é garantia de alguma coisa. Não teremos como saber garantia do quê, apesar de ela afirmar que passou a ser mais elogiada.

---

<sup>22</sup> Disponível em: <http://angelitascardua.wordpress.com/2009/05/22/mae-me-da-uma-plastica-de-presente>. Acesso: 16 Out. 2011.

Perseguindo ainda a lógica fálica na relação entre mãe e filha, talvez possamos nos apoiar em Alberti (2008), quando a autora nos diz que “não é possível pensar a adolescência sem referência à castração”, e que uma das formas possíveis de elaborá-la estaria no “maior ou menor cuidado com o corpo” (Alberti, 2008, p. 47). A vaidade de Giovana parece representar não só seu maior cuidado com o corpo, assim como sua imaginária assunção de confiança.

Pensemos então na ideia exposta por Chemama (1993, p. 31-32): “a castração se refere ao falo, enquanto um objeto não real, mas imaginário [...] separado do corpo”. Quando poderíamos afirmar que a prótese de silicone que Giovana implantou em seus seios funcionaria “como um efeito da elevação do falo à função [do] significante” **confiança?**

#### 4.2.7

#### **Corpos simetrizados: “o ideal do tamanho”**

Na comunidade “Silicone é pra quem pode”, da rede social *Orkut*, assim como na maioria das comunidades destinadas à obtenção de informações sobre o implante de prótese mamária de silicone, é interessante notar que grande parte dos relatos, de forma geral, diz respeito às questões técnicas da cirurgia, como tipo de anestesia, técnica cirúrgica a ser aplicada, cicatrização, inchaço, dor, entre outros. As técnicas cirúrgicas estéticas aliadas à tecnologia de ponta parecem ser uma sofisticada reedição da técnica corporal para Mauss, já que são aplicadas ao corpo, ao sabor de como cada cultura aprendeu a “servir-se de seus corpos” (Mauss, 1934, p. 211).

Quanto aos aspectos do campo psi envolvidos no procedimento cirúrgico, a ansiedade e o medo frequentemente aparecem como representantes dessa esfera. Em se tratando de uma cirurgia, seria mesmo de se estranhar se não houvesse nenhum esboço de apreensão, algo que tocasse os referenciais de qualquer pessoa, dado o risco envolvido na situação. Nesse sentido, um dos questionamentos mais frequentes encontrados nas declarações daquelas que irão realizar a cirurgia ou já a realizaram e que talvez possamos associar ao campo psi diz respeito ao tamanho da prótese a ser implantada.

Dois fóruns em particular, na comunidade “Silicone é pra quem pode”, nos chamaram a atenção, por revelarem descontentamentos frente ao não alcance de

uma “forma ideal” para os seios. Os nomes dos fóruns, bastante sugestivos, inclusive na escrita, são: Crise do “ta grande” e Crise do “TA PEQUENO”.

Tais fóruns parecem retratar um paradoxo no discurso daquelas que optam pelo implante de prótese mamária de silicone: se, por um lado, querem ter seios maiores, grandes, por outro, não os querem tão grandes assim. Resta-nos saber em que implicaria o ideal do tamanho tão almejado. Podemos, ao menos, pensar que a simetria nos remete a algo estático. Ora, não é bem isso o que acontece com qualquer organismo vivo, muito menos com um corpo desejante. Seria o movimento do desejo, logo, inconsciente, a atravessar qualquer espécie de simetria que causaria a derrocada da egoica formal ideal para os seios? Vejamos as declarações de Bia e Patrícia, respectivamente, postadas no fórum Crise do “ta grande”<sup>23</sup>:

Todo mundo que me ve nem percebe que coloquei silicone. Nossas, que medo dos meus ficarem muito grandes (Bia, 20 anos).

Eu tb não quero muito grande!! Encomendei a minha e pedi pra silimed a 235ml 255ml e 285ml tenho 55kg (estou acima o meu normal é 53kg) e 1,56 de altura. Acho q vou pedir pra ele ver entre a 235 e 255 pqto medo de por a 285 e ficar com cara de gordinha e depois ficar com estrias (Patrícia, 25 anos).

Na busca por seios simétricos, as próteses são equiparadas, podemos pensar, aos sutiãs. Sendo inúmeros os fabricantes desse tipo de produto, no discurso dessas mulheres, a prótese parece passar à função metonímica, da parte pelo todo, quando se referem à marca da prótese e não mais à prótese em si. Nessa busca, pensam meramente, com o auxílio do cirurgião, na proporcionalidade, analisando altura, peso e mililitros da prótese a ser implantada. Mencionam que assim podem ter uma ideia de como seus seios irão ficar. No entanto, as declarações parecem mostrar que, após a cirurgia, algumas “acertaram” no tamanho da prótese e estão felizes por isso; outras, desapontadas, já que a prótese não ficou do tamanho que imaginavam. Vejamos, então, as declarações de Fernanda e Cláudia, postadas no fórum Crise do “TA PEQUENO”<sup>24</sup>.

<sup>23</sup> Disponível em : <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=5485877731058336673&na=2&nst=116>. Acesso em: 27 Nov. 2010.

<sup>24</sup> Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=5395017208023214173&na=2&nst=530>. Acesso em: 28 Nov. 2010.

Meninas eu to desanimada, tenho 9 dias de operada e a minha prótese já diminuiu muito do tamanho que ficou no dia da cirurgia, pelo que eu estou lendo aqui a tendência é diminuir mais, certo? Será que depois que o seio pegar formato ele realmente fique maior? Coloquei 280 ml da Eurosilicone. Eu tenho 56 kg e 161 de altura, coloquei 280 ml perfil alto, e meus seios com 10 dias já estão pequenos, se eu pudesse, eu teria colocado no mínimo 330 ml. Estou muito desanimada, já chorei e tudo. Ta todo mundo falando que nem parece que eu coloquei silicone. Estou realmente precisando realçar meus seios (Fernanda, 21 anos).

Aiiii to entrando nessa crise aí! Poxa parece que joguei dinheiro fora....Tanto sofrimento de pós operatório pra ficarem assim?? Coloquei 240 ml da Eurosilicone (equivalente a 280 ml da Silimed) e hoje com 10 dias de silico já estou achando pequeno! Buááááá, é verdade que podem aumentar com o passar do tempo? Ouvi dizer que com o tempo a prótese descola e se projeta sobre a pele... (Claudia, 22 anos).

Frustrações parecem ser recorrentes nas declarações contidas nos fóruns que têm em comum, em seus nomes, o termo “crise”. Tais frustrações são bastante interessantes se pensarmos que elas ocorrem antes mesmo de 10 dias de pós-operatório, como é o caso de Fernanda, 21 anos. Nesse sentido, o fato de a adolescente entender que após a cirurgia seus seios teriam a forma por ela imaginada nos remete mais a uma imagem do corpo do que àquilo que podem ver. A partir de nossa articulação sobre o corpo representado, na esteira dos autores utilizados em nossa fundamentação teórica, relembremos que esse corpo só se institui às expensas de um conflito fundamental resultante do efeito das marcas pulsionais sobre o corpo orgânico operada pelo funcionamento do recalque. Assim, entre a prótese introjetada no corpo orgânico – consideremos ainda o inchaço pós-cirúrgico – e o corpo representado vivenciado para a adolescente, parece haver uma diferença que poderia levar o nome de “crise”.

Porém, se uma centelha de angústia sinalizar qualquer descontentamento com o tamanho dos seios após a cirurgia, não nos preocupemos: os avanços tecnocientíficos estão aí, também, para aplacar esse mal-estar. Estamos falando, nada mais nada menos, de uma das últimas tecnologias referentes à prótese mamária de silicone: a prótese ajustável, que tem como mote, justamente, a assimetria dos seios pós-cirurgia. A *Spectra*, como é chamada, encontra-se nos últimos trâmites de sua aprovação, no Brasil, junto à Agência Nacional de

Vigilância Sanitária, a Anvisa. Fora do Brasil, a prótese já foi aprovada e se encontra no mercado, principalmente em países da Europa. Segue a descrição contida no *site* da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, SBCCP<sup>25</sup> sobre o novo produto:

A novidade é uma câmara interna, onde pode ser inserido soro fisiológico por meio de uma cânula. Se preenchida completamente, esta câmara pode aumentar em até 30% a projeção do seio, o que resolveria o problema daquelas mulheres que, depois que o inchaço do pós-operatório vai embora, acham que deveriam ter colocado uma prótese maior. Elas têm um período de alguns meses para voltar ao cirurgião e sair com um novo tamanho sem ter de trocar a prótese.

Tal como a praticidade de se trocar numa loja um sutiã que ficou pequeno ou grande demais, as próteses mamárias de silicone justificam nossa paráfrase da campanha publicitária da Valisère, ou seja, “O primeiro silicone a gente nunca esquece”. Assim, o *Spectra* possibilita o ajuste do tamanho da prótese, após a cirurgia, para aquelas que não ficaram “satisfeitas” com o resultado cirúrgico. Não sabemos, aqui, se elas, no pré-operatório “optaram por um número” menor ou se seguiram as indicações de seus cirurgiões. Ainda podemos pensar que, a partir da cirurgia, com a introdução da prótese em seu organismo, uma nova representação para o corpo foi reorganizada, causando assim a “dissimetria”, como apontada anteriormente.

#### 4.2.8

#### **Corpos tímidos: “a vergonha é maior que o desejo!!”**

O já citado *blog* “Desabafa” traz em um dos seus *links*, “Desabafos femininos”, o fórum “Tenho vergonha dos meus seios”. Com base nas declarações nele postadas, a vergonha em relação ao tamanho dos seios nos parece ser uma categoria em estreita relação com o desabrochar da sexualidade, diante do encontro com o “objeto sexual”, como nos diria Freud (1905, p. 195).

<sup>25</sup> Disponível em: [http://www2.cirurgiaplastica.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=325:protese-ajustavel&catid=42:saiu-na-midia&Itemid=87](http://www2.cirurgiaplastica.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=325:protese-ajustavel&catid=42:saiu-na-midia&Itemid=87). Acesso em: 14 Set. 2011.

Tenho 14 anos e minhas amigas são lindas tenho muita vergonha de mim mesma ... ã sou feliz! sou um monstro horrível !!! fico de blusa de frio o tempo td pra q ninguém veja o quanto são pequenos e feios !!! nunca tive um namorado,e acho q nunca vou ter pq com minha aparência ã deixo ninguém se aproximar de mim ...Querida ter seios enormes q chega me dessem problema na coluna. a minha dor é psicologica e acreditem é muito pior do que o dor fisica de ter seios grandes... quero muito colocar silicone e fazer uma serie de sururgias quando eu puder !!! E DEUS VAI ME AJUDAR EU SEI!! (Carolina, 14 anos).

Ja tenho 18 anos e meus seios sao muito pequenos!! mas muito mesmo, praticamente so os mamilos!! e isso me incomoda muito!! [...] eu namoro um rapaz de 20 anos e estamos juntos ha 1 ano e 2 meses ja, mas na hora da transa eu tenho muuuita vergonha de tirar a blusa! ele ja me perguntou varias vezes o porque que eu nao tiro a blusa na frente dele e ate se eu tinha vergonha do meu corpo!! eu fico com muita vergonha so de falar nisso e falo que nao tenho vergonha do meu corpo e que nao era nada disso! [...]ele vive me elogiando, dizendo que sou linda, sexy, gostosa (coisa que todo namorado diz) que me ama muito e que posso confiar nele... mas simplesmente nao consigo dizer o meu problema!![...] me sinto uma idiota transando de blusa, mas a vergonha eh maior que o desejo!! pior que eu tenho muito medo que eu nao consiga 'me libertar' logo e meu namorado que eh muito lindo e tem um corpo perfeito se canse e desista de mim!! (Karina, 18 anos).

GENTE EU TENHO SEIOS PEQUENOS .MINHAS AMIGA TEM TUDO SEIOS MAIORES QUE OS MEUS .E OLHE QUE ELA TEM 13 ANOS...I EU 15 CARA MIM OLHO NO ESPELHO MIM SINTO PESSIMA.MIM DEICHA MT TRISTE JÁ CHOREI VARIAS VEZES ..PQ SOU PEQUENA E MINHAS AMIGAS QUE TEM MENOS IDADE QUE EU SÃO MAIORES QUE EU.. TIPO NAUM PRESIZARIA TER SEIOS GRANDES ..MAIS SI MEDIOS,IRIA SER BEM MELHOR.MULHER COM SEIOS MEDIOS SÃO BEIN CHARMOSAS,MAIS DE SEIOS PEQUENOS TBM SÃO NA MAORIA DAS VEZES EU ACHO...POOW TEVE UNS DIAS QUE ESTAVA BEEIN DEZANIMADA POR CAUSA DISSO.E FUI LER PIADAS NA NET ;/ OEOEIWOIE E LI UMA QUE MIM DEICHOU MAIS PRA BAIXO AINDA MULHER SEM PEITO É IGUAL CAUSA SEM BOLÇO DA PARA USAR MAIS O HOMEM NUNCA SABE AOND POR A MÃE ..QUANDO VI ISSO DESLIGUEI O PC E FUI CHORA..MAIS SE DEUS MIM DEU ESSES SEIOS EU AGRADEÇO A ELE. EU I VOCÊS QUE SOFREM POR CAUSA DISSO TEMOS QUE PARAR DE SERMOS BOBAS,MAIS NAUM SAI DA NOSSA MENTE TIPO FAZEMOS AMOR COM CARA E ELE DEPOIS SAIR CONTANDO PRA TODOS .ISSO É O QUE MAIS PREOCURA ;S GRAÇAS A DEUS NUNCA PASSEI PORISSO..EVITO (Erika, 15 anos).



Eu tenho 17 anos, e tenho os seios médios, mais eles são um pouco flácidos, Namoro a um ano, tenho vontade de perder minha virgindade, mais tenho vergonha do meu namorado ter uma má impressão de mim! [...] Queria saber se tem algum tipo de exercicio domestico que faça com que eles fiquem mais durinhos. [...]Será que eu devo mesmo ter medo do que meu namorado vai achar de mim? (Denise, 17 anos).

Na ordem das declarações acima, é possível perceber que a primeira declaração, de Carolina, se configura bem mais imaginária, já que delega à sua aparência toda a infelicidade de sua vida. Já na última declaração, Denise expressa dúvida quando se pergunta se deve ou não ter medo da reação de seu namorado diante de seu corpo.

É inegável a associação para tais meninas, por vezes explícita, entre a vergonha de ter seios pequenos e o olhar do outro. Quando o outro é uma mulher, a comparação é inevitável, uma vez que seus seios são, de fato, menores do que os daquela conhecida como “peituda”. Se o outro é um homem, a vergonha e a ideia de não se sentirem desejadas parecem imperar, pois é comum a concepção de que o homem é atraído, tem seu olhar capturado “somente por mulheres com seios avantajados” – o que pode ser um dado de realidade – mais ainda, se tivermos em mente a moda dos peitos “turbinados” nos dias de hoje. Em outras palavras, se tais meninas se julgam desinteressantes por terem seios pequenos – o que não significa justamente por isso que sejam desinteressantes –, o fato mesmo de ter seios pequenos é real, já que, ao se compararem com as outras mulheres, percebem que são as “meninas com seios grandes” as que mais chamam a atenção dos homens.

A questão se traduz complexa, pois não fazer parte do “seleto” grupo daquelas que foram contempladas com atributos físicos que estão de acordo com o padrão de seios avantajados as exclui desse grupo. Tomemos como exemplo Carolina. A ideia imaginária “nunca tive um namorado, e **acho** q nunca vou ter pq com minha aparência ã deixo ninguém se aproximar de mim” parece lhe roubar a possibilidade de ir ao encontro de sua própria castração. Melhor dizendo, tal concepção parece fazer frente à sua castração. A partir do enfrentamento dessa, talvez ela pudesse estabelecer outros agenciamentos em relação ao seu próprio corpo, que não o de um ideal a ser alcançado. Talvez a castração pudesse deslocá-la da “posição de vítima” na qual se encontra.

Não devemos ser ingênuos a ponto de desconsiderar a questão da diferença, do arranjo singular elaborado por cada sujeito no campo da cultura. Também é verdade que existem meninas adolescentes que nos dão indícios de estarem mais em conformidade com os seus corpos. Mais ainda, há homens que gostam de mulheres com seios pequenos, sim. Nesse sentido, quatro pontos devem ser considerados: o corpo pautado pela mídia; o que a mulher acha que o homem gosta no corpo dela; o que, de fato, o homem gosta no corpo da mulher; e o que nos parece mais importante – o investimento representacional que as meninas dessa categoria têm de seus próprios corpos.

Para fazer contraponto, decidimos por incluir vinhetas do discurso masculino sobre o assunto.

#### 4.2.9

#### **Corpos desejados: “o olhar masculino”**

Falar sobre silicone e, principalmente, sobre o fato de se os seios de uma adolescente “são ou não são siliconados” já tem seu lugar garantido na roda de conversa entre amigos. Assim como os cirurgiões, os homens em geral, à sua maneira, também estão interessados no assunto e se dividem entre aqueles que são contra e os que são a favor desse procedimento cirúrgico.

Vale lembrar, quando tratamos no segundo capítulo do corpo no campo na cultura, as declarações, respectivamente, do diretor científico, Paulo Roberto de Albuquerque Leal, e do presidente da Sociedade Brasileira de Cirurgia Estética, José Tariki, no ano de 2009, no *site* “Aleitamento Materno”<sup>26</sup>:

Estamos vivendo uma americanização do padrão e do gosto por seios volumosos.

O conceito era que brasileiro gostava de mama pequena e bumbum grande. Hoje, ter mama grande deixou de ser problema. Na década de 90, só 10% das cirurgias de mama eram de aumento enquanto 90% eram de redução.

<sup>26</sup> Disponível em: [http://www.aleitamento.com.br/a\\_artigos.asp?id= x&id\\_artigo=2520&id\\_subcategoria=4](http://www.aleitamento.com.br/a_artigos.asp?id= x&id_artigo=2520&id_subcategoria=4). Acesso em 13 Set. 2011.

É sabido que o Brasil, no imaginário coletivo, é conhecido como o país da bunda. A preferência nacional do homem brasileiro pela bunda de nossas mulheres rende substanciosas e acaloradas discussões pelos quatro cantos do país. No entanto, de acordo com os números da SBCP, parece que esse cenário vem mudando lentamente. Estaria também tal cenário contribuindo para que meninas adolescentes recorram ao implante de prótese mamária de silicone?

Verdade ou não, “de nada adiantaria” mil e um homens dizerem a uma adolescente que o tamanho de seus seios é o que menos importa. Incorreríamos no risco de cair no campo da explicação, deixando de escutar aquela que se diz infeliz por ser desprovida de seios. No entanto, não podemos negar que é na insistência, no tempo lógico do outro, que se tem a possibilidade de provocar ranhuras na imagem de um corpo idealizado, logo, na tessitura de seu discurso, para termos então a chance de desvelar o que jaz por trás de seios turbinados ou bastante pequenos. Seguem abaixo, as declarações de alguns homens entrevistados por uma revista feminina<sup>27</sup> sobre o lado negativo dos implantes de silicone.

O lado negativo não está no silicone em si, mas em quem coloca nele a responsabilidade de se tornar mais atrativa sexualmente, às vezes exagerando no tamanho (Pedro, 44 anos).

Sobre o primeiro contato com mulheres que tinham implante mamário de silicone, Antônio e Marcos dizem:

Foi estranho, a garota estava esperando uma avaliação, era mais um julgamento do que uma curtição (Antônio, 42 anos).

Achei melhor que peito pequeno, mas não se compara com o original (Marcos, 24 anos).

Já André e Ricardo, ao serem perguntados sobre se preferiam um *strip-tease* com peitinhos ou um papai-e-mamãe com peitão, são categóricos:

---

<sup>27</sup> Disponível em: <http://claudia.abril.com.br/materias/2381/?pagina1&sh=&cnl=&sc=> . Acesso em: 03 Jul. 2011.

Um peitinho ousado é melhor do que um peitão que acha que está podendo (André, 27 anos).

Strip-tease com peitinho é mais sensual (Ricardo, 41 anos).

No *Blog* “Desabafa”, encontramos a reação de alguns homens diante das declarações, por vezes desesperadas, de algumas adolescentes:

Tem muito marmanjo por aí que se porta como se fosse o homem mais gostoso do mundo. As mulheres que ele dispensa, ou têm seios grandes, ou pequenos. Mas por dentro na verdade é um imaturo e inseguro [...] E você gata, que foi dispensada por um homem por ter seios pequenos - Ele é um idiota e você foi quem ganhou. Ele não te merecia [...] não esquente sua cabecinha pensando que é por ter seios pequenos que ninguém gosta de vc. Vai aparecer o seu. Não fique encucada com isso (Rogério, idade não mencionada).

Minha namorada tem 22 anos e não tem nada de seios..... Acreditem, o que importa é o AMOR.....sem contar que não ter quase nada de seio ou tê-los pequenos, é uma coisa exótica, que muitos homens podem gostar. Eu quando decidi começar namorar com ela, não foi pelo tamanho dos seios, e sim pelo que sentia por ela (Felipe, 24 anos).

Abaixo, a declaração de Karina parece corroborar o ponto de vista de que a fala masculina direcionada à menina adolescente fica no campo da explicação, remetendo à imagem corporal, pois o que seu namorado lhe diz sobre o seu corpo, ela não vê:

Ele vive me elogiando, dizendo que sou linda, sexy, gostosa (coisa que todo namorado diz) que me ama muito e que posso confiar nele... mas simplesmente não consigo dizer o meu problema!![...] me sinto uma idiota transando de blusa, mas a vergonha é maior que o desejo!! pior que eu tenho muito medo que eu não consiga 'me libertar' logo e meu namorado que é muito lindo e tem um corpo perfeito se canse e desista de mim!! (Karina, 18 anos).

É popular a ideia de que a mulher se arruma para outra mulher e, também, a de que os homens, muitas das vezes, não percebem nelas um simples corte de cabelo. Popular também é a ideia de que seria mais interessante para o homem, perceber em uma mulher seus seios do que seu novo corte de cabelo. No entanto,

chama atenção as declarações coletadas, nas quais os homens parecem preferir mulheres com seios naturais.

De qualquer forma, tais declarações parecem contrariar a moda dos peitos turbinados pautada pela mídia “como a bola da vez no jogo”. Se, por um lado, a mídia – ou melhor, uma parte dela – se presta a tal jogo, por outro, encontramos nela mesma as declarações de homens que preferem mulheres de seios pequenos.

Logo, também em parte, recai sobre as adolescentes – e, conseqüentemente, sobre seus pais – a responsabilidade de se submeter ao implante de prótese mamária de silicone, ao invés de se culpar a mídia tão somente como produtora de subjetividades “siliconadas”. Assim, não seria errôneo afirmar que o corpo histórico também encontraria, naquilo que a mídia pauta como “dever”, a justificativa para os seus atos.

#### 4.2.10

##### **Corpos em competição: “little miss sunshine e miss teen brasil”**

Durante nossa pesquisa para a constituição do campo, nos deparamos com declarações de algumas meninas adolescentes que automaticamente se destacavam como uma categoria de análise à parte. Estamos falando das meninas que participam ou já participaram de concursos de beleza; esses, aliás, talvez possam nos contar, futuramente, um pouco da história das práticas de implante de prótese mamária de silicone em meninas em tenra idade.

Acreditamos que a linha de análise contida na discussão desenvolvida na categoria “Tal mãe, tal filha” se encaixa aqui. Entretanto, acreditamos que a categoria que por ora analisamos se diferencia das demais por expor o corpo da adolescente, com o devido consentimento dos pais, a uma severa avaliação na forma de uma competição institucionalizada, qual seja, os concursos de beleza para adolescentes.

Propomos a leitura de declarações de duas participantes do concurso promovido pela festa que celebra as tradições germânicas no sul do Brasil, a *Oktoberfest*. A primeira delas é de Marcela, uma das princesas da festa em 2011, de Santa Cruz do Sul, no estado do Rio Grande do Sul, que colocou sua prótese quando tinha 17 anos. Sua declaração já aparece na categoria “Cirurgia estética: um presente de aniversário”, que foi retirada do artigo “Adolescentes aproveitam

as férias para voltar às aulas com silicone nos seios”<sup>28</sup>. Esse, lembremos, salienta que Marcela “só fez a cirurgia porque era traumatizada pela ausência de seios volumosos”.

Poderíamos dizer que Marcela “não optou” por sofrer *bullying* na escola, se desconsiderarmos aqui a posição de vítima em que um sujeito pode se colocar nessas situações. Vale a pergunta: a “opção” de Marcela pelos concursos intensificaria ou não seu trauma? Havendo, por um lado, o prazer de concorrer em ser “a mais bonita”, por outro, parece haver algo além, uma vez que ela diz ter sofrido nos concursos.

O corpo pulsional nos indicaria, assim, a procura por uma satisfação que se encontra em um outro lugar que escapa às trilhas da razão. Se Freud (1915, p. 178) sugere que “uma condição para que ocorra o recalque [da pulsão] é que a força que causa o desprazer se torne mais poderosa do que aquela que produz, a partir da satisfação pulsional, o prazer”, essa parece ser justamente a prerrogativa “que não estaria funcionando” para Marcela. Segue sua declaração, transcrita na íntegra:

Doeu um pouquinho sim, mas valeu a pena. O resultado foi ótimo. Só quando eu coloquei as próteses passei a me sentir mulherão”. Fui vítima de bullying na escola. Sempre tive bunda grande, mas não tinha peito. Me chamavam de ‘bundita’ e de ‘reta’. Sofri mais nos concursos, quando vi as outras meninas com peito. Eu era um gurizinho. Teve uma vez que cheguei a chorar. Agora tudo ficou proporcional e estou mais feliz (Marcela, 21 anos em 2011).

Ainda no mesmo artigo, temos a declaração de Patrícia, atual rainha da *Oktoberfest*, que colocou implante aos 18 anos. Sua fala parece ser uma clara constatação do que ela percebe ao seu redor:

Adolescente tem sonhos. É o sonho de qualquer adolescente pôr silicone. Cada vez mais, ela procura pela plástica e beleza, vê isso nas revistas e passarelas. Cabe encaminhamento psicológico. É um ato de responsabilidade (Patrícia, 21 anos).

---

<sup>28</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2011/07/adolescentes-aproveitam-férias-para-voltar-aulas-com-silicone-nos-seios.html>. Acesso em: 30 Ago. 2011.

Outro concurso de beleza jovem é o *Miss Teen Brasil*<sup>29</sup>, realizado em território nacional e específico para candidatas a partir de 14 até 19 anos de idade incompletos. A edição de 2011, realizada na cidade de Guarulhos, São Paulo, teve como chamada a seguinte frase: **“Seu momento de estrela pode estar próximo”**. Outro atrativo, além do “estrelato”, é o prêmio que será entregue à vencedora, um pacote de intercâmbio cultural de 30 dias no exterior.

Alessandra, vencedora do concurso em 2009, que diz não ter seios, lança mão de outras alternativas que não a do projeto de implante de uma prótese mamária de silicone. No entanto, ela não deixa de opinar sobre o assunto e conta o que tem visto nos concursos dos quais tem participado:

Eu não tenho muito peito, uso tamanho 40, mas não vejo necessidade de colocar prótese. Temos recursos para aumentar na hora do concurso, como, por exemplo, usar um sutiã que junta os seios para eles parecerem maiores e mais volumosos. Não sou contra a plástica, só não apoio o uso excessivo. Já cheguei a ver meninas de 14 anos com silicone nos concursos (Alessandra, 17 anos).

Já Renata, que ganhou a mesma competição em 2011, por enquanto prefere recorrer à atividade física em detrimento da cápsula de gel. Sua declaração traz a ideia implícita de que, para ela, não está em questão a moda de seios volumosos, mas sim a firmeza.

Se a lei da gravidade tomar conta, quem sabe? Por enquanto prefiro correr e malhar. Melhor fazer com 18 anos (Renata, 17 anos).

Vale a pergunta: quanto tempo levaria um ano para Renata? Por enquanto, com 17 anos de idade, ainda prefere exercícios físicos à cirurgia, a qual acha melhor fazer só quando completar 18 anos de idade. Não teria a velocidade de um ano, para ela, o caráter descartável dos tempos atuais, que poderia ser recuperado com uma cirurgia estética?

Assim, as meninas que representam essa categoria parecem diferir das demais por certificar o valor que conferem a seus corpos ao participarem de

---

<sup>29</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2011/07/adolescentes-aproveitam-ferias-para-voltar-aulas-com-silicone-nos-seios.html>. Acesso em: 30 Ago. 2011.

concursos de beleza. Na confluência entre seus próprios desejos e o desejo de seus pais, revelam, até certo ponto, a dimensão do contexto em que se inseriram.

Nas duas últimas edições do concurso, por exemplo, as vencedoras tiveram como prêmios valores em dinheiro para ser gasto exclusivamente com cirurgias estéticas. O então diretor executivo do concurso, Gerson Antonelli, ainda na mesma matéria, ressalta:

Não incentivamos ninguém a fazer [a cirurgia]. Optamos pela beleza natural, mas não perguntamos a elas quem fez alguma plástica. Se fez, não temos conhecimento (Gerson Antonelli).

Há de se fazer alguma reserva a respeito da declaração do diretor do concurso. Se não se incentiva nenhuma menina a fazer cirurgia plástica, podemos nos perguntar então a serviço do que estaria a oferta desse tipo de prêmio, justamente em um concurso de beleza.

Não há como não lembrarmos, aqui, de *Little Miss Sunshine*, o filme lançado em 2007, traduzido no Brasil como “Pequena Miss Sunshine”, que deu a Alan Arkin o Oscar de melhor ator coadjuvante. Arkin faz o avô de Olive, protagonista da trama; vale aqui uma pequena resenha de sua história.

Olive é uma menina entre os 6 e 7 anos de idade que está prestes a participar do concurso de beleza *Little Miss Sunshine*, em cujos padrões ela não se enquadra, já que tem uma pequena barriga, saliente para a sua idade, e usa um par de óculos que cobre quase que completamente seu rosto.

Para se preparar para a competição, Olive assiste várias vezes à cena final de outro concurso, o *Miss America*, que mostra as reações da vencedora ao ouvir seu nome como ganhadora. Rebobinando a cena várias vezes, e já se imaginando vencedora, Olive tenta copiar as expressões faciais daquela que levou o 1º lugar naquela competição. Além disso, seu avô lhe ensina os passos de uma coreografia com pretensões erotizantes a ser apresentada por ela no *Little Miss Sunshine*. Acrescente-se que o espectador só vem a conhecer essa surpreendente coreografia no final do filme, no exato momento de sua execução no concurso.

No entanto, Olive, que é filha de Richard, não pode ser uma perdedora e, também, deseja vencer o concurso do qual irá participar. Richard está praticamente arruinado econômica e profissionalmente e, pretensiosamente, quer vender seu projeto, um livro de autoajuda que relata 9 passos para a busca da



realização pessoal. O livro tem como mote o ideário norte-americano, revelado em uma de suas palestras: “Existem dois tipos de pessoas nesse mundo: os vencedores e os derrotados.”

Richard exerce reprimendas em sua filha como a de não tomar sorvete, já que engorda. Tal fato coloca Olive diante do impasse entre permanecer magra para o concurso e, então, vencer, ser uma vencedora – enquadrando-se assim no desejo de seu pai – e a culpa de realizar seu desejo de tomar sorvete e engordar, tornando-se, assim, uma perdedora. Logo, nessa lógica, ser uma perdedora nos remete àquela que cede aos seus desejos.

A questão em relação a um concurso de beleza é que ele recai justamente sobre o indivíduo; ou seja, é de total responsabilidade de Olive “ser bonita ou não”, de ganhar ou perder o concurso. Assim, o ideário americano, por si só, exclui toda a conjunção de forças que estão em ação no quadro composto pela esfera sócio-econômica e política da qual o concurso faz parte. O avô de Olive, pai de Richard, tem importante papel na vida da neta, pois conhecendo o filho que tem, lembra a ela que “perdedor é alguém que tem tanto medo de não vencer, que nem mesmo tenta”.

Grande parte do filme se passa durante a longa viagem para a Califórnia onde *Little Miss Sunshine* será realizado. Nessa jornada, a família de Olive, a bordo de uma Kombi, se diverte em ter que empurrá-la toda vez que ela é desligada em uma parada, já que teve sua embreagem quebrada. Será numa dessas paradas que o avô de Olive morre de overdose de cocaína, vício que era sua seqüela de veterano de guerra.

Entretanto, um pouco antes da morte de seu avô e já diante da proximidade do concurso, Olive começa a ficar apreensiva e pergunta a ele se ela é bonita, a que ele lhe responde: “Você é a menina mais bonita do mundo”. Chegando à Califórnia, já no salão do evento, Olive faz sua inscrição e encontra a atual *Miss California* dando autógrafos em cópias de sua foto. Olive vai até ela, recebe seu autógrafo e, como forma de ratificar seu desejo, lhe pergunta: “Você toma sorvete?” A *miss* então responde: “Adoro sorvete”. A pergunta, que mais nos remete a um “Você deseja?”, parece trazer na resposta de *Miss California* a confirmação da qual Olive precisava para seguir em frente. Isso porque, minutos antes de sua entrada para apresentar seu número, Richard e o irmão de Olive, Dwayne, tentam convencer Sheryl, mãe de Olive, de que a menina não deve

participar do concurso. Sheryl, por sua vez, sabendo que a filha não se enquadra dentro dos padrões de beleza para o concurso, diz a Olive que é ela mesma quem deve decidir.

Olive decide entrar e dedica seu número a seu avô, iniciando assim sua maluca e divertida apresentação – de cunho sensual – enquanto muitas das pessoas na platéia, em represália à ousadia, começam a se levantar e ir embora. Sem saber, Olive faz frente à lógica americana *winner or loser*, simplesmente extraindo do quadro que se apresenta alguma diversão. Uma grande briga com a comissão organizadora do concurso se instala e só irá terminar na delegacia, com a promessa de que Olive jamais se inscreva no concurso novamente. No final, mais uma vez, lá vai a família retornar para casa, mas não sem antes empurrar “essa kombi chamada desejo”.

Se *Miss Sunshine* tem alguma coisa de *Little*, parece ser justamente essa fagulha de desejo que Olive revela com sua coreografia, fazendo fundo à exposição dos corpos a que as outras concorrentes, que mais lembram miniaturas caricatas de mulher, se submetem, com o aval de seus pais. Já o concurso *Miss Teen Brasil*, que teve no ano de 2011 como prêmio para a vencedora um Intercâmbio cultural, parece ser, nos dias de hoje, privilégio da mais bonita!

## Considerações finais

Para continuar..., poesia: “é sempre mais difícil ancorar um navio no espaço”. Esse poema, da escritora carioca Ana Cristina Cesar, chamado “Recuperação da adolescência”, me convocou aqui não só pelo fato de meu trabalho abordar a adolescência, mas também porque, durante esses dois anos de leitura e pesquisa para escrever a dissertação, ele fez água no meu caminhar. Fez fundo às páginas em branco por serem escritas, quase como uma efêmera miragem que, quando recuperada, nela eu me ancorava.

Estabelecer um diálogo entre a noção de corpo para a psicanálise e o movimento de meninas adolescentes que recorrem ao implante de prótese mamária de silicone como o vemos na cultura contemporânea revelou-se exercício de incertezas e dúvidas. Adicionemos a isso o fato de que, para a constituição do campo, tínhamos à nossa frente a delicada questão da faixa etária dos nossos sujeitos de pesquisa em relação ao projeto cirúrgico por elas empreendido. Sinais dos tempos ou não, fomos encontrar nossas adolescentes na rede mundial de computadores, na mídia como um todo. Se, por um lado, a quase virtualidade de nossas meninas parecia se confundir com a noção de imagem corporal como aquela que não nos é dada a olhos nus, por outro, a escuridão contemporânea, para parafrasearmos Agamben (2009), era sinal de que precisávamos lançar mão de alguma cautela.

Assim, fomos ao encontro das limitações proporcionadas pelos recortes discursivos por nós selecionados. Articular tais recortes à teoria psicanalítica sem cairmos no banalizado sintagma “Freud explica”, o qual implicaria estabelecer uma relação de causalidade entre as declarações das adolescentes e suas cirurgias estéticas, fora trabalho delicado. Era também preciso vislumbrar no horizonte um “ponto de chegada” sem estabelecer conclusões apressadas, quando em muitos momentos algo a mais parecia ser possível incluir em nossas análises. Muitos dos nossos questionamentos nesta dissertação estão em aberto para a reflexão, uma vez que a velocidade mesma das transformações corporais na cultura parece dar o tom de nosso tempo. Fomos lançados para além das nuvens - e para Além das Nuvens, como no filme de Antonioni e Win Wenders. No espaço virtual, nossas meninas adolescentes têm à mão intenso fluxo de informação e comunicação *prêt-*

*à-porter* sobre cirurgias estéticas, assim como a possibilidade de trocar experiências sobre seus implantes de prótese mamária de silicone. Essa velocidade de transformação parece lançá-las em um espaço ainda não advindo – um espaço recoberto pela imagem, pelo que chamamos de “desejo pelo que é visível”, um vestígio de si (Le Breton, 2003) que se coadunaria minimamente com o tempo necessário ao psiquismo para se encontrar novamente com seu corpo. Nesse sentido, os cuidados com o corpo contemporâneo – tornados bens de consumo – parecem conferir um *status* imaginário de pertença a um grupo exclusivo que, ao excluir a escuridão da morte, “atinge” uma identidade de bem-estar social, físico e psíquico, que, por sua efemeridade, perde a validade ao raiar do dia.

Como anunciado na introdução deste trabalho, o objetivo desta pesquisa fora lançar possíveis leituras para o que poderia mover meninas adolescentes a procurarem por um implante de prótese de silicone, sob a ótica do corpo representado para a psicanálise. Pudemos verificar com Freud a perenidade da noção de corpo na seara psicanalítica, se pensarmos na noção de Eu como representante de uma imagem de si. No entanto, o desmedido pulsional contemporâneo parece nos aproximar ao excesso da pulsão que escapa das raias da lógica da representação, o que, tudo indica, nos deixou meio à deriva, a meio caminho, meio adolescentes. Esse mesmo desmedido viria então a se coadunar com as articulações de Ehrenberg (1998) como consequência do enfraquecimento das normas que regulavam o coletivo humano em seu passado mais imediato.

De certa forma, ainda recairia sobre nossas adolescentes o livre-arbítrio e a responsabilidade de optar pela busca de seus procedimentos cirúrgicos. Não há como, de todo, isolar o Eu da conjunção composta pelas esferas sócio-político-culturais – no qual ele está inserido - que se estabelecem no projeto das cirurgias estéticas em adolescentes. A precariedade do eu em não dissociar as “percepções internas” das “externas” (Medeiros, 2005) parece levar nossas adolescentes a não saber se “são elas mesmas que querem a prótese de silicone” ou se “a prótese de silicone é que as quer”.

Assim, na cultura contemporânea, são inúmeras as justificativas elaboradas por nossas adolescentes para usufruírem de seus corpos (Mauss, 1934) pelo viés de seus implantes de silicone. Como salientamos já no final do capítulo anterior, com Freud (1914) a chamada crise da adolescência remeteria a um desligamento

do imaginário familiar. Esse fato produziria fissuras na imagem de si da adolescente. Se diante de tais fissuras se espera que alguma elaboração psíquica se dê por parte da adolescente (Alberti, 2008), então a cirurgia estética a que se submete na contemporaneidade se apresenta como mais uma possibilidade, frente a tantas, para o corpo pulsional fazer sua casa no campo da cultura contemporânea. Como exemplo disso, temos a declaração de uma adolescente sobre o porquê de haver optado pela cirurgia: “nosso cartão de visitas é o nosso corpo”.

Nesse sentido, uma vez feita a opção pelo procedimento cirúrgico, vimos ao longo deste trabalho que diversas são as saídas para as nossas adolescentes para a tessitura daquela fissura – composta, além de seu próprio empreendimento, por um jogo de forças que envolve as adolescentes mesmas, seus pais – ou responsáveis –, cirurgiões plásticos e a mídia a pautar o referido fenômeno.

Na pesquisa de campo, através das categorias de análise, pudemos constatar que poucas foram as declarações das adolescentes que pareciam estar mais advertidas sobre a dimensão de suas imagens corporais em relação à cirurgia estética a que se submetiam. Dessa maneira, essas traziam a ideia de um investimento corporal que parecia estar atrelado a um resgate narcísico menos imaginarizado, se assim pudermos dizer. Basta lembrarmos da adolescente que alega que “você precisa saber se isso é algo que realmente te incomoda ou se é só mais uma modinha da qual você quer participar. A cirurgia me ajudou em uma idade bem difícil para uma menina. De alguma forma, o silicone contribui para minha formação como mulher”. Em outro exemplo, temos a declaração de Luciana, de 17 anos, que recorreu à prótese de silicone somente 2 anos após de ter emagrecido 10 kilos. Ela afirma: “Eu acho boa essa cirurgia como no meu caso, estava afetando a minha autoestima, eu tinha vergonha de sair de casa [...] uma cirurgia gasta dinheiro e não é uma coisinha simples que se faz”. Na categoria “Corpos em transformação”, pudemos verificar na fala de Marize, de 15 anos, um mal-estar adolescente que remete ao desabrochar da sexualidade. Respondendo à pergunta de um *blog* se estava satisfeita com o seu corpo, ela diz: “Não estou satisfeita porque vou fazer 15 anos esse mês e não tenho seios, só pelos na vagina e nas axilas. Minhas amigas têm tudo menos eu, isso me deixa triste demais”. Já Jordana, com 21 anos, traz uma declaração interessante: “Baixa autoestima é algo muito mais profundo do que a simples preocupação com a

estética. Já tive problemas com o meu corpo, mas nunca recorri a uma intervenção cirúrgica. Sabia que o problema estava na minha cabeça”.

Tal investimento não foi o que encontramos na grande maioria das declarações, as quais nos indicavam estarem mais direcionadas às demandas sociais por uma beleza plástica “sem tristeza e, sobretudo, sem passado” como no dizer de Sant’Anna (2005). Na categoria “Corpos presenteados”, Tanya, de 15 anos, com a prótese de silicone – que foi um presente de aniversário – parece ter ganho uma imagem de sucesso. Ela alega: “você precisa ter seios de verdade para ter sucesso. Todas na TV já fizeram um implante. Então pensei: qual o problema, se eu posso ter implantes quando eu quiser?”. Já Gisele, de 17 anos, soa categórica: “foi presente antecipado de aniversário, melhor que qualquer viagem”. A diáde moda&beleza, parte do estatuto do corpo na contemporaneidade, irá aparecer nas conclusivas palavras de Evelin, de 16 anos: “É assim – ou você tem beleza, tem peitão ou não é ninguém. Nas novelas, toda garota tem, no cinema idem, no colégio há várias... até a secretária do meu pai está com os seios da moda”. O que normatiza a beleza feminina, no dizer de Novaes (2001, p. 42), não é o fato dos padrões de beleza serem impostos, mas sim que a mulher a todo momento recebe a mensagem de que ela “pode ser bela, se assim o quiser”. A mulher ao aceitar tal mensagem, tudo indica, assume uma responsabilidade sobre o seu corpo que chega a preocupá-la. Na categoria “Corpos desejados: o olhar masculino”, temos a declaração de Antônio, de 42 anos, sobre sua primeira experiência sexual com uma mulher siliconada: “Foi estranho, a garota estava esperando uma avaliação, era mais um julgamento do que uma curtidão”.

Esses dois grupos de adolescentes, a saber, por um lado, as que respondem mais imaginariamente à demanda por um corpo da moda e, por outro, aquelas para as quais o implante de silicone teria como investimento o resgate, diríamos, de um corpo elegante, apresentam, é claro, suas nuances. Tais matizes parecem compor o movimento de busca por um implante de silicone por parte das meninas adolescentes.

Se o corpo histórico, logo, imaginário, tem como corolário a noção de Eu como representante de uma imagem de si, então não temos como contra-argumentar a perenidade da noção de corpo histórico para a teoria psicanalítica. Essa imagem de si parece estar sendo buscada na miríade de opções de cuidados para com o corpo na cultura. Talvez possamos afirmar aqui que, ao contrário do

desmedido pulsional e da conseqüente insuficiência de que falou Ehrenberg, parece haver uma maior adequação do Eu ao projeto de se tornar ele mesmo via cirurgias estéticas. No entanto, como mesmo apontou o autor, isso cansa.

Se o projeto das próteses de silicone para a grande maioria das adolescentes é narcisista para além de um cuidado vital para com o corpo, então devemos lembrar o narcisismo dos pais, quando autorizam as cirurgias de suas filhas. Freud (1914) mesmo já havia nos alertado para o fato de que o amor parental pelos filhos seria o resgate de seu próprio narcisismo outrora perdido. Essa relação aparece na fala de Thereza, de 49 anos, que já fez 8 cirurgias plásticas e ainda encontrou uma clínica que realizou a primeira cirurgia estética da sua filha quando ela tinha 14 anos. Hoje, aos 16, ela já conta com uma prótese de silicone, uma lipo abdominal e de culote e botox entre o nariz e as sobrancelhas. Com a palavra, Thereza: “Enfrentei a resistência do meu marido e do namorado dela. Também deixei de fazer intervenções em mim para investir num corpo perfeito para minha filha”.

Assim, cabe também, às partes envolvidas no projeto prótese de silicone em adolescentes rever de forma ética seus papéis, já que esses contribuem para o estabelecimento de um campo de forças que torna os corpos dotados de uma “docilidade estética”, para parafrasearmos Foucault (2009). Docilidade a serviço de um poder narcísico-corporativista aliado a interesses econômicos. A exemplo, temos a declaração do Presidente da Sociedade Brasileira de Cirurgiões Plásticos, no biênio 2010-2011, no jornal A GAZETA. Ele diz: “Eu fiz a cirurgia da minha filha, por exemplo. E ela adorou”.

Por fim, acreditamos que tanto as considerações de Ehrenberg sobre a insuficiência do indivíduo contemporâneo como as de Freud em relação ao corpo representado aqui expostas são pertinentes para pensarmos o fenômeno de prótese de silicone em meninas adolescentes. Não poderíamos deixar de mencionar Fortes (2008), que irá lembrar que Ehrenberg não leva em conta o fato de que a noção de conflito não seria a única possibilidade para o padecer psíquico em Freud. Na esteira dele, a autora afirma existirem sintomas, os quais não só seriam desprovidos de sentido, de representação, mas que também seriam o derramamento em excesso da descarga pulsional diretamente no corpo, aproximando-se, assim, à noção de pulsão de morte. Da mesma maneira, Pinheiro & Darriba (2011, p. 386) lembram que a neurose de angústia em relação ao corpo,

trazida por Freud, diz respeito à “problematização de algo que não se refere exclusivamente ao conflito psíquico”.

Trabalhar com aquilo que não encontraria ancoragem em uma representação parece ser mais difícil do que ancorar um navio no espaço. Se a prótese de silicone seria mesmo uma prótese para o Eu diante do conflito causado pela fissura do desligamento de uma imagem de si, de uma imagem do seio familiar, ela então tem grandes chances de funcionar, uma vez que é de silicone; silicone, se a marca for boa, geralmente, por um bom tempo, veda bem.



## Referências Bibliográficas

- AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. 1. ed. – Chapecó – SC: Argos, 2009.
- ALBERTI, S. **Esse sujeito adolescente**. 1. ed. – Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.
- \_\_\_\_\_. **O Adolescente e O Outro**. 2. ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- ALONSO, S. L., FUKS, M. **Histeria**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- ANDRÉ, S. **O que quer uma mulher?** 1. ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1986.
- BERNARDINO, L. M. F. **O que a psicanálise pode ensinar sobre a criança, sujeito em constituição**. Org. Leda M. F. Bernardino: São Paulo: Escuta, 2006.
- BIRMAN, J. **Freud e a interpretação psicanalítica**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1991.
- BRAZÃO, M. **Ligeiramente grávidas: sobre a gestação em tempos de culto ao corpo**. 2011. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- BRAZÃO, M., NOVAES, J. V. & VILHENA, J., (2010) Quem quer ficar na barriga da mamãe? Sobre a gestação em tempos de culto ao corpo. **Revista Polêmica da UERJ**. V.9 n.4 p. 43-57, 2010. Disponível em: <http://www.polemica.uerj.br/ojs/index.php/polemica/article/view/66/117>. Acesso em: 17 Jan. 2011.
- CHEMAMA, R. **Dicionário de Psicanálise**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda., 1993.
- COMTE-SPONVILLE, A. C. Retorno às origens da sabedoria. In: COMTE-SPONVILLE, A.; DELUMEAU, J.; FARGE, A. **A mais bela história da felicidade: A recuperação da existência humana diante da desordem do mundo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand do Brasil Ltda., 2006.
- COSTA, J. F. **O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- COSTA, R. Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**. v. 9, n. 17, mar/ago de 2005.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. 10. ed. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto Ltda, 2008.

DELUMEAU, J. A invenção do paraíso In: COMTE- SPONVILLE, A.; DELUMEAU, J.; FARGE, A. **A mais bela história da felicidade: A recuperação da existência humana diante da desordem do mundo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand do Brasil Ltda., 2006.

ECO, U. **História da feiúra**. Rio de Janeiro: Record: 2007.

EHRENBERG, A. **La fatigue d'être soi**. Paris: Odile Jacob, 1998.

EHRENBERG, A. **O sujeito cerebral**. Psicologia Clínica, Ed. PUC-Rio: Companhia de Freud, Rio de Janeiro, v. 12, N 1, p. 187 – 213, 2009.

FORTES, I. A dimensão do excesso no sofrimento contemporâneo. **Pulsional Revista de Psicanálise – Clínica do Social**. São Paulo, v. 21, n. 3, set. 2008.

FOUCAULT, M. **O nascimento da clínica**. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. 36. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FREUD, S. O Eu e o Id In: **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**, volume III: 1923-1940. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Imago, 2007.

FREUD, S. À guisa de introdução ao narcisismo In: **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**, volume I: 1911-1915. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Imago, 2007.

FREUD, S. Pulsões e destinos da pulsão In: **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**, volume I: 1911-1915. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Imago, 2007.

FREUD, S. Além do princípio do prazer In: **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**, volume II: 1915-1920. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Imago, 2007.

FREUD, S. A dissolução do complexo de Édipo. In: FREUD, D. **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1989. v. 19. (1924).

FREUD, S. O estado neurótico comum. Conferência XXIV. In: FREUD, D. **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1989. v. 16. (1916[1917]).

FREUD, S. O mal-estar na civilização. In: FREUD, D. **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1989. v. 21, p. 102. (1930[1929]).

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: FREUD, D. **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1989. v. 7, (1905).

GARCIA-ROZA, L. A. **Artigos de metapsicologia freudiana; 1914-1917: narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente**. 6º ed – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

GERMAIN, A. Prólogo In: COMTE- SPONVILLE, A.; DELUMEAU, J.; FARGE, A. **A mais bela história da felicidade: A recuperação da existência humana diante da desordem do mundo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand do Brasil Ltda. 2006.

GOLDENBERG, M. **O corpo como capital: estudos sobre gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira**. 1. ed. Barueri, SP: Estação das Letras e Cores Editora, 2007.

KEHL, M. R. **Você decide...e Freud explica**. In: *Psicanálise e o Contemporâneo*, Samira Chalhub (org.) Hacker Editores, Cespuc, 1996.

KEHL, M. R. **O tempo e o cão: a atualidade das depressões**. São Paulo: Boitempo, 2009.

LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998.

LE BRETON, D. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**. 1. ed. Campinas, SP: Papirus, 2003.

MAUSS, M. As técnicas do corpo. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

MCLUHAM, M. **A Galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico**. São Paulo, Editora Nacional, Coleção Biblioteca Universitária, Série 5ª, Vol. 12, 1977.

MEDEIROS, S. **O belo e a morte: uma abordagem psicanalítica sobre a estética e o sujeito feminino**. 2005. Tese (Doutorado em Psicologia) – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MORAIS, F. Na toca dos leões: **A história da W/Brasil, uma das agências de propaganda mais premiadas do mundo**. 1. ed. São Paulo: Ed. Planeta do Brasil, 2005.

MOULIN, A. M. O corpo diante da Medicina In: CORBIN, A., COURTINE, J-J., VIGARELLO, G. **A história do corpo: As mutações do olhar**. O século XX. v. 3. 1. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008.

NOVAES, J.V. **Perdidas no espelho? Sobre o culto ao corpo na sociedade de consumo.** 2001. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

NOVAES, J. V. **O intolerável peso da feiúra: sobre as mulheres e seus corpos.** 1. ed. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Garamond, 2006.

NOVAES, J. V. **Com que corpo eu vou? : sociabilidade e usos do corpo nas mulheres das camadas altas e populares.** 1. ed. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Pallas, 2010.

NOVAES, J. V. Beleza e feiura: corpo feminino e regulação social. In: **História do corpo no Brasil.** Orgs. Mary Del Priore, Marcia Amantino. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

PINHEIRO, N. B., Darriba, V. A. O corpo sobre o fio da angústia: reflexões teóricas sobre o estatuto do corpo na clínica psicanalítica. **Revista Polêmica da UERJ**, Rio de Janeiro, v.10. n.3. p.378-388, 2011. Disponível em: <http://www.polemica.uerj.br/ojs/index.php/polemica/article/view/115>. Acesso em: 27 Nov. 2011.

ROUANET, S. P. O homem-máquina hoje. In: **O homem-máquina: a ciência manipula o corpo.** Org. Aduino Novaes. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

RUDGE, A. M. **Pulsão e linguagem: esboço de uma concepção psicanalítica de ato.** 1. ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

RODRIGUES, F. L. NOVAES, J. V. Por uma estética como resistência : cirurgias plásticas ou menos-pausa. **Revista Polêmica da UERJ**, Rio de Janeiro, v. 10. n.4. p.563-574, 2011. Disponível em : <http://www.polemica.uerj.br/ojs/index.php/polemica/issue/view/11/showToc>. Acesso em : 4 Nov. 2011.

SANT'ANNA, D. B. Cuidados de si e embelezamento feminino : fragmentos para uma história do corpo no Brasil. In : **Políticas do corpo : elementos para uma história das práticas corporais.** 2. ed. São Paulo : Estação Liberdade, 2005.

TUCHERMAN, I. **Breve história do corpo e de seus monstros.** 1. ed. Lisboa : Vega Limitada, 1999.

TUCHERMAN, I. A juventude como valor contemporâneo : Forever young. In : **LOGOS 21 : Comunicação e religiosidades.** ano 11, n. 21., p. 134 – 150, 2º semestre de 2004, Rio de Janeiro : UERJ, Faculdade de comunicação social.

TUCHERMAN, I., SAINT-CLAIR, E., O corpo transparente: dispositivos de visibilidade e mutações do olhar. **Intexto.** Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 19, p. 1-17, julho/dezembro 2008.

VIEIRA, M. A. **Restos: uma introdução lacaniana ao objeto da psicanálise.** Rio de Janeiro: Contra Capa, 2008.

VIGARELLO, G. **História da beleza**. 1. ed. Rio de Janeiro : Ediouro, 2006.

VILHENA, J.; NOVAES, J. V.; ROCHA, L. In: Comendo, comendo e não se satisfazendo: apenas uma questão cirúrgica? **Revista Mal-Estar e Subjetividade**. Fortaleza – v. VIII, n. 2, p.379-406, 2008. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-61482008000200006](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482008000200006) . Acesso em: 25 Out. 2011

VILHENA, J.; MEDEIROS, S.; NOVAES, J. V. A violência da imagem. Estética, feminino e contemporaneidade. In: **Revista mal-estar e subjetividade da UNIFOR**, Fortaleza, v. V, n.1, p. 109-144, 2005. Disponível em: [http://www.unifor.br/images/pdfs/pdfs\\_notitia/797.pdf](http://www.unifor.br/images/pdfs/pdfs_notitia/797.pdf). Acesso em: 29 Out. 2011.

WESTERFELD, S. **Feios**. 2. ed. Rio de Janeiro: Galera Record, 2010.

WESTERFELD, S. **Perfeitos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Galera Record, 2011.

ZALCBERG, M. **As histéricas, contam-nas uma por uma: da solução “perversa” na mulher**. 1995. Tese (Doutorado em Psicologia) – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.